

Em busca do espaço perdido

*Largo da Lapa
Dall'Ara*

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

INSTITUTO DE GEOCIÊNCIAS

**EM BUSCA DO ESPAÇO PERDIDO -
A reconstrução das identidades espaciais do bairro da
Lapa na cidade do Rio de Janeiro**

ROSALINA MARIA COSTA

DISSERTAÇÃO SUBMETIDA AO CORPO DOCENTE DO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA
DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO COMO REQUISITO PARCIAL PARA OBTENÇÃO DO
GRAU DE MESTRE EM CIÊNCIAS (M.Sc.)

Aprovada:

MAURÍCIO DE ALMEIDA ABREU (Orientador)

INÁ ELIAS DE CASTRO

ROBERTO LOBATO CORRÊA

JOÃO RUA

Rio de Janeiro, RJ - BRASIL
OUTUBRO DE 1993

COSTA, Rosalina Maria

EM BUSCA DO ESPAÇO PERDIDO - A reconstrução das identidades espaciais do bairro da Lapa na cidade do Rio de Janeiro: UFRJ, 1993.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGG, 1993.

Bibliografia: pp. 217-25

Assunto: 1. Bairro da Lapa. 2. Cidade do Rio de Janeiro. 3. Identidades Espaciais.

I. Universidade Federal do Rio de Janeiro/PPGG

II. Título

*Para Rosa e Edgard,
a quem devo a vida.*

*Para Eduarda e Marcelo,
a quem dei vida.*

*Para Claves,
a quem me dou em vida.*

Agradecimentos

Ao CNPq e à CAPES pela Bolsa de Estudos que me foi concedida durante a realização do Curso de Mestrado.

Sou grata

ao professor Maurício de Almeida Abreu, meu orientador, não só pela forma pertinaz como conduziu a elaboração do trabalho, mas também pela oportunidade do convívio com seu espírito brilhante;

ao professor Roberto Corrêa pelos longos anos de incentivos e pelo exemplo dado de integridade e competência profissional;

à professora e amiga Iná Elias de Castro pelas sugestões apresentadas no Exame de Qualificação e pela demonstração de como a mulher se destaca na academia;

aos colegas de turma Adriana, Cláudio, Carmem, Lori, Luciana, Marcelo, Ney, Paulo, Rosane, pela experiência coletiva vivida, marcada por momentos de “apertos” e de muita alegria;

aos mestres eternos e aos companheiros de vida Anair de Oliveira, Cleusa Ventura, Conceição Cardoso de Barros, Dolores Valladão, Estelita Cardoso de Barros (*in memoriam*), Ilmar Rohloff de Mattos, João Rua, Lea Valverde Silva, Leticia Pini, Luiz Antonio de Moraes Ribeiro (*in memoriam*), Marcia Magalhães Fernandes, Margarida de Souza Neves, Marylin de Oliveira, Patrícia Russo, Rubens Figueiredo, Selma Rinaldi de Mattos, Vilma Gomes, que sempre acreditaram em mim e por isso me deram muita força enquanto eu lhes roubava tempo de atenção e carinho;

à Ciça, Patrícia, Mônica, Diogo, Túlio ... alunos com quem sempre aprendi.

Enfim, agradeço à vida que colocou em meu caminho pessoas tão especiais.

RESUMO

O presente trabalho tem como finalidade reconstruir as identidades espaciais do bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro.

Trata-se de um caso singular de bairros multifacetados e deteriorados que no caso específico do Rio de Janeiro, a partir da primeira década do século XX, conformam uma área teoricamente identificada como zona periférica do núcleo central da cidade.

A reconstrução das identidades é feita através do espaço da memória daqueles agentes sociais que viveram a experiência do lugar - Lapa, em torno de 1910-1940. Uns, como "famílias". Outros, como "boêmios".

ABSTRACT

The presente work aims to reconstruct the spacial identities of Lapa neighborhood, in the city of Rio de Janeiro.

This is a singular case of deteriorated and multifaceted neighborhoods, that in the specific case of Rio de Janeiro, from the first decade of the 20th century, constitute an area theoretically identified as a peripheral zone of the central nucleus of the city.

The reconstruction of identities is made through the space of memory of those social agents who lived the experience of place-Lapa around 1910-1940. Some, as "families". Others, as "bohemians".

SUMÁRIO

Introdução.....	01
Parte I - Em busca da teoria	
Algumas premissas.....	13
O bairro pensado como identidade espacial.....	18
Parte II - Em busca do contexto	
A Lapa na cidade colonial.....	44
A Lapa na cidade em transição.....	56
- A transição lenta.....	58
- A transição se acelera.....	60
- A transição se completa.....	71
A Lapa na grande cidade capitalista.....	92
Parte III - Em busca do espaço perdido	
A memória do espaço.....	129
O espaço da memória dos velhos.....	135
O espaço da memória dos boêmios.....	171
Em busca da conclusão	
A representação como reprodutora de identidades espaciais.....	208
Fontes e Bibliografia.....	217

INTRODUÇÃO

"Quantas e quantas vezes viajei, primeiro no espaço, depois no tempo, em minha busca, na de minha rua, na de meu sobrado... Cuspei a recuperá-lo. Aviltado pelos anos e reformas sucessivas ... não havia meios da recordação provocada entregar-me a velha imagem. Foi preciso o milagre da memória involuntária."

Pedro Nava

Este trabalho é resultado de um desejo¹ não realizado, de uma idéia não consumada.

Trata-se do desejo de eternizar vidas, eternizar lugares. De condenar as transformações. De se agarrar ao passado - que é presente - através de espaços vividos.

Mas é, ao mesmo tempo, desejo movido pela idéia de mudança - de pensar novos espaços. É viver uma vida de paradoxos e contradição... é ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador..."² pois

*"...toda a apreensão autêntica do passado implica sempre uma recriação, uma reinvenção radical."*³

Assim, escolhemos como objeto real de pesquisa o bairro da Lapa, na cidade do rio de Janeiro, pois foi aí que se instalaram - e viveram, em torno de 1910-1940, meus avós imigrantes, recém-chegados de Portugal. Onde se conheceram meus pais. E onde praticamente nasci. A Lapa, neste sentido, é o espaço de nossas vidas.

Como não poderia falar do fragmento sem o todo, elegemos também o Rio de Janeiro, que abrigou a Lapa em seus diferentes contextos: a Lapa na cidade colonial; a Lapa na cidade em transição; a Lapa na grande cidade capitalista. Faremos, assim, a leitura do bairro através do tempo e do espaço da cidade do Rio de Janeiro que, por sua vez, é expressão e condição do processo de formação de nossa sociedade.

Ao mesmo tempo mostramos nossa predileção pelo tema cidade, esta obra dos homens que, ao longo do tempo, apresenta - novas e velhas - formas geográficas de expressar suas contradições e crises. As formas-aparência. As formas-conteúdo. Os bairros, as casas, as avenidas, os trabalhadores, o poder público ... Cidade, aqui entendida como

*"espaço urbano ... fragmentado e articulado, reflexo e condicionante social, um conjunto de símbolos e campo de lutas".*⁴

Nosso objetivo é tentar identificar e reconstruir as identidades espaciais de bairros multifacetados. Isto é, daqueles bairros que historicamente, como manifestação espacial de uma dinâmica social segregadora, se transformaram em áreas com múltiplas funções - locais de residência, de oficinas, de pequenas indústrias, de comércio, de depósitos, de lazer, de prostituição ...

Esses bairros são aqueles que, no caso específico do Rio de Janeiro, a partir de meados da primeira década do século XX, conformam uma área teoricamente identificada como zona periférica imediata do núcleo central da cidade. Abrigando uma população predominantemente de baixo *status* social, que reside em imóveis geralmente deteriorados, essas áreas acabam sendo invariavelmente estigmatizadas, dando origem, não raro, a imagens de vício e crime.⁵ Como exemplos dessas áreas, podemos citar, no Rio de Janeiro, os bairros da Lapa, Gamboa e Saúde.

Sendo então a Lapa um caso singular desses bairros, são algumas das singularidades desse lugar que pretendemos examinar.

No entanto, mesmo que em seu conjunto, a zona periférica ou deteriorada tenha, quase sempre, a marca da "pobreza, vício e crime", julgamos que cada um dos bairros que a compõem possui suas próprias identidades espaciais, podendo inclusive ocorrer que uma dessas identidades passe a dominar as outras no imaginário coletivo da cidade.

Emerge, assim, uma questão: por que uma identidade espacial domina as demais no imaginário coletivo da cidade? E fazemos dessa a nossa questão,

sobre a qual trataremos também através do caso específico do bairro da Lapa. Questão que, para ser respondida, nos levará a percorrer caminhos do conhecimento nos quais a nossa geografia ainda não se move com muita segurança. O que significa dizer que entramos com medo. Mas sem covardia. Correndo inclusive o risco de errar. Mas acreditando que o risco é pré-condição para qualquer avanço.

Para recriar o bairro da Lapa partimos da certeza provisória⁶ que nesse lugar no período em torno de 1910-1940, duas identidades foram espacialmente construídas. Uma, a de bairro da boemia. Outra, a de bairro residencial-familiar. A primeira dominou o imaginário coletivo da cidade do Rio de Janeiro. A segunda, como imagem de uma identidade espacial, ficou sufocada pela primeira. Tanto que a Lapa familiar da qual sempre ouvimos falar em criança, não correspondia, inteiramente, à Lapa sobre a qual todas as gentes falavam. Pois a Lapa desse período ficara, na história da cidade, conhecida e reconhecida como o bairro da boemia.

Sendo assim, nosso objetivo é então tentar reconstruir as duas identidades espaciais da Lapa para o período de 1910-1940.

Como instrumentos de trabalho para essa reconstrução, utilizamos as lembranças de antigos moradores ou antigos frequentadores desse lugar, isto é, recorreremos às lembranças das "famílias" e dos "boêmios" através do espaço de suas memórias.

Memória no sentido proustiano de busca do espaço "que testemunha um momento das coisas fixadas na paisagem;⁷ que faz ressurgir coisas perfeitamente humildes, do "vulgar" da vida cotidiana; que para ser desvendada "basta um empedrado irregular ou a textura de uma toalha de rosto!";⁸ Que percorre ruas; onde se perfilam rostos; que localiza - pois só os lugares oferecem precisão às imagens.

Memória, então, que encontra apoio no espaço e estabilidade na confiança do (re)encontro com os seres de uma convivência coletiva. Pois como nos mostra Maurice Halbwachs, "o tempo da memória não se concretiza a não ser quando se encontra a resistência de um espaço que se habitou". E para que essa resistência se manifeste é preciso que emane de um grupo. E o que leva os grupos a se ligarem a um lugar é o fato de estarem próximos no espaço que criou entre seus membros relações sociais⁹ - uma família, uma vizinhança, um local de trabalho, um local de prazer... Que criou, acrescentaríamos, uma subjetividade espacial coletiva.

E nesse sentido, o espaço proustiano da memória responde à nossa exigência de aproximação dos aspectos mais banais do cotidiano - "um universo, extremamente significativo, de evidências". Embora não possamos nos perder no "labirinto das aparências e dos excessos"¹⁰

O espaço da memória das "famílias" fomos buscar através de conversas - mais do que entrevistas - que realizamos com antigos moradores do bairro.

Nesse sentido trabalhamos também com a memória dos velhos, já que todos os antigos moradores recordadores têm hoje mais de setenta e cinco anos de idade.

Nessas entrevistas procuramos trazer sua vida cotidiana através das lembranças do bairro, ou seja: seus limites; suas ruas; suas casas; seus símbolos; suas festas; seus moradores; o período em que nele viveram ... E também a cotidianidade através das lembranças de suas práticas e percursos diários; dos locais que freqüentaram; do convívio com a vizinhança; dos afetos partilhados ...

Enfim um reconhecimento de todos os elementos que permitiram a construção, no passado, de suas identidades espaciais, agora representadas como imagens no espaço de sua memória.

Por isso, inspirados e fortalecidos pelo trabalho de Ecléa Bosi - Lembrança de Velhos - não nos propuzemos fazer com eles um trabalho de amostragem. Apenas registramos "a voz e, através dela, parte da vida e do pensamento" ¹¹ de seres que têm em comum um espaço social dominante em suas vidas de criança e de jovens - o bairro da Lapa, na cidade do Rio de Janeiro.

A veracidade dos relatos foi garantida pelo método da busca, segundo o qual a verdade depende de um encontro com alguma coisa que nos força a pensar e a procurar o que é verdadeiro¹².

As narrativas fazem parte do corpo principal do trabalho, pois nelas estão contidas as memórias dos velhos, aquelas que trabalharam em busca do espaço perdido. Num trabalho árduo limitado por corpos frágeis, vidas fugidias e fortes emoções expressas em risos e lágrimas. Trabalho limitado por pensamentos que tropeçavam entre os tempos e entre os lugares. E pela cegueira do espírito que procurava situar-se entre duas épocas distintas. Ou seja, onde.

"...a ressurreição do passado... [forçava o] espírito a "trébucher" [tropeçar] entre lugares remotos e lugares presentes no atordoamento de uma certeza semelhante a que por vezes sentimos diante de uma visão inefável, ao adormecermos" ¹³

O espaço da memória dos "boêmios" fomos buscar nas lembranças cantadas e escritas em prosa e verso, a partir da década de 40, pelos próprios boêmios, quando assistiam à "morte" de sua Boêmia lapeana, ou seja, daquele lugar que permitira a construção de suas identidades espaciais boêmias.

Essas lembranças eram uma tentativa de ressuscitar uma Lapa que surgira no início do século, mas que já não existia, a não ser, agora, como representação, como imagem no espaço da memória daqueles que a vivenciaram. Pois a Lapa, a partir do final da década de quarenta, vai sofrer uma intensa campanha de repressão e moralização. E nas décadas seguintes vai assistir a uma cada vez maior deterioração de sua forma-aparência e de seu conteúdo social. Que culmina com as "cirurgias urbanas", executadas pelo poder público, que extirpavam todos aqueles bairros, ou pedaços de bairros,

que estivessem no caminho das vias expressas exigidas pela "febre viária" do transporte individual - o automóvel.¹⁴ A Lapa era um deles.

Nos anos 70 a descaracterização culmina com a derrubada de grande parte do casario mais antigo para abrir novos espaços de circulação da cidade.

Dessa forma o período em torno de 1910-1940 é o tempo do território de coexistência possível entre essas duas identidades espaciais - familiar e boêmia. Pois no início do século XX, quando se inaugura o novo contexto urbano do Rio de Janeiro como grande cidade capitalista, e delinea-se a "zona periférica central", estão chegando no bairro da Lapa, ao mesmo tempo, imigrantes e boêmios. E em torno de 1940 estão deixando a Lapa os filhos desses imigrantes e a última geração dessa Boêmia lapaena. Os que ficam significam apenas vestígios de um tempo e de um espaço que se perdeu ...

Quanto à demarcação territorial - daquilo que consideramos, para esse tempo, o bairro da Lapa - foi feita com base na experiência daqueles sujeitos que individual ou coletivamente viveram seu cotidiano nesse lugar. E também na experiência daqueles que, nesse tempo, viveram na cidade do Rio de Janeiro em outros lugares.

Por tudo isso pretendemos abordar a Lapa como uma realidade ao mesmo tempo objetiva e subjetiva.

A possibilidade de recriar a Lapa como um espaço de identificação, através da memória, se baseia na premissa de que, nas primeiras décadas

desse século, no Rio de Janeiro, o bairro ainda se constituía no fragmento da identidade entre o homem e a cidade.

Pois ao identificar-se com seu bairro, o homem não está nomeando aquilo que é único, excepcional. E sim aquele espaço que ele experimentou em vida. Pois o homem não pode experimentar o todo. Ele dá conta apenas do fragmento do todo.

NOTAS:

¹ Desejo - aqui - pensado como uma idéia simples, onde "com ele - e através dele - um mundo chega ao artista, ao apaixonado, ao político", ao cientista, ao homem comum. Desejo que está inscrito em toda parte - nas atividades livres e opressivas - ordenando "as coisas que virtualmente já existiam", funcionando "às vezes sem interrupção, às vezes descontínuo. Concretizando potencialidades. Pois, produtor, o desejo estabelece conexões, relações que não param de atravessar um real do qual jamais sente falta, já que se alimenta dele."

Essa idéia de desejo, não está confinada ao desejo em triângulo - pai, mãe, castração. Mas, sim, no sentido proposto por Felix Guattari e Gilles Deleuze na obra *Anti-Édipo*, onde quebram a relação entre o desejo e a carência. Ver DESCHAMPS, Christian. *As Idéias Filosóficas Contemporâneas na França: 1960 - 1985*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, pp. 19-20-21

² BERMANN, Marshall. Tudo que é sólido desmancha no ar - a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1987, p.13.

³GUATTARI, Felix. Caosmose: um novo paradigma estético. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. .

⁴CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática, 1989, pp. 7-8-9-10.

⁵CORRÊA, R. L.. *Op. cit.*, p. 71.

⁶Segundo Christian Deschamps devemos aprender "a desconfiar das proclamações definitivas" e preferir "as perguntas e os confrontos pertinentes às soluções". DESCHAMPS, Christian. As Idéias Filosóficas Contemporâneas na França. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1991, p. 140.

⁷SANTOS, Milton. Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978, p.138.

⁸DUBY, Georges e LARDREAU, Guy. *A memória e o que ela esquece*. In Diálogos sobre a nova história. Lisboa: Publicação D. Quixote, 1989, p. 63.

⁹HALBWACHS, Maurice. A Memória Coletiva. São Paulo: Vértice, 1990, p.158.

¹⁰RIBEIRO, Ana Clara Torres. Rio-Metrópole: A produção social da Imagem Urbana. São Paulo, : Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo-USP, . Departamento de Ciências Sociais, Área de Sociologia, Tese de Doutorado, (2 volumes), 1992, p.249.

¹¹BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos . São Paulo: T. A. Queiroz Ed. USP. 1987, pp. 1-2.

¹²DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. Rio de Janeiro: Ed. Forense - Universitária, 1987, pp. 15-6-7-8.

¹³*Apud* POULET. George. O Espaço Proustiano. Rio de Janeiro: Imago. Ed., 1992, pp. 14-5-6.

¹⁴ABREU, Maurício de Almeida. Evolução urbana do Rio de Janeiro. IPLANRIO/Zahar, 1987, pp. 144-5.

Parte I

Em busca da teoria

Algumas Premissas

"A realidade é transitória e por isso mesmo é importante que tenhamos consciência do caráter transitório dos saberes."

Wanderley Guilherme dos Santos

Primeiramente gostaríamos de lembrar que vivemos um momento de crise social global e de crise do conhecimento que se alimentam historicamente. Um momento de contraposição à razão, à possibilidade, aos sistemas, à inteligência ¹. O que não significa dizer que devemos fazer uma apologia à ignorância. Mas sim que este momento é, ao mesmo tempo, precioso e perigoso para a vida acadêmica. Precioso pois, ao rompermos com o cientificismo, já não existem nítidas fronteiras teóricas e grilhões paradigmáticos. O que abre um campo muito fértil, muito rico, de criação do "novo". Perigoso, porém, porque há o risco da perda dos referenciais teóricos. O que significa grave empobrecimento do "velho".

Em segundo lugar, gostaríamos de destacar que a crise da razão provoca uma busca de grandes articulações que é destacadamente sensível aos signos sociais e às experiências vividas. Busca que reintroduz no coração dos saberes contemporâneos um questionamento sobre o sentido, os valores, as verdades.

Trata-se, segundo Edgar Morin, da busca de uma razão renovada cujo "saber alegre, emancipado de todos os totalitarismos pensa com a complexidade" ².

Assim, neste contexto de "emergência espiritual" se dá, também, o resgate da subjetividade. O que é um desafio!

Mas como nos encontramos ainda no meio da travessia desse rio epistemológico, gostaríamos de assumir algumas premissas, como forma de garantir - com uma certa dose de segurança - nossa chegada à outra margem... desse nosso trabalho.

Nossa primeira premissa diz respeito à importância do "elemento subjetivo enquanto componente da realidade social",³ acreditando que é na vida cotidiana de todo homem que se dá a produção da subjetividade.

Segundo Agnes Heller, "todo homem é ao mesmo tempo, ente particular-individual e ente humano-genérico, ou seja, uma "singularidade" e, simultaneamente, uma parte orgânica da humanidade, da história humana". ⁴ Em outras palavras, embora a sociedade e a história se imponham aos homens, que "agem dentro das condições herdadas" ⁵, suas ações não são apenas resultados de suas consciências carregadas de determinações histórico-sociais. Os homens não são apenas objetos de um tempo e de um espaço social. Eles são, sim, "manifestação de seu tempo e de sua sociedade", porém recriam seu tempo e sua sociedade em seu próprio cotidiano".⁶

Na vida cotidiana de cada homem, destaca Agnes Heller, "colocam-se em funcionamento, todos os seus sentidos, todas as suas capacidades intelectuais, suas habilidades manipulativas, seus sentimentos, paixões, idéias, ideologia".⁷ Uma carga enorme, acrescentaríamos, de subjetividade.

Para H.Lefebvre, os gestos de cada dia, as refeições, as roupas, o corpo, as relações de vizinhança, a missa, o cinema, os anúncios... tudo isso tem um sentido". E esse sentido diz respeito a todo mundo. Por isso, ele propõe que façamos da vida cotidiana um objeto de meditação filosófica, assim como de análise das diferentes áreas das ciências sociais. E, ainda, que devemos conceber a vida cotidiana como "uma maneira não-banal de ver a banalidade" - fazendo surgir o "extraordinário do ordinário" ⁸.

A vida cotidiana , diz H. Lefebvre, sempre existiu impregnada de valores, de ritos, de mitos. Por isso para Antonio Carlos Moraes, é preciso fazer um reconhecimento das "formas pelas quais os homens se vêem no mundo, pelos seus valores, suas crenças e concepções". Enfim, um reconhecimento "pelo fluido mundo das representações" ⁹.

Para Felix Guattari, a subjetividade é produzida por instâncias individuais, coletivas e institucionais. Daí considerá-la plural ¹⁰. Segundo ele, são múltiplos os registros que concorrem para o engendramento da subjetividade. Entre eles encontram-se os "componentes semiológicos significantes", ou seja, os sinais significativos que se manifestam através da família, da educação, do meio ambiente, da religião, da arte, do esporte.¹¹

Desde crianças experimentamos uma dialética entre "afetos partilháveis" e "afetos não-partilháveis" que estruturam as fases de nossa subjetividade ¹².

A cidade, a rua, o prédio, a porta, o corredor... mobilizam, segundo F. Guattari, cada um por sua parte e em composição global, focos de subjetivação ¹³. E, quer tenhamos consciência ou não, o espaço construído nos interpela de diferentes pontos de vista: estético, histórico, funcional, afetivo... Os espaços construídos são "máquinas de sentido", de sensação, evocadores de "companheiros".¹⁴

Mas ainda com F. Guattari, os territórios etológicos originários do ser humano - corpo, clã, aldeia, culto, corporação, - que seriam focos de subjetivação - não estão mais dispostos em um ponto preciso da terra. A subjetividade, segundo ele, entrou no reino de um nomadismo generalizado ¹⁵.

Nossa segunda premissa teórica é a de que a identidade é um sistema de interpretações, pois segundo Cornelius Castoriadis "cada sociedade é uma construção, uma constituição, uma criação de um mundo, de seu próprio mundo. Sua própria identidade nada mais é que esse sistema de interpretações, esse mundo que ela cria. E é por isso que a sociedade, assim como o indivíduo, "percebe como uma ameaça mortal qualquer ataque a seu sistema de interpretação: ela percebe tal ataque como um ataque à sua identidade, a si mesma".¹⁶

A instituição da sociedade, instituição tomada por C. Castoriadis no sentido mais amplo e radical - normas, valores, língua, instrumentos, procedimentos e

métodos de lidar com as coisas e fazer as coisas, e, naturalmente, o próprio indivíduo, no tipo e forma geral e particular que a sociedade considerada lhe conferiu - , é constituída de várias instituições particulares, as quais formam um todo coerente e como tal funcionam. Essa unidade da instituição total da sociedade, é, segundo ele, "a unidade e a coesão interna da imensamente complexa teia de significados que permeiam, orientam e dirigem toda a vida da sociedade considerada, bem como os indivíduos propriamente ditos que constituem o corpo dessa sociedade". A essa teia de significados ele chama de "magma de significações imaginárias sociais" que são "levadas e incorporadas na instituição de dada sociedade e que, por assim dizer, a animam".¹⁷

Ele nomeia essas significações como imaginárias porque não correspondem, ou não são esgotadas por referências a elementos "racionais" ou "reais", e porque "são postas por criação". E chama-as sociais "porque existem somente se são instituídas e partilhadas por uma coletividade..."¹⁸.

Cada sociedade estabelece (cria) seu próprio mundo, dentro do qual, naturalmente, ela "se" inclui. E é a instituição da sociedade que determina o que é "real" e o que não é, o que é "significativo" e o que não é. A feitiçaria, exemplifica Castoriadis, foi real em Salem há três séculos atrás e agora não.¹⁹

E é nesse sentido que o "sistema de interpretação", esse mundo criado (posto por criação) - as significações imaginárias sociais - se constitui na própria identidade da sociedade e dos indivíduos.

O Bairro Pensado como Identidade Espacial

*"Do plano da geografia, a noção de situação extravasa para os domínios mais variados da experiência do mundo. A 'situação' de um homem supõe um 'espaço' onde 'se move' ; um conjunto de relações e de trocas; direções e distâncias que fixam de algum modo o **lugar** de sua existência".*

Eric Dardel

Cada bairro significa, para seus moradores e para os moradores de outros bairros, uma importante fonte de identificação já que ele é, ao mesmo tempo, uma demarcação espacial e social.²⁰

Se, como agentes sociais no mundo, estamos sempre em um lugar, nossas relações com ele constituem-se em elementos da construção de nossas identidades individuais e coletivas.²¹ Pois "na experiência do lugar existe a sensação comum de familiaridade. Nesse sentido, o papel do tempo ligado à experiência continuada é fundamental para a caracterização do lugar."²² Assim,

o bairro pensado como o lugar onde nascemos, crescemos ou vivemos com intensidade durante algum tempo cria em nós um sentido de lugar - uma identificação.

A partir de nossas investigações nos textos daqueles geógrafos que, em nosso país, discutiram acerca da natureza e do significado de bairro,²³ concluímos que - por mais diferenciadas que fossem suas orientações teórico-metodológicas - eles sempre apontavam para a idéia de identidade espacial.²⁴

Assim é o caso de Pierre Monbeig (1943) que, ao eleger o bairro como uma fração do território da qual os geógrafos não podem deixar de tratar - pois "não será completo o estudo urbano, se não reservar um longo espaço à descrição e ao dinamismo de cada bairro" ²⁵ - afirma, em seu trabalho-marco "O Estudo geográfico das cidades", que conceitualmente

"Um bairro tem uma feição que só a ele pertence, uma vida particular freqüentemente desenvolvida; tem sua alma. Mas, tem também suas razões de ser que a topografia e a história podem explicar."

Ou ainda, dentro da mesma linha de pensamento, Maria Therezinha Segadas Soares(1958) ²⁶ completando a idéia acima, nos mostra que

"a noção de bairro é uma noção de origem popular, tirada da linguagem corrente. Para o habitante de uma cidade, o bairro constitui, no interior da mesma, um conjunto que tem sua própria originalidade ..., não há, na maioria dos casos, coincidência entre a

noção popular de bairro e ... as unidades administrativas ... A noção popular de bairro é muito mais geográfica, mais rica e mais concreta ... Ela se baseia num sentimento coletivo dos habitantes que têm a consciência de morarem em tal ou qual bairro. Esse conhecimento global, que cada um tem de residir em determinado bairro é fruto da coexistência de uma série de elementos, que lhe dão originalidade, uma individualidade, em meio aos outros bairros que o cercam. Cabe à geografia definir quais são esses elementos que unidos, dão a um bairro sua feição característica."

Esses elementos originais de um bairro são então aqueles que o diferenciam dos demais bairros e permitem, assim, sua identificação. É pela identificação dos elementos que individualizam cada bairro, que se torna possível dar-lhes uma identidade geográfica.

M.T. Segadas Soares, ao recorrer ao geógrafo francês Jean Tricart, verifica que os elementos individualizadores do bairro são, ao mesmo tempo, uma certa paisagem urbana, um certo conteúdo social e sua função, e que "uma mudança em um desses três elementos basta para fixar o limite do bairro".²⁷

Segundo ela, a paisagem diz respeito ao tipo de casa, idade e estilo das construções, disposição das ruas, - é a forma-aparência, diríamos hoje; o conteúdo social refere-se ao nível e modo de vida de seus habitantes - é a forma-conteúdo expressa na vida cotidiana, acrescentaríamos; e a função fala do papel do bairro dentro do organismo urbano, que pode ser residencial, produtiva, comercial, administrativa - são os diferentes usos do solo do espaço urbano, que

aparecem fragmentando-o, mas que na realidade se dão de forma articulada, contraporíamos.²⁸

Mas, para M.T. Segadas Soares, no caso específico do Rio de Janeiro, existe um quarto elemento, cuja importância é responsável pela individualização de certos bairros da cidade. Trata-se do sítio - o local onde o bairro se implantou. E propõe como o melhor exemplo de bairro cujo sítio representa um papel importante na sua caracterização, na sua delimitação, na sua própria vida, o bairro de Santa Teresa. Afirma que, no início de sua ocupação, foi o sítio elevado que atraiu os primeiros moradores. Pois, ao terminar a primeira metade do século passado, "o carioca descobria ... a amenidade da moradia naquelas alturas, onde não chegavam os odores, os miasmas e os mosquitos da cidade" .²⁹

Além de Santa Teresa, cujo elemento de caracterização , como vimos, é o sítio, M.T.S. Soares analisa, nesse trabalho, três outros bairros e elege, para cada um deles, um elemento diferenciador-identificador. Assim, na década de 50, a heterogeneidade social caracterizaria a Gávea; a função industrial seria o principal elemento de diferenciação de São Cristóvão; a "permanência da paisagem urbana, típica de uma época anterior, seria o melhor traço de diferenciação da Tijuca em relação aos bairros vizinhos, "mais modernos ou menos aristocráticos".

No entanto, M.T.S. Soares está atenta para o fato de que a rápida evolução da cidade - da então metrópole do Rio de Janeiro - pode gerar mudanças nas funções ou no conteúdo social dos bairros, alterando dessa forma antigos elementos e/ou criando novos elementos de diferenciação.³⁰

Essa mesma noção de bairro domina "a nata da geografia paulista", que publica, sob a direção de Aroldo de Azevedo (1958), um trabalho em quatro volumes intitulado "A cidade de São Paulo (Estudos de Geografia Urbana)". No terceiro volume dessa obra, Renato da Silveira Mendes ³¹ propõe uma classificação para os bairros segundo sua posição geográfica em relação à Área Central - Norte, Leste, Sul e Oeste. E chama a atenção para o fato de que o estudo geográfico dos bairros, ou seja, sua evolução, contendo a reconstituição de seus aspectos e sua fisionomia no passado, permite-nos verificar que "através deles pulsa a força expansiva da metrópole". Pois, no caso de São Paulo, afirma, os bairros podem ser comparados a "barômetros" da expansão urbana, pois "neles se registram, com fidelidade, as maiores ou menores "pressões" dessa marcha avassaladora ... "

Ainda nesse trabalho, R.S. Mendes nos aponta um outro fato interessante, ao atestar que

"em regra, a criação de um subdistrito é posterior à formação e individualização do bairro, não significando outra coisa senão a consagração do designativo nascido da boca do povo".

E que, por essa razão, podemos verificar "a extravagância de certos nomes" de bairros paulistas, ou, pelo menos, seu caráter nitidamente popular, como os de Água Rasa, da Água Funda, do Chora Menino, do Bexiga, do Brás, entre outros.

Para esses geógrafos, da chamada Geografia Tradicional ou Clássica, cada parte da cidade, isto é, cada bairro, é explicado por si mesmo, através de seus elementos geográficos de identificação. Enquanto o "todo" é pensado como a vida de relações entre as partes.

Devido às novas influências teórico-metodológicas que passam a dominar o pensamento dos geógrafos brasileiros, a partir da década de 1960, a noção de bairro, que dominava nos estudos da cidade, dilui-se pela força "das relações", "dos processos" e "dos fluxos" que passam a ser estudados. O bairro, filho dileto da monografia urbana, não será mais discutido conceitualmente durante longo tempo.

Paulatinamente, o bairro vai perdendo sua excepcionalidade e se transforma em unidade de análise de processos mais amplos. A "evolução urbana" não é mais percebida através de suas partes - os bairros - mas sim pelo "todo" - a cidade - que vai se estruturando e se organizando internamente.

Naquele momento da produção geográfica, o novo contexto urbano exigia novas leituras. "As forças de acumulação capitalista redesenhavam toda a estrutura espacial de fixos e fluxos", reformulando o padrão de relações intra-urbanas e com isso redesenhando a organização interna das cidades.³²

Os bairros perdem "a alma". Perdem a "vox populi". Passam, agora, a ser tomados como unidades de análise passíveis de classificação e hierarquização. Todavia, permanecem como unidades de identificação de processos espaciais. O próprio termo "bairro" desaparece dos textos de alguns geógrafos, sendo

substituído por termos tais como centros e subcentros. Vejamos um exemplo referente ao Rio de Janeiro:

"Depois da Área Central destacam-se como centros funcionais dinâmicos, de forte intensidade, Madureira e Copacabana que registram grande número de freqüentadores ... Madureira aparece em lugar de destaque quanto à quantidade de pessoas que procura seu comércio varejista ... Já quanto aos serviços médicos, dentários e bancários, Copacabana ocupa, depois do Centro, posição privilegiada. O Méier aparece em terceiro lugar quanto ao número de freqüentadores ... Seguem-se a Penha, centro funcional da zona da Leopoldina, e Campo Grande, exemplo de subcentro periférico que serve à faixa oeste do Estado." ³³

Embora deixado de lado enquanto noção conceitual - passível de discussão teórica - o bairro não foi abandonado pelos geógrafos brasileiros e suas "geografias". Quer pela Geografia Neopositivista, que trata as parcelas do espaço urbano como unidades topológicas; quer pela Geografia Crítica de denúncia, que busca a relação entre o processo social e forma espacial - tão bem expressa e identificada nos bairros; quer pela Geografia Crítica, que "tem nas razões históricas e nas determinações sociais a sua maior fonte de inspiração e de teorização, e na contestação da ordem estabelecida o seu 'leitmotiv' " ³⁴; quer ainda, por outras "geografias" cuja orientação teórica deixa um pouco "tonta" a historiografia geográfica.

Todas essas "novas" geografias não abandonaram o bairro, mas retardaram sua (re) construção teórica.

A partir de finais da década de 1970, os temas relativos à cidade se diversificaram numa tentativa de dar conta - de forma crítica - da complexidade das contradições sócio-espaciais das cidades brasileiras. Mas será apenas na década de 80, dentro de um novo contexto histórico material e intelectual que o bairro - que fora tão prestigiado pelos estudos da Geografia Tradicional, abandonado durante longo tempo como discussão teórica, e até mesmo desprezado por parte de geógrafos marxistas que excluíam de suas análises a dimensão subjetiva da realidade social e consideravam o bairro um fenômeno residual,³⁵ - ressurge como tema de interesse central para alguns geógrafos e como um conceito a ser (re)pensado teoricamente.

Assim é o caso de Francisco Capuano Scarlatto,(1989) que, em sua tese de doutorado intitulada "O Real e o Imaginário no Bexiga: Autofagia e Renovação Urbana no Bairro", busca uma nova identidade geográfica para o bairro paulista do Bexiga. Esse bairro foi no passado um bairro de imigrantes italianos, mas segundo ele, as novas formas de uso e ocupação do solo nesse lugar, estariam cada vez mais distantes daquelas tradições históricas relacionadas com a "imaginação italiana", que produziu a antiga identidade do bairro. Segundo F.C. Scarlatto, o italianismo estaria agonizando no Bexiga, mas a imaginação italiana insistiria em sobreviver nas ideologias de escritores e de pequenos negociantes locais, que se beneficiam com a preservação das tradições. E sobreviveria, também, no coração de alguns saudosistas que ainda não perceberam que estão fora do lugar. ³⁶

Ao buscar uma nova identidade geográfica para o Bexiga, F.C. Scarlatto busca ao mesmo tempo uma nova "identidade" teórica para a noção de bairro, partindo de uma concepção muito próxima daquela dos geógrafos "tradicionais", ou seja, a da noção popular de bairro, mas, superando-a teóricamente.

Segundo ele,

*"um bairro tende a ser muito mais do que um território com limites administrativos. Ele é o resultado de um conjunto de relações sociais que passam pela consciência histórica de pertencerem a uma localidade, cujos limites podem ser definidos pelo grau de relações entre as pessoas ao viverem um mesmo cotidiano, problemas da rua ou do quarteirão,[...] um clima de "cumplicidade" para viver ou encontrar saída para os mesmos"*³⁷.

Para F.C. Scarlatto(1989), o bairro pode ser encarado como o lugar onde as relações de vizinhança se encontram bem configuradas. Segundo ele, as ruas e os quarteirões são "microcosmos" que se transformam em "macrocosmos" quando a população desses diferentes pontos é atraída pelas festas religiosas e sociais, aos locais históricos, que podem ser uma praça, uma rua, ou uma igreja.³⁸

Dessa forma os espaços vivenciados no cotidiano, como as casas, as ruas, e as praças passam para o nível das representações simbólicas, tornando assim o bairro "uma unidade espacial de profunda significância para compreendermos as transformações de uma cidade ou da sociedade como um todo".³⁹

No entanto, destaca F.C. Scarlatto, essas relações de vizinhança passam a ser ameaçadas pelo processo histórico - configurando uma nova noção de bairro. A mobilidade espacial intra-metropolitana criada pelos mecanismos da economia em países economicamente dependentes, diz ele, "impossibilita a fixação dos indivíduos em seus locais de origem".⁴⁰

Além disso, as formas de intervenção do poder público sobre o espaço urbano levam à perda daquele sentimento de domínio sobre os limites de um espaço de representações, historicamente determinado. Levam à mudança das formas de identificação, mais ou menos remotas, anteriores ao grande processo da industrialização, principalmente nas economias subdesenvolvidas industrializadas. "O cidadão passa a se identificar cada vez mais com os limites convencionais administrativos, determinados pelo poder público". Da voz do povo para a voz do Estado - poderíamos acrescentar. Para F.C. Scarlatto⁴¹, "aquela identificação do indivíduo com o lugar torna-se, hoje, difícil".

Já para Marcelo de Souza (1988), a noção popular de bairro é "fluídica", evolui às vezes com rapidez, o que constitui um obstáculo às pretensões de elaboração de algo como uma teoria geral do bairro, ao menos no que se refere à dimensão subjetiva - intersubjetiva. E, ao propor uma conceituação alternativa de "caráter experimental" para o bairro, condena os subjetivismos e objetivismos, partindo da pressuposição básica de que o bairro, "qualquer bairro é simultaneamente uma realidade objetiva e subjetiva-intersubjetiva, e estas duas

dimensões interpenetram-se e condicionam-se uma à outra ao longo do processo histórico."⁴²

Segundo Marcelo Souza

"o bairro pertence àquela categoria de "pedaços de realidade social" que possuem identidade mais ou menos inconfundível para todo um coletivo; o bairro possui uma identidade inter-subjetivamente aceita pelos seus moradores e pelos moradores de outros bairros da cidade, ainda que com variações".

Segundo suas palavras, é imprescindível que uma realidade, para ser um bairro, desperte uma empatia no cidadão, pois é essa empatia, a sensação de entrar no bairro, por exemplo, que é a base da identidade do bairro.

"Os limites do bairro podem ser imprecisos, podem variar um pouco de pessoa para pessoa. Mas se essa variação for muito grande, dificilmente se estará perante um bairro, porque dificilmente haverá um suporte para uma identidade razoavelmente compartilhada, ou um legado simbólico suficientemente expressivo. Para existir um bairro, ainda que na sua mínima condição de referencial geográfico, é necessário haver um considerável espaço de manobra para inter-subjetividade, para uma ampla interseção de subjetividades individuais". ⁴³

A atribuição de um significado ao bairro, a formação de uma imagem mental forte, a construção da identidade do bairro na mente do indivíduo, a "bairrofilia" ⁴⁴, dependem, afirma M. Souza, de diversas circunstâncias. A vivência do (e o apego ao) bairro, conquanto seja de certo modo única para cada indivíduo, necessariamente consiste num terreno mais ou menos comum para todo um conjunto de indivíduos, os quais vêem assim suas imagens mentais se aproximarem e se superporem a ponto de possibilitar a comunicação. "Comunicação de um referencial, comunicação de uma afetividade". ⁴⁵

De acordo ainda com Marcelo Souza, se não houver uma dimensão objetiva de análise que interaja dialeticamente com a dimensão subjetiva-intersubjetiva da realidade social, temos que aceitar que as nossas mentes são as únicas responsáveis pela existência dos bairros. Por isso propõe que não devemos nem coisificar o bairro como uma "individualidade objetiva de formas espaciais e funções, historicamente forjada no contexto da ação das "leis gerais da sociedade e acima das subjetividades; nem fantasmagorizar o bairro - como um espaço vivido e sentido por um coletivo, onde a realidade sócio-espacial que existe objetivamente, fora da mente de cada um, não é examinada seriamente e criticada". ⁴⁶

Assim como F.C. Scarlatto, M. Souza se preocupa em conceituar o bairro pela sua historicidade. E acrescenta que "o significado, o conteúdo da idéia bairro são mutáveis como a própria realidade objetiva", mas uma "certa unidade na diversidade é garantida pela permanência de alguns aspectos ao longo da evolução das cidades, não obstante as manifestações segundo o contexto e o movimento. " ⁴⁷

A noção de bairro de Marcelo Souza se aproxima bastante do conceito de lugar proposto pelo geógrafo John Nicholas Entrikin (1991), em trabalho intitulado sugestivamente de "The Betweenness of Place", o qual traduzimos como o "estado-de-estar-entre do lugar". Dentro dos quadros de uma Geografia Humanista Crítica, J.M. Entrikin propõe que, para que possamos compreender o lugar, é necessário que tenhamos acesso tanto à realidade subjetiva quanto à realidade objetiva desse lugar (The Betweenness of Place) . E que a especificidade do lugar - subjetiva-objetiva - deve ser vista dentro de um determinado contexto ("Place as Context"), que incorpora tanto a qualidade existencial da nossa experiência do lugar quanto nosso sentido de lugar pensado como objeto do mundo. Ou seja, que fiquemos entre uma visão centrada, na qual nós somos uma parte do lugar e do período, e uma visão descentrada, na qual nós procuramos transcender o aqui e o agora. ⁴⁸

* * *

É importante ressaltar que, ao percorrermos nossa literatura geográfica, não pretendemos realizar uma antologia dos textos que glorificam o bairro. Nem representá-lo ideologicamente como a essência da realidade urbana. Como nos alerta Henri Lefebvre, não são os bairros que instituem os papéis sociais. Mas se constituem, sim, num fragmento espacial privilegiado, na medida em que a cidade, pensada como unidade, ao se estender, ao se dispersar, pode encarnar-se nesses bairros através de relações interpessoais imediatas.⁴⁹

Nossa intenção é reforçar a noção de bairro enquanto espaço de identidade, pois ao identificar-se com seu bairro, o homem não está nomeando aquilo que é único, excepcional. E sim aquele espaço singular que ele experimentou em vida. Pois o homem não pode experimentar o todo. Ele dá conta apenas do fragmento do todo.

A partir, então, dessas noções, que em seu conjunto pensam o lugar-bairro como um espaço de identidade, abordaremos nosso objeto de estudo.

* * *

Mas antes, gostaríamos de destacar que o bairro da **Lapa** em torno de 1910-40, não se constitui, como na maior parte dos casos, num espaço de identidade inconfundível.

Sua realidade objetiva, pensada teóricamente, para esse período, é a da formação de uma área periférica, imediata ao núcleo central, que vai pouco a pouco sendo desvalorizada, segregada e deteriorada. Pois, após as transformações ocorridas no início do século XX, no espaço urbano da cidade do Rio de Janeiro, o bairro da **Lapa** e suas imediações vão se consubstanciar como um espaço complexo, caracterizado por múltiplas funções urbanas, tais como local de residência, de oficinas, de pequenas indústrias, de comércio, de depósitos, de serviços, de lazer, de prostituição, de boemia.⁵⁰

Estamos então diante de um lugar multifacetado que por sua complexidade poderia nos levar a reconhecer nele também múltiplas identidades espaciais.

No entanto, como afirmamos e reafirmamos teoricamente nessa parte do trabalho, para que um lugar - um bairro - se constitua num espaço de identificação é necessário que nos reconheçamos como parte dele. Que se apresente como condição de experiência humana - individual e coletiva. Que represente um espaço vivido. Nesse sentido, acreditamos que nesse lugar - o bairro da Lapa -, em torno de 1910-40, apenas duas identidades tenham sido espacialmente construídas. Uma, a de bairro da boemia. Outra, a de bairro residencial-familiar. A primeira dominou o imaginário coletivo da cidade do Rio de Janeiro. A segunda ficou, enquanto imagem de uma identidade espacial, sufocada pela primeira.

E é sobre essa questão que pretendemos tratar. A da dupla "personalidade" do lugar, da esquizofrenia de um bairro, em uma área segregada e deteriorada - o caso específico do bairro da **Lapa**.

Antes, no entanto, acompanhemos o bairro da Lapa, nos diferentes contextos da cidade do Rio de Janeiro, que antecederam e conviveram com o contexto da Lapa de 1910-1940.

¹SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Discurso sobre o objeto: uma poética do social. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria de Estado da Cultura, 1990, pp. 7-8.

²MORIN, Edgar. Le Paradigme perdu. Paris: Seuil, 1975, *apud*, DESCHAMPS, Christian. As Idéias Filosóficas Contemporâneas na França: 1960-1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991, pp. 102-3-4-5

³MORAES, Antonio Carlos Robert. *Historicidade, consciência e construção do Espaço*. In A Construção do Espaço. Orgs. SOUZA, M.A. e SANTOS, M.. São Paulo: Nobel, 1986, pp. 42-3-4.

⁴HELLER, Agnes. O Cotidiano e a História. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989, p. 47.

⁵MARX, Karl, *apud* MORAES, A.C.R.. *Op. cit.*, p. 42.

⁶MORAES, A. C. R.. *Op. cit.*, p. 44.

⁷HELLER, A.. *Op. cit.* p. 17.

⁸LEFEBVRE, H. *Henri Lefebvre*. In Idéias Contemporâneas: Entrevistas do Le Monde. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989, pp. 131-32-33.

⁹MORAES, A. C.R.. *Op. cit.*, p. 43.

¹⁰GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992, p. 11.

¹¹Idem, pp. 14-5.

¹²Idem, p. 16.

¹³Idem, p.161-2.

¹⁴Idem, pp. 153 a 159.

¹⁵Idem, p. 169.

¹⁶CASTORIADIS, Cornelius. *O Domínio Social-Histórico*. In *Os Destinos do Totalitarismo e outros escritos*. Porto Alegre: L&PM Ed., 1985, pp. 30-1.

¹⁷CASTORIADIS, C.. *Op. cit.*, pp. 23-4.

¹⁸Idem, p. 33.

¹⁹Idem, p. 30.

²⁰LOGAN, John R. e MOLOTCH, Harvey L.. Urban Fortunes: The Political Economy of Place. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, Ltd., 1987, p.107.

²¹ENTRIKIN, J. Nicholas. The Betweenness of Place:towards a geography of modernity. London, Macmillan Education Ltd., 1991, pp.1-2-3.

²²RELPH, Edward. Place and Placelessness. London, Pion, 1976, pp.42-3,. *apud* HOLZER, Werther. A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990. Rio de Janeiro, UFRJ/IGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dissertação de Mestrado, 1992, pp.249-250-251. Foi desse extraordinário trabalho que extraímos também a epígrafe dessa parte de nosso trabalho (p. 92).

²³Utilizamos como guia básico para nossas investigações sobre o bairro, dentro dos quadros da geografia urbana produzida em nosso país: ABREU, Maurício de. O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil: Evolução e Avaliação (contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro). UFRJ, Departamento de Geografia, 1991 (texto-xerox).

²⁴Ao trazermos para as páginas de nosso trabalho os textos de nossos geógrafos o fazemos sem julgamentos radicais, levando em consideração o tempo e o espaço, ou seja, o contexto onde sua produção foi realizada. Se estivéssemos, como geógrafos, vivendo os anos cinqüenta, no Brasil, provavelmente estaríamos fazendo, agora, uma belíssima monografia urbana de uma certa cidade ...

²⁵MONBEIG, Pierre. *O estudo geográfico das cidades*. In Boletim Geográfico 1 (7), 1943, pp.7-29. Segundo Maurício de Abreu, o ponto de partida inequívoco da realização da pesquisa geográfica urbana, no Brasil, dentro dos quadros de uma geografia moderna e acadêmica, encontra-se na atuação de Pierre Monbeig na USP e mais especificamente nesse seu trabalho-marco *O estudo geográfico das cidades* - a primeira obra metodológica e didática sobre o assunto, realizada no Brasil, "que viria orientar o pensamento de inúmeros geógrafos brasileiros por mais de um quartel de século". Ver ABREU, Maurício de A. *O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil*. *Op. cit.*, p. 6..

²⁶SOARES, Maria Therezinha Segadas. *O conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro*. In Boletim Carioca de Geografia 11(3/4), pp.47-8.

²⁷TRICART, Jean. *Cours de Géographie Humaine*, fascicule II. In *L'habitat urbain*. p.147, *apud* SEGADAS SOARES, M.T., *Op.cit.*, 1958, p.48.

²⁸Com relação à constituição do espaço urbano, ver CORRÊA, Roberto Lobato. *O Espaço urbano*. Rio de Janeiro: Editora Ática, 1989. pp.7-10.

²⁹SEGADAS SOARES, M.T. . (1958). *Op. cit.* , p. 50

³⁰Idem, p.48.

³¹MENDES, Renato Silveira. *Os Bairros da Zona Norte e os Bairros Orientais*. In *A Cidade de São Paulo - Estudos de Geografia Urbana*, volume III. São Paulo. Associação dos Geógrafos Brasileiros, 1958, p. 184-85. Existe também, para este período da história do pensamento geográfico brasileiro, um trabalho de "grande envergadura, elaborado em 1963, sob a direção de Pasquale Petrone, intitulado "Pinheiros-Aspectos geográficos de um bairro paulistano". Nele o bairro aparece integrado ao conjunto maior que é a cidade, embora seja a sua estruturação interna o centro maior de interesse. O trabalho não discute conceitualmente o bairro. Ele destaca-se mais pela preocupação com o método. Ver PETRONE. Pasquale (1963). *Pinheiros - Estudo Geográfico de um bairro paulistano*. São Paulo, EDUSP.

³²ABREU, M. de A. *O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil*. *Op. cit.*, p.23.

³³DUARTE, Haidine da Silva Barros. *A Cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais*. In *Revista Brasileira de Geografia* 36 (1), Rio de Janeiro, 1974, pp.78-9.

³⁴ABREU, M, de A, *O Estudo Geográfico da Cidade no Brasil*. *Op. cit.*, p. 44.

³⁵LOGAN, J.R. e MOLOTCH, H.L.. *Op.cit.*, p.100.

³⁶SCARLATTO, Francisco Capuano. O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro. São Paulo: USP/FFLCH/Departamento de Geografia, Tese de Doutorado, p.21-2.

³⁷Idem, p. 178.

³⁸Idem, pp. 178-9.

³⁹Idem.

⁴⁰Idem, p.182.

⁴¹Idem, p.181.

⁴² SOUZA, Marcelo José Lopes de. O que pode o ativismo de bairro? Reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista. Rio de Janeiro: UFRJ/IGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia. Dissertação de Mestrado, 1988, p. 54.

⁴³Idem, p.57.

⁴⁴A palavra "bairrofilia", utilizada por Marcelo Souza, se inspirou no termo topofilia (amigo do lugar) criado pelo geógrafo Yi-Fu Tuan. Ver TUAN, Yi-Fu. Topofilia. São Paulo: DIFEL, 1980. Ver SOUZA, M.J.L. de. *Op. cit.*, p. 55.

⁴⁵SOUZA, M.J.L. de. *Op.cit.*, p.29-30-31.

⁴⁶Idem, p.34.

⁴⁷Idem, p. 61.

⁴⁸ENTRIKIN, J. N.. *Op. cit.* , p.6.

⁴⁹LEFEBVRE, Henri . *Barrio y vida de barrio* .In De lo rural a lo urbano. Barcelona: Ed.Península, 2. ed., 1973, p. 198.

⁵⁰Nem toda a zona periférica do núcleo central do Rio de Janeiro foi constituída inicialmente, como veremos ao longo da segunda parte do nosso trabalho, do mesmo modo. Parte dela já nasce como bairro popular, como no caso dos bairros da Gamboa e Santo Cristo. Outra parte, como no caso da Lapa, tem origem nobre. Por isso concordamos com Marcelo de Souza quando define área de obsolescência - que é parte da zona periférica - como "todos aqueles locais que, despidos de importância de que desfrutaram noutras épocas - em regra como núcleos residenciais da burguesia, pequena burguesia ou aristocracia - apresentam-nos uma herança de formas depreciadas, às quais revestem conteúdos substancialmente diversos dos originais". Ver SOUZA, Marcelo José Lopes de . "Os Espaços de Perdição"- Breve Estudo sobre a obsolescência urbana. Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de Geografia, monografia de Graduação, 1985.

Sobre a discussão da "zona periférica do núcleo central" ou "zona de obsolescência", ver também: CORRÊA, R.L. O espaço urbano. *Op. cit.*; RABHA, Nina Maria de Carvalho. *Cristalização e Resistência no Centro do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ/IGEO/Departamento de Geografia, Tese de Mestrado, 1984; e STROHAECKER, Tania Marques. *O Bairro de São Cristóvão: de arrebalde aristocrático a periferia do centro*. Rio de Janeiro: UFRJ/IGEO/ Departamento de Geografia, Tese de Mestrado, 1989.

Parte II

Em busca do contexto

A LAPA NOS DIFERENTES CONTEXTOS DO RIO DE JANEIRO

"... a espacialidade está sujeita a um dinamismo fornecido pelo movimento da sociedade, mas é parcialmente minimizada pela força de inércia dos objetos materiais socialmente produzidos..."

Roberto Lobato Corrêa

Não podemos falar do bairro da **Lapa** sem pensar na realidade histórica na qual está inserido. Em outras palavras, a história da **Lapa** pode ser lida através da evolução urbana da cidade do Rio de Janeiro, que por sua vez é expressão e condição do processo de formação e transformação de nossa sociedade.

Assim, os usos diferenciados do espaço da **Lapa**

"... inscrevem-se nas diferentes categorias da cidade pelas quais passou historicamente [o Rio de Janeiro] em sua formação - de cidade colonial à grande metrópole ..."¹

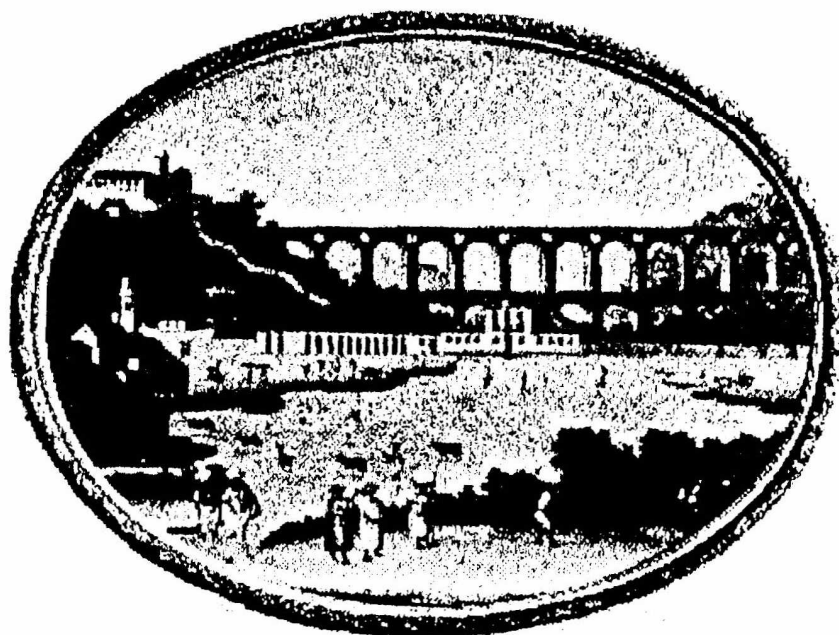
Por essa razão, propomos percorrer, nesse capítulo, os diferentes contextos urbanos em que esse bairro se insere, para que possamos chegar ao contexto da

Lapa de 1910-1940, ou seja, o tempo e o espaço da **Lapa** no tempo e no espaço da cidade do Rio de Janeiro.

Antes, no entanto, gostaríamos de lembrar que muitas vezes pode ocorrer um descompasso entre um novo tempo e seu rebatimento no espaço - mesmo que esse último tenha sido condição para a mudança. Trata-se do curso de tempo necessário para a materialização, para a realização, para a espacialização do novo contexto.²

Feita essa ressalva, propomos então pensar a **Lapa** em três diferentes contextos da cidade do Rio de Janeiro. Contextos esses cuja diferenciação vai sendo revelada ao longo desta parte do trabalho. São eles:

- a **Lapa** na cidade colonial;
- a **Lapa** na cidade em transição;
- a **Lapa** na grande cidade capitalista.



LAGOA DO BOQUEIRÃO
ÓLEO DE LEANDRO JOAQUIM DO FIM DO SÉCULO XVIII
MUSEU HISTÓRICO NACIONAL

A Lapa na cidade colonial

"A cidade se derramou pela planície arduamente conquistada por aterros e obras de drenagem."

Lysia Bernardes

A cidade do Rio de Janeiro, que poderia ter sido, logo de início, francesa, após vários contratempos e lutas entre franceses e portugueses - e os índios tamoios entre eles - é erguida em caráter definitivo, em 1567, pelo português Mem de Sá, então Governador Geral do Brasil, em local protegido "no morro que passaria a chamar-se do Descanso, depois de São Januário, finalmente do Castelo"³

Mas, como nos mostra Lysia Bernardes, a pequena povoação, de 150 habitantes, de função militar, se tornou pequena demais para uma cidade que cresce em importância, ao acompanhar os "avanços do povoamento na região", passando a assumir, também, a função portuária "como escoadouro da produção açucareira dos seus arredores e da baixada da Guanabara". Pouco a pouco a povoação vai se estendendo "nas imediações do morro, e, no século XVII, seu centro econômico já se encontra na planície, onde são construídos trapiches, armazéns ... igrejas e fortificações." ⁴

A descida foi árdua. E, segundo Alberto Lamêgo

"o brejo foi o obstáculo principal à expansão urbana do Rio de Janeiro, nos três primeiros séculos de sua evolução... O carioca ainda a descer o morro do Castelo, 'rodeado de mangues' pescava caranguejos nos fundos dos quintais" ⁵

A luta para enxugar a terra - "varar os lamaçais ou deles desviar-se" - foi dura. Ruas tortuosas costeavam os vários morros, então existentes, em busca de terreno firme. E, além dos brejos, várias lagoas, como as do Boqueirão e do Desterro⁶, que cercavam a área da futura Lapa, retardaram durante longo tempo a ocupação humana e, assim, a expansão da cidade.

Ainda no século XVI, a necessidade de braços para movimentar os engenhos que progrediam e se multiplicavam, fez com que se iniciasse a importação de escravos, em considerável escala.⁷ Escravos que vão formar, a partir do século XVIII, um componente importante da população do Rio de Janeiro.

A cidade é, nesse momento, expressão e condição da reprodução da economia colonial.

A economia colonial organiza-se de forma especializada e complementar à economia metropolitana, pois deve cumprir sua função precípua de instrumento de acumulação primitiva de capital, cujos mecanismos para sua realização forçam a colônia: a produzir um excedente que se transforma em lucros ao se

comercializar a produção no mercado internacional; a transformar-se em mercado da produção metropolitana; e a gerar um lucro que é apropriado quase integralmente pela burguesia metropolitana - fato que só é possível na medida em que esse padrão de troca se baseia no monopólio do comércio por parte da Metrópole, ou seja, no exclusivo metropolitano.

Se o móvel da empresa colonial é o lucro, torna-se necessário rebaixar, ao máximo, o custo de reprodução da força de trabalho. Assim, o trabalho compulsório-escravo era mais rentável que o emprego de trabalho assalariado. Além disso, o próprio tráfico negreiro abre "um setor do comércio colonial altamente rentável e representa poderosa alavanca à acumulação de capitais" ⁸

No século XVII a cidade se caracteriza por conquistar a várzea e o sertão. Num primeiro esboço de expansão que vai deixar fixado, por meio de caminhos e núcleos de urbanização, o que seria a cidade futuramente.

A cidade colonial, nesse momento, está demarcada na planície por um quadrilátero mais ou menos regular, formado pelos morros do Castelo e de São Bento de um lado, e o valado⁹ e o morro de Santo Antônio, do lado oposto.

O centro administrativo e comercial situa-se no Largo do Carmo e adjacências. O porto também localiza-se no mesmo Largo. Ruas vão surgindo, dia a dia - da orla marítima até à Vala - ocupando a Várzea entre o morro de São Bento e o outeiro da Glória. E para vencer os caminhos encharcados, esburacados ou pedregosos, que as necessidades da vida cotidiana obrigavam

os cariocas a palmilhar, empregavam-se os próprios pés. Os animais ainda eram escassos.¹⁰

Os engenhos de açúcar e sua expansão vão deixando esboçados tanto os futuros subúrbios da zona norte, até Santa Cruz, tais como Penha, Irajá, Madureira, quanto os bairros da zona sul, pois "havendo formado, de passagem, os bairros do Catete, Flamengo, Botafogo e Humaitá, o caminho para o Engenho d'El Rei iria desbravar todas as extensas terras de Sacopenapã, nome que designava, na época, todas as regiões da Gávea, Leblon, Ipanema, e Copacabana. E mesmo para além da Gávea, seguir caminho, ainda na trilha do açúcar, até Jacarepaguá".¹¹

O século XVIII vai ser decisivo para o crescimento da cidade colonial e para a existência da **Lapa**.

*"O Rio de então, já era o porto escoadouro das minas e se tornaria a capital da colônia o que, multiplicando suas funções urbanas, aumentou sensivelmente sua população e lhe deu forças para completar a conquista dos brejos e lagoas."*¹²

A cidade foi beneficiada por sua posição de centro de convergência e encontro "do caminho das Minas e do caminho marítimo" . "O ouro ofuscou o açúcar" e essa substituição foi ainda precipitada, em meados do século, pela expulsão dos jesuítas - os maiores senhores de engenho da cidade¹³

" [O] ... ouro da Gerais, que "calçou de ouro as ruas de Lisboa" ... deu vida à ... cidade ... Com ele o Rio cresceu ".¹⁴

[Nesse século, reconhecido como o "dos grandes governadores" da cidade colonial, Gomes Freire de Andrada - o Conde Bobadela - , talvez o mais destacado entre eles, em 1744, conclui as obras de um novo aqueduto que melhorou significativamente as condições de abastecimento de água para os habitantes da cidade. Trata-se do novo aqueduto da Carioca - os Arcos da Carioca - "com dupla arcaria de pedra e cal, que trazia água diretamente do morro do Desterro ao Santo Antônio." ¹⁵

Surgem assim os Arcos, uma das maiores obras realizadas na cidade colonial e transformada em símbolo da cidade do Rio de Janeiro. E será à sombra dos Arcos que se fundará a **Lapa**.] Até hoje, símbolo e lugar se confundem, pois roubado da Carioca, já faz muito tempo que nessa cidade só se fala nos **Arcos da Lapa**.

[Em meados do século XVIII, havia no local onde é a **Lapa** uma praia pequena e estreita, encaixada entre a lagoa do Boqueirão, os morros das Mangueiras e do Desterro, hoje Santa Teresa. Era conhecida como praia das Areias de Espanha, denominação para a qual não existe uma explicação segura. Segundo alguns eruditos, o nome dado pelos portugueses se inspirava numa "cor local" que bem podia estar]

"na semelhança entre as suas areias cariocas, à vista do Outeiro da Glória e do Morro de Santa Teresa, e as de certas praias

espanholas, diferentes das de Portugal e que seus olhos estivessem habituados". ¹⁶

Entre a praia e o morro das Mangueiras, junto da chácara do Capitão Antônio Rabelo Pereira - adquirida mais tarde pelo Governador Gomes Freire e por este doada às freiras de Santa Teresa - nada mais havia senão um pequeno campo despovoado. E nele foi que em 1751, o padre Angelo Siqueira Ribeiro do Prado, nascido de uma ilustre família paulista, levantou seu seminário-e-capela, em louvor de N.S. da Lapa, destinado à formação de sacerdotes para as missões apostólicas. A mesma N.S. da Igreja da Lapa dos Mercadores, que fora edificada em 1740, na rua do Ouvidor, esquina da Travessa do Comércio,

"Senhora que da Lapa se chamava por se ter dado sua aparição numa Lapa em Portugal, à maneira da de Lourdes, na França." ¹⁷

O seminário-e-capelinha - que passou a ser conhecida como a de N.S. da Lapa do Desterro, devido à proximidade do morro do mesmo nome - davam fundos para a Praia das Areias de Espanha. A área fronteiriça ao seminário, contrariando uma norma carioca, não recebeu, de início, o nome da Santa da igreja local, mas passou a ser conhecida como Campo ou Largo dos Formigões, por andarem os seminaristas "vestidos de uma sotaina preta e capinha da mesma cor." ¹⁸

A cidade, ao longo do século, vai se desenvolver e ganhar tal importância que "conquista a hegemonia", isto é, Salvador não pode "evitar a '*capitis diminutio*' que significou, em 1763, a transferência da capital da Colônia para o Rio. E seus governadores passaram a vice-reis".¹⁹

O novo momento da cidade colonial, ou seja sua "nova posição ocupada no sistema colonial português" vai fazer dela um local de atração de numeroso contingente populacional, resultando num incremento demográfico significativo tanto na cidade quanto em seu entorno. Para o Rio são atraídos "tropeiros que faziam a ligação com o planalto aurífero" ; soldados incumbidos de defender a cidade e impedir o contrabando; novas levas de portugueses, atraídos pelo florescimento do comércio; homens para o campo que expandem a atividade agrícola nas circunvizinhanças, objetivando atender tanto ao mercado interno quanto externo; negros africanos, pois "para viabilizar todo esse dinamismo econômico, foi incrementado, como era de se esperar, o tráfico negreiro, reforçando o importante papel de recepção e de distribuição de força de trabalho cativa que a cidade já exercia."²⁰

A presença do escravo é marcante. As ruas do velho Rio apresentam um incessante vaivém de negros com suas vestes típicas, batucando, cantando, "caminhando em ritmo de dança". Eles se organizam em numerosos ranchos que saem à rua em diversas festas públicas - é o carnaval carioca que toma forma e "que virá um dia, a substituir a velha e tradicional festa do entrudo lisboeta".²¹

O seu vaivém também se faz notar pois o "negro de ganho", liberto ou escravo, era ainda o grande responsável pelo transporte de pessoas e de cargas

"de toda natureza" na cidade. Embora, em meados do século XVIII, graças a uma pequena melhoria do calçamento e conservação de algumas ruas, já começassem a aparecer, na cidade do Rio de Janeiro, os primeiros veículos dotados de rodas e puxados por animais, destinados exclusivamente, ao transporte de pessoas. Eram as seges e as traquitanas e, mais tarde, os coches.²² No entanto, as ruas, em geral, eram acanhadas, mal calçadas, mal iluminadas, não raro inundadas - por ocasião de chuvas fortes - o que dificultava, sobremaneira a circulação de veículos, ou mesmo de pedestres.

[Embora as ruas continuassem estreitas, as construções começam, ainda no século XVIII, a sofrer algumas mudanças. Se fazem melhores, mais sólidas e mais bem acabadas. Ao lado das casas térreas surgem os sobrados de um ou dois andares, com balcões de frente e água-furtada. Surgem as primeiras mudanças na forma-aparência da cidade e arrebaldes.]

Fora do centro, novas edificações surgem em meio a amplas chácaras e vivendas ajardinadas, onde se busca, nos domingos e feriados, vida mais desafogada e ar mais livre.²³

[As novas edificações começam a surgir bem maiores, construídas de pedra, "sendo esta freqüentemente talhada". O ciclo arquitetônico da taipa-de-mão ou de pau-a-pique vai cedendo lugar ao da cantaria luso-tropical.²⁴

A população da cidade também adensou-se e as construções multiplicaram-se ao longo do litoral, na direção sul, até o largo do Machado.

Foram preenchidos os vazios ainda existentes à beira-mar entre o Castelo e o morro do Desterro ...

"mas, a rigor, apenas a Lapa e a Glória adquiriram caráter urbano,"²⁵

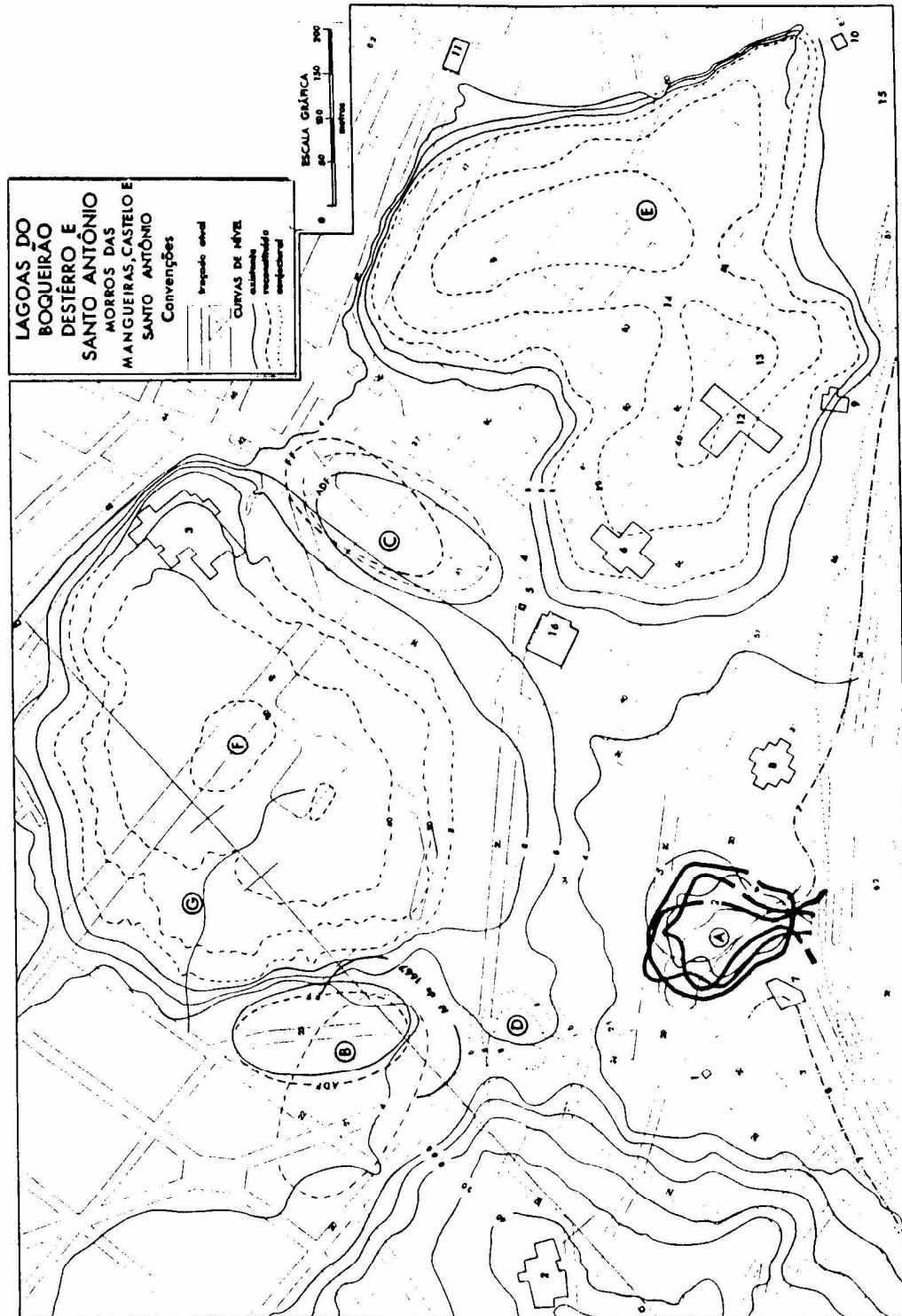
graças as obras de aterro das lagoas do Desterro e do Boqueirão.

A lagoa do Boqueirão da Ajuda era uma das zonas mais insalubres da cidade. Segundo Cláudio Bardy, "evitava-se passar por ela, e ninguém, com exceção de alguns miseráveis, habitavam as cercanias".²⁶

No entanto, em 1779, tão logo assumiu o governo, o vice-rei D. Luís de Vasconcelos e Sousa confiou a Mestre Valentim²⁷ o projeto do futuro Passeio Público.

A obra é iniciada com o arrasamento do morro das Mangueiras, junto do largo da **Lapa**, e com o material obtido inicia-se o aterro do Boqueirão. Terminado o aterro, toda a área é arborizada e surge um jardim que termina "à beira-mar num espaçoso terraço, em cujas extremidades laterais colocam-se pavilhões fechados, ricamente decorados com pinturas murais e quadros".²⁸ Em 1783, a obra está terminada e passa a ser local de passeio obrigatório dos moradores livres da cidade.

Assim como os **Arcos**, o **Passeio Público** vai se transformar, durante um longo período,²⁹ em símbolo da cidade do Rio de Janeiro. Seu significado para as



**ACIDENTES FÍSICOS
DESAPARECIDOS OU MODIFICADOS:**

- A — Lagoa do Esqueirão, aterrada no último decênio do século XVIII.
- B — Lagoa do Destêrro, aterrada nos meados do século XVIII.
- C — Lagoa de Santo Antônio, aterrada nos meados do século XVIII.
- D — Morro das Mangueiras, prolongamento do Morro do Destêrro, e que, segundo diversos historiadores, serviu com seu desmonte, para aterrar a Lagoa do Esqueirão.
- E — Morro do Castelo, arrasado em 1922.
- F — Morro de Santo Antônio, arrasado nos meados deste século.
- G — Córrego do Morro de Santo Antônio, que forme aparece na Medição de 1667.

**OUTRAS OCORRÊNCIAS:
(Lapa e adjacências)**

- 1 — Antiga Igreja da Lapa
- 2 — Cemitério de Santa Teresa

**LOGRADOUROS ATUAIS:
(Lapa e adjacências)**

- 20 — Rua do Riachuelo
- 21 — Av. Mem de Sá
- 22 — Rua do Lavradio
- 23 — Rua dos Arcos
- 24 — Rua Vis. de Maranguape
- 25 — Rua Joaquim Silva
- 26 — Lajeira de Santa Teresa
- 27 — Rua da Lapa
- 28 — Largo da Lapa
- 29 — Rua Moraes e Vale
- 30 — Beco das Carmelitas
- 31 — Rua do Passelo
- 32 — Rua do Passelo
- 33 — Passeio Público
- 34 — Rua das Marrecas
- 35 — Rua Evaristo da Veiga

Fonte: IHGB: BARREIROS, Eduardo Canabrava. Atlas da Evolução Urbana da Cidade do Rio de Janeiro: 1565-1965. Rio de Janeiro, 1965.

gerações futuras, que o receberão como herança da cidade colonial, é a de signo de beleza, de lazer, de vida. O Passeio Público vai ser um marco da identidade espacial dos moradores da **Lapa**, no período de 1910-40.

Com o falecimento do padre Angelo Siqueira Prado, o seminário do largo da Lapa não prosperou, e juntamente com a capela vizinha foi cedido em 1810 aos frades carmelitas.³⁰

A então poderosa Ordem dos Carmelitas amplia o antigo seminário do já agora conhecido, pela boca do povo, como largo da **Lapa**, e, nele, meio século mais tarde abre, ao lado do seminário, a **Escola Santo Alberto**,³¹ que já se "desmanchou no ar", mas que, enquanto durou, marcou também a vida dos meninos moradores do bairro.

Naqueles tempos, as festas da Capela vizinha - que possuía quase a mesma idade do primitivo seminário, pois data de 1773, pertencente à Irmandade do Divino Espírito Santo - "empolgavam a cidade por quatro dias seguidos - de sábado de aleluia à terça-feira". Eram realizados no interior ou em torno de um coreto feito de pedra e cal, que se constituía na Casa do Império, "onde o imperador do Divino recebia o cetro e a coroa e as homenagens de seus súditos de alguns dias".³²

Durante o período das festas realizava-se a coroação do "Imperador" do Divino, que vinha de calção e casaca de seda colorida, cabelo polvilhado e espadim. O "Imperador" era seguido de um cortejo de rapazes com vestimentas semelhantes, com sapatos debruados de fitas e os chapéus ornados de plumas.

Um levando uma bandeira; os demais tocando pandeiro, viola e tambor; todos cantando em companhia do povo, versos como este:

*"O Divino Espírito Santo
pai dos pobres, amoroso,
Ponde senhor no meu peito
Um coração fervoroso." 33*

Em torno do "Império" eram armadas as barracas de quermesse. Havia teatrinhos de fantoches, sortes, danças, mágicas ... Muita alegria barulhenta e muita bebida. E todos os grupos sociais da cidade para aí afluíam - da nobreza aos escravos.³⁴

A festa do Divino Espírito Santo, embora já estivesse transfigurada, manteve-se até as primeiras décadas do século XX mas sem perder seus referenciais de origem, como tradição do local. E será também um signo na constituição da subjetividade coletiva dos moradores do bairro da **Lapa**.

E o Império", que já era, em seus primórdios, ao mesmo tempo, sagrado e profano, se transforma, como veremos adiante, em local dos bailes de carnaval, onde se reúnem as famílias do bairro.

Segundo Lysia Bernardes, mesmo com a expansão dos arruamentos e das construções "a fisionomia e mesmo a vida de aglomeração" da cidade "alteraram-se relativamente pouco no decorrer do século XVIII". Seriam necessárias transformações mais profundas, como as que adviriam no século XIX, para que o Rio se modificasse, tornando-se uma grande cidade".³⁵

Aproxima-mo-nos, assim, de um novo contexto urbano ao qual chamaremos de transição - da cidade colonial à grande cidade capitalista.

A Lapa na cidade em transição

"... a vinda da família real; a abertura dos portos; a expansão cafeeira; a abolição da escravidão e a proclamação da república são eventos que, sob formas e estigmas diversos, marcaram o crescimento urbano, tanto no nóculo central quanto na franja urbana, traduzindo sempre o fortalecimento econômico e político da cidade, a diversidade de seu conteúdo social, a superação de obstáculos físicos à sua expansão e a evolução dos meios de transporte"

Maria do Carmo Corrêa Galvão

Acreditamos que o século XIX se constitua, para a sociedade brasileira em um tempo de transição, pois através dele se dá a passagem de uma sociedade colonial-escravista para uma sociedade capitalista.³⁶

A cidade do Rio de Janeiro vai se constituir em espaço, ao mesmo tempo, de expressão e de condição dessa transição, assim como palco das contradições

inerentes ao processo. Contradições essas que transformarão o espaço da cidade, muitas vezes, num verdadeiro campo de luta social.³⁷

O período de transição é longo. Lento no início, acelerado ao final. Faltava-lhe, ainda, no limiar do século, para que a transição se completasse, uma vontade política para mudar definitivamente o país e a cidade.

E será entre o final do século XIX e início do século XX que essa vontade se realizará, através de três fatos marcantes - todos de caráter eminentemente político: a definitiva **queda** da já falida instituição da escravidão, pela abolição de 1888; a **queda** da monarquia, pela Proclamação da República de 1889; e a **queda** da velha cidade colonial - expressão de um tempo passado - pela primeira Reforma Urbana do Rio de Janeiro, realizada de forma autoritária pelo Estado entre 1903-1906, nos tempos do Prefeito Pereira Passos.

A expansão econômica, de base cafeeira mercantil, que vai ocorrer nos "oitocentos", atrai para a capital do país, "no decorrer do século e em progressão crescente" - trabalhadores e capitais - quer nacionais quer estrangeiros. ³⁸

A cidade ainda é colonial-escravista, mas já é também capitalista de trabalhadores "livres".

A cidade limitada espacialmente, que permitia uma maior aproximação entre ricos e pobres, vai dar lugar a uma cidade mais ampla, que ao expandir-se separa, com maior nitidez, no espaço urbano, os mais e os menos privilegiados.

Capitais, trabalhadores livres e transportes mais eficientes... vão ampliar os horizontes materiais, sociais e culturais da cidade, preparando-a para um novo contexto. E a Lapa nesse novo contexto vai mudar.

A transição lenta

Ao longo do século XIX ocorre uma mudança significativa na paisagem urbana do Rio de Janeiro. Novos sítios são conquistados; novas ruas e caminhos são abertos; as funções urbanas diversificam-se; surgem os bairros e os subúrbios. A cidade de cerca de sessenta mil habitantes em 1808, tem mais de quinhentos mil no final do século.³⁹

A chegada , em 1808, da família real portuguesa e sua enorme comitiva, causa um grande impacto na cidade colonial, ainda acanhada, que não estava preparada para receber tão numeroso e importante contingente.

O próprio Príncipe Regente toma uma série de medidas que beneficiam a cidade. Entre elas a abertura dos portos para "as nações amigas", a revogação de leis proibitivas com relação à produção industrial e a criação da imprensa, até então inexistente.

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO NO INÍCIO DO SÉCULO XIX



Fonte: ABREU, Maurício de Almeida. Evolução Urbana do Rio de Janeiro.
Rio de Janeiro, IPLANRIO/Zahar, 1987.

REPRODUÇÃO À MÃO DO MAPA ENCONTRADO NA BIBLIOTECA NACIONAL
ARC 15.1.2 por Jorge Enrique Jense H.

A cidade, transformada em sede da Corte, atrai investimentos econômicos no tocante a serviços essenciais, e se desenvolve social e culturalmente. Em 1816, recebe a Missão Artística Francesa, cuja atuação marca a aparência da cidade, assim como deixa um legado artístico que expressa a sociedade e a cidade da época.

Embora o grito de Independência, de 1822, não tenha sido um marco político da aceleração do processo de urbanização, a partir dessa data, a cidade do Rio de Janeiro vai pouco a pouco se ajustando à sua condição de monarquia politicamente independente.

Até meados do século XIX, ainda é "tênue a diferença social entre as freguesias urbanas". As classes abastadas, "as únicas com poder de mobilidade" podem "se deslocar para fora da cidade, do antigo e congestionado centro urbano em direção à Lapa, Catete, Glória, Botafogo e São Cristóvão"⁴⁰. Ocupam também as ruas da Ajuda (hoje Cinelândia) e dos Barbons (hoje Evaristo da Veiga), e as ruas do recém aterrado Pantanal de Pedro Dias (cujo eixo é hoje a rua do Senado). As freguesias rurais mais próximas das freguesias urbanas⁴¹ vão paulatinamente sendo retalhadas em chácaras, que agora se transformam em local de residência permanente da aristocracia. Como no caso da freguesia da Lagoa, que incluía Botafogo e Gávea. Enquanto isso, os grupos sociais "com reduzido ou nenhum poder de mobilidade" vão continuar no centro ou adensando "cada vez mais as outras freguesias urbanas, especialmente as de Santa Rita e Santana, dando origem aos atuais bairros da Saúde, Santo Cristo e Gambôa."⁴²

Dessa forma, antes mesmo dos bondes e dos trens, a cidade já assiste a um novo e importante período de expansão, manifestado "pela incorporação de novos sítios à área urbana e pela intensificação da ocupação das freguesias periféricas" cujas propriedades rurais passam a ser retalhadas. A expansão segue em direção à atual Cidade Nova e aos atuais bairros do Estácio, Catumbi, "o que sobrou do Mangue", Rio Comprido, Santa Teresa, Engenho Velho, Tijuca, Andaraí, e até mesmo Niterói. ⁴³

A transição se acelera

A partir de meados do século XIX a cidade vai se tornando um espaço cada vez mais complexo.

Os capitais provenientes do setor cafeeiro do Vale do Paraíba, juntamente com os capitais liberados do comércio de escravos - definitivamente encerrado pela lei Euzébio de Queiroz, de 1850 -, somados "aos capitais estrangeiros, notadamente ingleses, atraídos pela ampliação das possibilidades de investimentos - crédito, transportes, seguros, serviços ligados à infra-estrutura urbana", etc. - esses capitais vão propiciar um crescimento e diversificação consideráveis nos setores comercial, manufatureiro e de serviços "tornando, assim, o perfil econômico-social do Rio de Janeiro mais complexo."⁴⁴

Grande parte dessas atividades se desenvolveu no centro congestionado da velha cidade colonial, o que exigia, e muitas vezes resultava, em melhoramentos significativos nas freguesias mais centrais, tais como calçamentos

com paralelepípedos, iluminação a gás, esgoto sanitário. No entanto, a essa modernidade urbanística "contrapunha-se toda uma estrutura urbana remanescente dos tempos coloniais manifestada entre outras coisas pela ausência de um porto eficiente, pelo traçado das ruas estreitas, pela carência de fontes de energia."⁴⁵

Às levas de capitais juntam-se as levas de trabalhadores.

Embora tenha ocorrido uma redução crescente do número de escravos na cidade, a partir de 1850, com a proibição do tráfico, esses eram ainda responsáveis por uma série de atividades. Eram eles: artífices, marítimos, costureiras, pescadores, domésticos, jornaleiros ou executavam qualquer serviço, pois muitos não tinham profissão definida.⁴⁶

Concorrendo com as últimas gerações de escravos, "indivíduos livres e despossuídos" vão se tornar cada vez mais numerosos, principalmente a partir de 1870, com o aumento crescente do número de imigrantes - notadamente portugueses.⁴⁷

Parte desse contingente de mão-de-obra livre, que vem para a cidade do Rio de Janeiro, é absorvido principalmente pelos setores comercial, burocrático-administrativo e de serviços urbanos, setores que se expandem a cada dia.

Pouco a pouco vão se formando os diferentes segmentos das classes médias urbanas, que passam a ter papel cada vez mais importante nas mudanças da cidade e do país.

Mesmo para uma cidade que cresce economicamente, em ritmo acelerado, a capacidade de atender a demanda de empregos é limitada. Esse fato vai ser agravado, a partir de 1888, com a presença dos ex-escravos da cidade; dos libertos vindos das zonas rurais da província; acrescidos das levas cada vez mais significativas de imigrantes, que, como dissemos anteriormente, se constituíam em grande parte de imigrantes de origem portuguesa. E esses imigrantes vão sofrer uma forte animosidade por parte dos cariocas.

A exacerbação dessa animosidade contra os imigrantes e, principalmente, contra os portugueses, vai se manifestar no país já republicano, em fins do século, no período do Presidente Floriano Peixoto (1891-1893).

Por ser o "florianismo" reconhecidamente de caráter popular, "pois congregava parcelas significativas da população urbana em geral deslocadas dos canais de decisão política", possibilitou o florescimento de uma força política "jacobinista" que cresce em razão direta da popularidade do presidente, que é, por isso, chamado pelos militares de "Robespierre brasileiro".

Os jacobinos - civis e militares - pertencentes aos estratos intermediários da sociedade carioca vão se caracterizar por um nacionalismo exacerbado, que se manifesta inclusive pelo espancamento de portugueses e estrangeiros em geral.

O principal veículo do jacobinismo popular, era o jornal *O Jacobino* - de Deocleciano Mártir - que pregava a lusofobia, cuja fúria jacobinista se dirigia, principalmente, contra os lusitanos que representavam uma grande parcela do

pequeno comércio da cidade. O *Jacobino* preconizava, entre outras medidas, o confisco dos bens de raiz de todos os portugueses 'fazendo a vida no Brasil' ; nacionalização imediata do pequeno comércio e varejo; e "pena de morte para o brasileiro que tentasse proteger, mesmo de leve, o luso, tido como de todo indesejável para este grande e generoso país' ".⁴⁸

A segregação com relação aos portugueses pode ser também sentida, através das palavras de quem, como cronista, fixou seu olhar no Rio de sua época. Trata-se de Luis Edmundo para quem os lusitanos são considerados

*"certos elementos alienígenas, gente que, vinda da outra banda, analfabeta e rude, não quer saber do campo, protegida que é pelos seus patrícios, e que aqui se instala a bem dizer, monopolizando os serviços mais subalternos da cidade".*⁴⁹

Essa animosidade com relação aos imigrantes pode nos ajudar a compreender a **Lapa** do início do século.

O crescimento populacional - principalmente das camadas populares - e o desenvolvimento econômico vão ser acompanhados, a partir das décadas de 1860 e 1870, pela acelerada expansão do espaço urbano - graças aos bondes e aos trens. Nas palavras de Lysia Bernardes,

"[ao] se espriar a área urbana na orla atlântica como nas planícies e nos vales da zona norte onde se estenderam os atuais bairros da cidade, graças em grande parte às facilidades

proporcionadas pela existência de transporte coletivo fácil, já se havia iniciado a construção das estradas de ferro. E ao longo destas iriam surgir os núdulos dos diversos subúrbios onde, de preferência, iriam se localizar posteriormente as indústrias. O século XIX viu nascerem os bairros do Rio de Janeiro, mas também assistiu à germinação dos principais subúrbios ... " ⁵⁰

Os bondes, inicialmente puxados a burro, passam a "fazer a zona sul" ligando, a partir da década de 1860, pouco a pouco, o centro aos atuais bairros da Glória, Jardim Botânico, Botafogo, Gávea, Laranjeiras e, mais tarde, Copacabana.

A partir da década de 1870, o bonde passa a atender também o então rico bairro de chácaras da zona norte - Andaraí Pequeno; os então bairros proletários - atuais Gambôa, Santo Cristo, Saúde, Catumbi, e Rio Comprido; os novos bairros de Vila Isabel e Andaraí Grande; e o, ainda abastado, bairro de São Cristóvão.⁵¹

Assumindo um outro papel, os trens vão ser "responsáveis pela transformação de freguesias que, até então, se mantinham exclusivamente rurais". E vão pouco a pouco construindo um espaço articulado em diferentes direções com os atuais Nova Iguaçu, Madureira, Deodoro; Engenho Novo, Inhaúma e Irajá; Coelho Neto, Pavuna; e Duque de Caxias, entre outros bairros e municípios.

No entanto, mesmo que a "entrada em funcionamento das companhias de carris(1868) e o estabelecimento efetivo do tráfego suburbano (1870)" tenham

viabilizado materialmente a expansão urbana, a área central da cidade, mantinha ainda suas altas densidades, pois, "para a maior parte da população, a localização central, ou próxima ao centro, era condição indispensável para a própria sobrevivência"⁵².

* * *

[A partir do século XVIII a **Lapa** passa por um processo de adensamento populacional e adquire, assim como a Glória, um caráter urbano.

O arrasamento do morro das Mangueiras; os aterros das lagoas do Desterro e do Boqueirão; a construção do Passeio Público; e a abertura das atuais ruas do Passeio e das Marrecas permitiram que toda

"Essa zona que, com a Lapa, formava um bairro eminentemente residencial se ligasse agora ao velho Centro por uma nova rua, no eixo da atual avenida Treze de Maio".⁵³

Acreditamos que a **Lapa**, desde o final do século XVIII, e ao longo de todo o século XIX, tenha se constituído numa área privilegiada do espaço urbano. Ela era um lugar ao mesmo tempo distante e próximo do centro da cidade. Distante, pois morar nela significava estar, ainda, afastado do burburinho do comércio, das ruas tortuosas e congestionadas, do amontoado de pobres, das casas velhas, do desconforto.]

Próxima, pois qualquer tipo de transporte, inclusive à pé, permitia a seus moradores chegar rapidamente ao comércio, aos locais de trabalho, de negócios, de prestação de serviços e de lazer. Os grandes teatros, que surgem no século XIX; os primeiros cinemas; e o próprio Passeio Público - tudo estava próximo da **Lapa**.

Era também no centro próximo que se encontrava a burocracia-administrativa da cidade, e mesmo do país. Onde se reuniam tanto os funcionários dos altos escalões com poder de decisão, quanto os de baixos escalões com poder de execução. Onde grande parte das decisões de caráter político, econômico e administrativo eram tomadas ou simplesmente ratificadas e burocraticamente executadas.

Por essas razões acreditamos que morar na **Lapa**, significava por um lado morar bem, em casas assobradadas, em construções mais recentes, com uma vizinhança abastada. E por outro lado, morar próximo ao centro nevrálgico da cidade.

A **Lapa** nesse contexto de transição define sua forma-aparência e seu conteúdo social.

Com a ocupação do seminário, em 1810, pelos carmelitas, o largo onde se situava a Igreja de Nossa Senhora da Lapa do Desterro, agora do Carmo, ficou conhecido, durante um certo período de tempo, como Largo dos Frades, mas,

"Já sob D. João VI o largo se chamava da Lapa".⁵⁴

Acabara de ser aterrado e nivelado. E era através dele que os cariocas do centro e da zona sul, e o próprio Príncipe Regente, atingiam o famoso caminho de Mata-Cavalos (hoje Riachuelo) - "o melhor caminho, na época, em direção norte". Isso antes de aterrarem os "mangais de S. Diogo" "vizinho ao Caminho do Aterrado, ou das Lanternas (no atual lado par da Av. Presidente Vargas)" ⁵⁵ que passava a ligar o centro à Quinta da Boa Vista, encurtando bastante o trajeto do Príncipe Regente entre o Paço e a mansão da Quinta, que passaria mais tarde a ser local de residência também do futuro Imperador D. Pedro I.

Na Lapa havia uma rua, a que se referem as velhas crônicas do século XVIII, e que já não existe mais, conhecida como a rua Detrás do Seminário dos Frades, que era na realidade um caminho, junto à Praia das Areias de Espanha, destinado a ligar o hoje Largo da Lapa à Glória e ao Catete para os lados da zona sul. Para atingi-lo, depois de chegar ao Largo, os cariocas se utilizavam do então chamado Beco do Campo dos Frades, que ficava do lado direito do Seminário e que, a partir de 1917, passou a se chamar de rua Teixeira de Freitas. Essa rua faz hoje esquina com a avenida Augusto Severo, onde se encontra o prédio do antigo Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro - IHGB.⁵⁶

Assim, a **Lapa** era uma passagem obrigatória, importante, que permitia o acesso a outras áreas da cidade.

Do outro lado, junto à Capela do Divino Espírito Santo, os frades carmelitas abriram, em 1820, um beco, que ficou famoso na história do lugar, ao qual chamavam, desde aquela época, de Beco dos Carmelitas, denominação conservada até os dias de hoje. Aliás, um procedimento raro, pois as ruas da

Lapa vão perder os nomes originais, dados pelo povo, e pouco a pouco vão receber - por decretos - nomes de pessoas ilustres da cidade, do século XIX, muitos deles, é verdade, moradores do próprio bairro.

A rua da Lapa ou da Lapa do Desterro, datada de 1770, não dava ainda acesso à praia, daí a escolha do caminho da rua Detrás do Seminário.

Segundo Brasil Gerson, em mapa militar, elaborado em 1858, o traçado da rua da Lapa já era visto desembocando na rua da Glória, "a um passo da praia",

"pois era ainda na praia [da Lapa] que então desembocavam também o Beco dos Carmelitas e a Joaquim Silva" ⁵⁷.

Assim, [a Lapa vai sendo ampliada com a abertura de novas ruas, ou trechos de ruas, e a construção de novas casas assobradadas.] "Eminentemente residencial", passa a ser opção de moradia de famílias abastadas e de homens ilustres da sociedade carioca do século XIX. Vejamos alguns exemplos.

Em meados do século XIX, na rua da Lapa n° 93,⁵⁸ encontrava-se a residência e consultório de um dos maiores médicos cariocas da época, o Dr. Carlos Moncorvo, pai de Moncorvo Filho, e fundador, nessa mesma rua, da União Médica e da Policlínica do Rio de Janeiro.⁵⁹

Outros médicos também famosos, conhecidos por suas contribuições à Medicina no que se refere, por exemplo, ao combate à febre amarela - que

grassou durante longo tempo na cidade - como o Professor Moraes e Vale e o Dr. Paula Cândido, também moravam na rua da Lapa.

Também no nº 18, dessa rua, ficava a casa do importante engenheiro de nome Bethencourt da Silva, fundador do Liceu de Artes e Ofícios e Secretário do Conservatório Dramático, "a cuja censura tinham que ser submetidos todas as peças de teatro no Segundo Reinado, antes de sua representação".⁶⁰

A nobreza também estava representada na rua da Lapa pela presença da Condessa de Belmonte, "tutora de D. Pedro II menino, e que morreria ", segundo contam, "cuidando abnegadamente de seus escravos atacados de cólera na sua chácara do Engenho Novo ..."⁶¹

No encontro da rua da Lapa com a rua da Glória - "dando para o mar" - ficava o Hotel Guanabara, onde se hospedavam políticos ilustres.

Em 1885, morreu na rua Dr. Joaquim Silva um dos seus mais ilustres moradores, o Senador Euzébio de Queiroz, que passou para a história do país pela assinatura da lei que levava seu nome e que colocava fim, em 1850, ao tráfico de escravos negros vindo da África.⁶² Essa rua fora aberta em 1770, na mesma época da abertura da rua da Lapa, através da chácara das Mangueiras, então pertencente às freiras do Convento de Santa Teresa. A rua se chamou inicialmente de Santa Teresa "decerto porque estabelecia contato direto entre a praia e o convento no morro"⁶³. Por ela se chegava "à famosa chácara do Sisson, do famoso editor e desenhista da rua dos Ourives". Abrigo, entre 1840 - 1852, na casa nº 4, a Roda dos Expostos. E foi em 1885 que, por decreto, teve seu

nome mudado para rua Doutor Joaquim Silva, um popularíssimo médico da cidade, que fora vereador e professor.⁶⁴ Em 1917, também por decreto, a rua tem seu nome simplificado para Joaquim Silva, já então possuindo todo o traçado atual, e abrigando, como veremos, moradores menos nobres.

Na rua do Desterro

*"residiam famílias ilustres, como nas demais ruas lapeanas, entre elas a dos Drs. Moncorvo ... Augusto Brandão, André Julio Janvrot, proprietário da grande Farmácia e Drogeria Janvrot da Rua da Quitanda, e que nela, na do Desterro, ocupava o antigo 47 com laboratório químico também."*⁶⁵

André Janvrot foi um dos fundadores da Primeira Escola de Farmácia da cidade e do Liceu de Artes e Ofícios juntamente com Bethencourt da Silva.

Quando Janvrot se casou, em segundas núpcias, com uma senhora de "fino espírito parisiense", achou que "seria deselegante levar sua bela mulher para o Desterro", e como era influente na cidade conseguiu mudar, rapidamente, o nome de sua rua para Moraes e Vale, seu grande amigo e médico famoso, diretor da Faculdade de Medicina, que como vimos anteriormente morava nessa época na rua da Lapa.⁶⁶

As ruas Taylor e Conde de Lajes foram abertas na segunda metade do século XIX, durante o Segundo Reinado.

No largo da Lapa desembocava a atual Travessa do Mosqueira, assim denominada desde o século XIX pois nela residia, num prédio na esquina com a rua Visconde de Maranguape, um prestigiado desembargador e procurador da Coroa e Fazenda de nome José de Oliveira Pinto Botelho e Mosqueira.⁶⁷

Todas essas ruas e becos serão fundamentais na construção da identidade espacial daqueles que passarão a viver na Lapa no século XX.

A Transição se completa

"Capital do país e principal ponto de articulação do território brasileiro com os centros nervosos do capitalismo mundial ... , o Rio de Janeiro será o palco privilegiado onde se materializarão as pressões que envolviam a república nascente. Cidade antiga, ela acrescentará entretanto às tensões trazidas pela República, todo o rol de contradições que já lhe eram próprias, e que vinham se acumulando há bastante tempo".

Mauricio de Abreu

A assinatura da Lei Áurea, de 1888, marca o fim de um longo processo de resistência, por parte dos segmentos mais conservadores das elites brasileiras, que teimavam em manter o trabalho compulsório-escravo no país. Desde 1826, o Brasil havia tratado com a Inglaterra interromper o tráfico de escravos no prazo de três anos, assim como declarar livres todos os africanos que aqui chegassem a partir de 1831. Ambos os compromissos, sabemos, permaneceram letra morta.⁶⁸

No entanto, a falência dessa instituição vai sendo pouco a pouco decretada, como resultado também de embates internos, através das leis do Sexagenário, Euzébio de Queiróz e Ventre Livre. A assinatura da libertação dos escravos foi o ato-político-final de um processo que já se alongava.

Os problemas imediatos trazidos pela abolição desestruturaram por algum tempo a economia do país. Com isso a crise política, que também vinha se arrastando, se agrava. O Governo Imperial, impotente e inerte, assiste ao crescimento do número de simpatizantes do regime republicano

O proclamado Regime Republicano em 1889, também fora cogitado há longo tempo. Mesmo antes da Independência e durante todo o século XIX, revoltas, sublevações, insurreições, marcaram, em várias partes do país, tentativas expressivas de implantação de um novo regime.⁶⁹

A idéia da República nasce nos setores letrados brasileiros, entre jornalistas, advogados, médicos e escritores, onde as idéias do liberalismo radical e do socialismo reformista exercem forte influência.⁷⁰

Na realidade o ideário republicano é mais complexo. E seu movimento tem um caráter plural. Expressa concepções variadas existentes: entre as camadas socialmente desiguais; entre diferentes grupos de intelectuais, cujas idéias refletem influências ideológicas diversas; e entre os divergentes interesses políticos das províncias ou das regiões do país.

Por essa razão - a da indefinição da República que se pretende para o país - , os primeiros anos, após a proclamação, conhecem, além da crise econômica, uma radicalização do processo político, que por sua vez retarda a própria consolidação do novo regime.

Embora o Presidente Prudente de Moraes (1893-1897) tenha recebido do militar Floriano Peixoto um regime já consolidado, precisava provar à nação a eficiência de um poder civil - "imprescindível ao exercício da hegemonia oligárquica".⁷¹

O então Presidente da República expressava os interesses daqueles que o haviam eleito, isto é, o grupo oligárquico paulista ligado ao café, que por sua vez estava ligado, e cada vez mais comprometido, com os interesses dos capitais externos - aqueles que mais ganharam com a comercialização do café-, agora passando por um novo momento: o de "emergência do capitalismo monopolista".

Nesse momento, a concorrência internacional entre os diversos capitais financeiros , "por áreas de inversão, se trava sem quartel". E quando também,

as exportações de capital, criam nos países atrasados, fortes interesses que aspiram [...] privilégios muitos maiores do que a simples influência econômica e política pode oferecer. [O] que mais lhe convém é o domínio completo, pelo Estado, de seu país".⁷²

O governo de Prudente de Moraes vai se impondo como de transição. Pouco a pouco vai eliminando o nacionalismo exaltado de uma pretendida República jacobina - do período florianista - e criando as condições para uma República oligárquica.

Assim, em 1898, quando Campos Sales assume o governo, o faz também como representante da burguesia paulista, e contando agora com o apoio de grande parte da imprensa - mesmo que subornada. O novo Presidente consagra e implanta um regime de governo idealizado pelos federalistas conservadores.⁷³

Nesse regime republicano são os estados que protagonizam a política cuja filosofia se baseia "no princípio de troca de interesses, na qual os Estados, por intermédio de seus representantes no congresso", dão apoio ao Governo da União e esta assegura a plena autonomia dos Estados.⁷⁴

Baseado no tripé: São Paulo , Minas Gerais e Bahia, Campos Sales institui o que se convencionou chamar a Política dos Governadores, que dominou boa

parte da República Velha, que se estendeu até 1930, mas que já declinava sensivelmente na década de 20, como resultado das pressões dos grupos urbanos - trabalhadores e camadas médias - que haviam crescido significativamente, passando a influenciar mais na política do país.⁷⁵

Com base na Política dos Governadores, Campos Sales executa seu programa de governo. Cumpre, em 1898, as exigências do *funding loan*⁷⁶, possibilitando a suspensão dos pagamentos da dívida externa até 1911. A política de austeridade adotada por seu Ministro das Finanças, Joaquim Murinho, melhora a posição financeira do País e restabelece os créditos externos.

* * *

A cidade do Rio de Janeiro, nas palavras de Nicolau Sevckenko,

*"abre o século XX defrontando-se com perspectivas extremamente promissoras. Aproveitando-se de seu papel privilegiado na intermediação dos recursos da economia cafeeira e de sua condição de centro político do país, a sociedade carioca viu acumular-se no seu interior vastos recursos enraizados principalmente no comércio e nas finanças, mas derivando já também para as aplicações industriais."*⁷⁷

A cidade se configura como "o principal ponto de articulação do território brasileiro com os centros nervosos do capitalismo mundial."⁷⁸

A cidade capital é o maior centro político, comercial e financeiro do espaço brasileiro. Nela são encontradas as sedes do Banco do Brasil, da maior Bolsa de Valores, e da maior parte das grandes casas bancárias nacionais e estrangeiras. Se constitui, também, na maior concentração populacional do país, oferecendo "às indústrias que aqui se instalam em maior número nesse momento o mais amplo mercado nacional de consumo e de mão-de-obra".⁷⁹

A nova filosofia financeira, nascida com a República e expressa na especulação desmedida em que redundou o Encilhamento⁸⁰, reclamava a mudança dos hábitos sociais e dos cuidados pessoais. "Uma verdadeira febre de consumo" vai tomar conta da cidade "toda ela voltada para a "novidade" a "última moda" e os artigos *dernier bateau*".⁸¹

O Rio de Janeiro transforma-se-á no maior centro cosmopolita do país.

No entanto, muito cedo ficara evidente para os novos personagens citadinos, que havia um descompasso entre o tempo e o espaço da cidade, um

*"anacronismo da velha estrutura urbana do Rio de Janeiro diante das demandas dos novos tempos"*⁸²

Por essa razão não podemos falar ainda de um novo contexto urbano. Não existem ainda as condições plenas para a reprodução da nova república

capitalista, num espaço urbano tão fortemente marcado por expressões do passado.

A velha estrutura mostrava-se através do antigo cais que não permitia o atracamento dos "navios de maior calado que predominavam então, obrigando a um sistema lento e dispendioso de transbordo". Ruas estreitas e tortuosas dificultavam os fluxos entre o "terminal portuário, os troncos ferroviários e a rede de armazéns e estabelecimentos do comércio de atacado e varejo da cidade". As áreas insalubres faziam da "febre tifóide, impaludismo, varíola e febre amarela" um constante perigo para a população, afugentando, inclusive, parte dos emigrantes europeus, que preferiam aportar em cidades rivais, como no caso da bela, e já afrancesada, Buenos Aires.

Somado a tudo isso, a "turbulência" presente nas sucessivas crises políticas da recente proclamada República, afastavam daqui os capitais externos e também dificultavam a imigração.

"Era preciso pois findar com a imagem da cidade insalubre e insegura, com uma enorme população de gente rude, plantada bem no âmago, vivendo no maior desconforto, imundície e promiscuidade e pronta para armar em barricadas as vielas estreitas do centro ao som do primeiro grito de motim".⁸³

A consolidação, implantação e consagração da República oligárquica e a execução do plano econômico de Campos Sales - como vimos - possibilitou a restauração financeira interna e a recuperação da credibilidade junto as centros

internacionais. Faltava ainda criar uma imagem concreta de credibilidade. E essa deveria ser dada pela capital do país. Mas para isso fazia-se necessário (re)modelar a cidade aos novos tempos. Assim

"A velha cidade feia e suja, tem os seus dias contados"⁸⁴

E como consagração do progresso

"[ficará] nova e bonita, com automóveis a aguçarem-lhe a ânsia de vida farta e confortável"⁸⁵

O longo período de transição finalmente vai se completar.

A cidade renovada vai ser expressão dos novos tempos. Vai inaugurar um novo contexto urbano - onde se materializarão as condições de reprodução de nosso capitalismo tardio.

* * *

Diante das pressões dos novos tempos, um dos candidatos à Presidência da República, para o período 1902-1906 - Rodrigues Alves - faz da reforma da cidade do Rio de Janeiro uma das bases de sua campanha eleitoral, o que pesou para a sua vitória. Ao assumir o governo, confia ao engenheiro Francisco Pereira Passos a incumbência de modernização da cidade. Pereira Passos é nomeado

prefeito por decreto, em dezembro de 1902, e assume o cargo com plenos poderes para agir. A partir de 1903, cercado de um importante grupo de engenheiros, topógrafos e desenhistas realiza juntamente com o Governo Federal, em menos de quatro anos, a grande obra de remodelação do Rio de Janeiro.

"Todos os projetos aprovados por Pereira Passos abrangeram todas as zonas do antigo Distrito Federal, fixando alinhamentos, alargando e abrindo novas ruas, estabelecendo jardins, praças e largos, apresentando enfim um verdadeiro plano de urbanização".⁸⁶

Uma sucessão de inaugurações marcam, entre 1903 e 1906, na cidade, a abertura de novas vias de circulação - as avenidas; o alargamento e a nova pavimentação, por asfalto, de muitas ruas.

Essas inaugurações eram acompanhadas pelos aplausos da população e com o apoio, e mesmo entusiasmo, da maior parte da imprensa.

Nesse *ouverture* do novo contexto surge a Avenida Beira-Mar - obra de grande envergadura, que daria, no dizer do próprio Pereira Passos, continuidade à Avenida Central em direção à zona sul. A Avenida Central (hoje Rio Branco), outra grande realização do momento, completava, ligando, as grandes obras do novo Cais do Porto e da Avenida Beira-Mar. . Fora concebida pelo então Ministro da Viação, Gal. Eng. Lauro Müller e construída pelo engenheiro Paulo de Frontin,

A CIDADE DO RIO DE JANEIRO APÓS A REFORMA PASSOS



Fonte: ABREU, Maurício de Almeida. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPT/ANR(O)/Zahar, 1987.

e se transformou, desde aquela época, numa artéria historicamente vinculada a importantes momentos políticos da vida de nosso país.⁸⁷

Praças e largos são embelezados com monumentos e jardins. Rios são canalizados. Lagoas são saneadas.

Mas, ao mesmo tempo que se constrói, se destrói. Principalmente no centro antigo, onde quarteirões inteiros de casas - populares, coletivas e insalubres - e de antigos locais de trabalho são demolidos. Os velhos armazéns e trapiches dos bairros marítimos desaparecem. Os problemas de habitação da cidade se agravam. E tudo isso em nome dos novos espaços para circulação; em nome da saúde e higiene;⁸⁸ e em nome dos símbolos da modernidade.

A cidade se faz, finalmente, maravilhosamente afrancesada!

* * *

A **Lapa**, até fins do século XIX, como vimos anteriormente, era um espaço de uso residencial, ocupado em grande parte por famílias abastadas e homens ilustres cujas atividades profissionais estavam intimamente ligadas às questões da cidade e mesmo do país. Eram grandes negociantes, médicos, advogados, engenheiros, homens de prestígio, que desempenhavam inclusive importantes papéis no espaço político da cidade.

Para esses homens, cuja vida cotidiana privada, numa certa medida, se misturava com a vida pública e profissional, e numa época em que as técnicas de comunicação eram pouco avançadas, julgamos que a proximidade física entre suas diversas atividades era vital.

Assim, morar na Lapa significava morar bem, com suas famílias, e ao mesmo tempo estar junto de uma numerosa clientela; junto dos locais de negócio; e junto do centro político e administrativo da cidade, local onde eram discutidas, costuradas, tomadas ou ratificadas decisões sobre a cidade ou sobre o país.

Afirmar que a **Lapa** era eminentemente residencial, não significa dizer que no local não pudessem ser encontradas também casas comerciais, algumas casas de diversão, hotéis, uma ou outra pensão, etc. Vejamos alguns exemplos.

O Beco do Império (o das festas do Divino) passou a ser chamado, ainda no século XIX, de Beco da Alegria (hoje Teotônio Regadas), pois ali havia uma "república" de jovens poetas, amigos de Laurindo Rangel, e onde fora erguido um café-concerto de nome Alcazar-Parque. Esse café chegou a ser freqüentado, a partir do final do século, pela "geração Luis Edmundo". Nele se apresentavam belas mulheres, cantoras ou dançarinas - brasileiras e estrangeiras - que marcaram época no Rio noturno do início do século.⁸⁹

Além do Alcazar-Parque, existiam também na Lapa outras casas de diversão, o que pode ser deduzido pelas palavras do próprio cronista Luis Edmundo:

*"Possui o Rio de Janeiro no começo do século XX, nada menos de seis music-halls. E não se incluem nesse número as barulhentas casas de "chopp" com palco e música, existindo pela rua do Lavradio, Visconde do Rio Branco, **Lapa** e proximidades, casas essas que o público conhece sob a denominação pittoresca de chopp berrante"⁹⁰ (grifo nosso)*

Algumas casas, na **Lapa**, alugavam cômodos para estranhos, mediante anúncios de jornal, o que aliás, era uma prática tanto dos bairros mais populares quanto dos bairros mais nobres, embora nesses últimos a incidência fosse muito menor. ⁹¹ Eram comuns os anúncios em jornais do tipo:

"Aluga-se em casa de família uma excelente sala com banhos de chuva e serviço, só se aluga a pessoa séria, na rua da Lapa n° 23 sobrado"

Jornal do Commercio, 1.1.1890

Havia, também, entre o comércio local, uma farmácia, na rua da Lapa, cujo proprietário inventara um produto deveras milagroso, e cuja propaganda saia diariamente em jornais e revistas da época . Trata-se da

BORALINA

Feridas, ulceras, cancros venereos.

Cura feridas em qualquer parte do corpo. Espinhas ...

cravos ... sardas ... picadas de mosquito ... sarna ...

antiblenorrhagico ...

Depósitos: rua dos Andradas, 51 e rua da Quitanda, 48

*Fabrica: Pharmacia da Lapa, de Antonio Silva (Inventor
proprietário)*

24 Rua da Lapa 24

Correio da Manhã, 16.7.1901

Na esquina do Beco da Alegria, existiu por muitos anos, no século XIX, o conhecido Armazém do Romão, uma confeitaria popular do bairro. Em 1856, o Comendador Guilherme Pôrto, "dá a 'empresas progressistas' a incumbência" de construir no local do armazém, um edifício para abrigar um hotel que fizesse frente ao Hotel dos Estrangeiros, localizado na Praça José de Alencar. Ao ser inaugurado, se chamou Hotel Freitas, nome de seu primeiro arrendatário. O prédio, que tinha sua fachada voltada para o Largo da Lapa, se transforma, na virada do século, no importante Grande Hotel da Lapa⁹² e foi durante as primeiras décadas do século XX, local de hospedagem, ou mesmo de residência, preferido de grandes fazendeiros, "coronéis" e importantes políticos da época. Com a construção do Hotel Avenida, na nova e elegante Av. Central, esses dois hotéis

passaram a disputar a predileção dos políticos mineiros⁹³, contemporâneos de Afonso Pena, Wenceslau Brás e Arthur Bernardes.

Segundo Brasil Gerson, nesse hotel morou, em 1909, Carlos Peixoto Filho, Presidente da Câmara, que fazia de seu quarto o Q.G. do movimento renovador do "Jardim de Infância", - nome dado ao Ministério que governou com Afonso Pena (1906-1909), - que tinha por finalidade levar o prematuramente falecido João Pinheiro à Presidência da República. Era uma tentativa de liquidar com o caudilhismo conservador de Pinheiro Machado, homem forte da República Velha - representante do Rio Grande do Sul, e que vinha articulando a candidatura do futuro Presidente Hermes da Fonseca (1910-1914).

No entanto, o conjunto de eventos que ocorreram em fins do século XIX e início do século XX, responsáveis pela aceleração da longa transição que vinha ocorrendo no país e na cidade, vão provocar alterações significativas no contexto sócio-espacial da **Lapa**, juntamente com as mudanças sócio-estruturais da cidade do Rio de Janeiro.

Dentre as razões dessas alterações, consideramos a de maior peso, por desencadear as demais, a valorização - e desvalorização - espacial de determinados bairros da cidade.

Os moradores abastados e ilustres da **Lapa** decidiram "abandonar" o bairro, preferindo morar na Gávea, Jardim Botânico, Botafogo, nos novos bairros de Copacabana, Leme e Ipanema, ou na ainda "aristocrática" Tijuca.

Entre as condições de valorização - desvalorização de alguns bairros, podemos supor algumas.

Os transportes urbanos vão se tornando cada vez mais eficientes, tanto no sentido do número de pessoas que são capazes de deslocar, quanto em relação à velocidade que passam a imprimir.

A partir de 1892, passam a circular os bondes de tração elétrica, o que permitiu o "alforriamento" de mais de 1300 pobres e lentos muares.⁹⁴

Em 1903, são licenciados os seis primeiros automóveis movidos a motor de explosão, número de licenças que vai aumentando a cada ano.⁹⁵ Estes automóveis, por sua vez, além do uso particular, vão, pouco a pouco, substituindo como carros de praça, os populares tálburis - carruagens pequenas, de duas rodas altas, cobertas com uma capota encerada, puxada por um cavalo e carregando apenas um passageiro, que ia sentado ao lado do cocheiro. Eram largamente usados no Rio de Janeiro desde meados do século XIX,

*"pois dêles [os tálburis] se serviam tôdas as classes sociais, sendo assim popularíssimos e o mais procurado meio de condução da época."*⁹⁶

Eles estacionavam, à semelhança dos futuros taxis, em diversos pontos da cidade, inclusive na Lapa. Desapareceram de circulação em torno do ano de

1917. Não obstante, tiveram um momento de ressurgimento como nos revela uma crônica da época:

"Ninguém mais delle se lembra. Vegetavam, coitados, ao fundo das cocheiras, inúteis, poeirentos, esquecidos. Desde que na cidade se produziu a transformação maravilhosa, foram eles tacitamente depostos do seu prestígio, corridos do movimento urbano, como excrescências intoleráveis que faziam horror à hora intensa de progresso da metrópole rejuvenescida.

Só elles, com effeito, ficaram velhos. À sua roda tudo mudou. Ruas, edifícios, jardins, monumentos, praias. A própria gente tomou outros ares.

.
A greve dos chauffers prolonga-se, e os tilburys, fantasmas da cidade antiga, começaram pouco a pouco, a rodar por essas ruas ..."

O Paiz - 3.1.1920

A eficiência dos novos transportes permitia portanto uma maior aproximação física entre diferentes pontos da cidade.

Ao mesmo tempo - para que os "bondes" pudessem "inventar" novos bairros para morar, uma das companhias responsáveis por esse transporte - Cia Jardim Botânico - foi obrigada a abrir túneis e mais tarde entregá-los "ao livre

trânsito de quaisquer veículos".⁹⁷ O que permitia uma ainda maior agilização do circular pela cidade.

Em 1892 é aberto o atual Túnel Velho, "lavrando-se ... sem dúvida, a certidão de nascimento do bairro de Copacabana". Com isso, em 1894, chegava o bonde à estação da Igrejinha, próximo ao atual Forte de Copacabana; em 1900 era concluído o ramal para o Leme; e, em 1902, o bonde atingia a estação de Vila Ipanema, situada na esquina da atual Praça General Osório com Visconde de Pirajá.⁹⁸

Em 1904 é inaugurado com grande aparato oficial, e com a presença de Pereira Passos, o atual Túnel Novo, completando-se assim o trajeto Cais do Porto, Avenida Central, Avenida Beira-Mar, Praia do Flamengo, Praia de Botafogo, Túnel Novo e finalmente Praias de Copacabana, Ipanema, Leblon ...

Porém, para que os "bondes" pudessem "inventar" os novos bairros era preciso mais do que eletricidade, trilhos e túneis. Segundo as exigências do mercado especulativo, a Companhia Jardim Botânico "fazia uma autêntica propaganda turística por meio de anúncios, em grandes tabuletas que diziam:

"Quereis gozar de boa saúde? Ide a Copacabana. Bonde em quantidade".

"Passeio agradável e refrigerante: Copacabana. Bondes até às 2 horas da manhã".

"O luar é encantador, sendo as noites muito frescas, graças aos ares do alto mar".⁹⁹

Com isso, elaborava-se uma outra condição de valorização de certos bairros, ou seja, a consagração como o modo de bem viver na zona sul, devido às amenidades oferecidas pela orla marítima.

Além disso, a ocupação de novos espaços significava simultaneamente construções novas com casas mais modernas, mais confortáveis, mais arejadas, e com novos estilos arquitetônicos, mais europeizados, com toques do apurado e sóbrio *art-nouveau*.

Associadas aos transportes urbanos, as grandes vias de circulação surgidas na Reforma Passos também criam condições de valorização de alguns espaços pois agilizam e aumentam a capacidade de articulação entre as diferentes áreas da cidade - entre o centro e os bairros residenciais. Mas podem desvalorizar certos bairros que se transformam em áreas de passagem.

Outra condição foi a própria derrubada do velho centro e a definitiva extinção, naquela época, do uso do espaço urbano central como local de residência das famílias mais abastadas. A valorização do centro, agora, se dá através de outros usos.

Finalmente, a presença, no caso específico da **Lapa**, de uma vizinhança cada vez mais indesejável; com seus cortiços, pensões, tascas, casas de lazer

barato, hábitos e costumes pouco elegantes e mesmo reprováveis -, afasta quem tem posses desse lugar.

Já de longo tempo, as cercanias da **Lapa** - para os lados da freguesia de Santo Antônio, passavam a ser ocupadas, cada vez mais, como local de moradia de grupos populares - trabalhadores de baixas rendas e famílias pobres. Essa ocupação se expressava pela presença e proliferação de cortiços, pensões e casas de cômodos. - num processo de retalhamento do espaço de morar. Um mecanismo, aliás, utilizado na época pela especulação imobiliária feita pelos donos de terrenos e pelos donos ou arrendatários de antigas casas locais. Ou ainda, como um recurso utilizado pelos próprios inquilinos das casas, para aumentar um pouco a renda mensal familiar.

Grande parte dos moradores dessa área se constituía de imigrantes que, à medida que iam chegando na cidade, aí se instalavam sozinhos - caso "viessem na frente" - ou com suas famílias, pagando por essas formas de morar aluguéis compensatórios, pois ficavam próximos de um grande e variado mercado de trabalho - o centro da cidade.

E a Reforma Passos? Em que medida, ela, com suas construções-demolições, alterou, diretamente, a espacialidade da **Lapa**?

Aparentemente, a **Lapa** foi pouco atingida com o plano de embelezamento e saneamento da Administração Pereira Passos. Foi como se a reforma tivesse apenas tocado o entorno do bairro.

De um lado a **Lapa** foi tocada por uma das obras de maior envergadura realizada nesse momento. Trata-se da abertura da importante via diagonal constituída pela Avenida Mem de Sá, cujo traçado se destinava a ligar o largo da Lapa à rua Frei Caneca, na confluência das Ruas de Santana e Riachuelo. Desse modo, prosseguindo pelas ruas Salvador de Sá (aberta na época) e Estácio de Sá (alargada na época até ao largo do Estácio), se chegava à Tijuca e S. Cristóvão.

Para a construção dessa avenida, com 17 metros de largura e 1550 metros de comprimento, atravessou-se a antiga esplanada do morro do Senado, cuja demolição se iniciara no século anterior e cujas obras de arrasamento foram incrementadas no tempo de Pereira Passos, que praticamente terminou com aquele morro. Além disso, demoliram-se inúmeras casas que serviam de residência às populações pobres das freguesias de Santo Antônio e Espírito Santo.¹⁰⁰

Ao construir a Av. Mem de Sá, Pereira Passos renova a aparência do Largo da **Lapa**, "dando-lhe, inclusive, a coluna iluminativa que lhe serve de adorno - o lampadário", que se transformou também num símbolo para aqueles que viveram o lugar, e que resiste bravamente a todas as reformas pelos quais, desde então, o largo já passou.

De outro lado, a reforma soterrou a Praia da Lapa em nome da construção da Avenida Beira-Mar.

De resto, a **Lapa** não foi incluída na Reforma. Praticamente não foi atingida na sua "forma-aparência". Suas casas, suas ruas, seus becos, seus quarteirões, seus Arcos, sua Igreja, seu Seminário permaneceram no lugar. Como vestígios, como "rugosidades", como símbolos materiais de um tempo que já passou. 7

Entretanto, como vimos, com a valorização do morar em certos bairros e a desvalorização do morar em outros, a **Lapa** vai ser atingida em seu conteúdo social. O uso residencial permanece, mas seus novos moradores são de outra origem social. E os outros usos se adensam ou se diversificam.

A Lapa na grande cidade capitalista

*"A grande cidade capitalista constitui-se ... no lugar ... com a mais complexa **espacialidade**. Esta, por sua vez, constitui-se em uma das bases da realização da sociedade de classes e, ao mesmo tempo, de sua reprodução".*

Roberto Lobato Corrêa

A partir do final do século XIX, nos quadros de uma economia exportadora capitalista, desenvolve-se, no país, uma "industrialização retardatária". Uma industrialização determinada pelo processo de acumulação do setor exportador, num "momento em que o capitalismo monopolista se torna dominante em escala mundial, isto é, em que a economia mundial capitalista já está constituída".¹⁰¹

Segundo Cardoso de Mello, desde o final do século XIX, a economia cafeeira paulista criara "as condições básicas para o nascimento do capital industrial e da grande indústria" na medida em que gerava, "previamente, uma massa de capital monetário, concentrada nas mãos de determinada classe social, passível de se transformar em capital produtivo industrial"; em que transformava

"a própria força de trabalho em mercadoria"; e em que promovia "a criação de um mercado interno de proporções consideráveis".

Desse modo

"Antes de existir como empresário industrial, o capitalista brasileiro já existia, nesta mesma qualidade de capitalista, como comerciante, como plantador ou como financista, e como tal, capitalista, criava as condições para a implantação do regime capitalista de produção industrial".¹⁰²

Assim, a burguesia cafeeira foi a matriz social da burguesia industrial, cujos capitais eram empregados, tanto no núcleo produtivo do complexo exportador-produção e beneficiamento do café - quanto nas atividades urbanas-comerciais, de importação, serviços financeiros e transportes. E esses investimentos ocorriam, destacadamente nos momentos de auge exportador, "em que a rentabilidade do capital cafeeiro há de ter alcançado níveis verdadeiramente extraordinários". Bastava que os "projetos industriais assegurassem, simplesmente, uma taxa de rentabilidade esperada positiva para que se transformassem em decisões de investir".¹⁰³

Os lucros dos projetos industriais eram favorecidos pela "queda da taxa de salários resultante da oferta abundante de força de trabalho", grande parte dela imigrada. E também pelo "alto grau de proteção" usufruída pela produção industrial e "pelas isenções tarifárias concedidas à importação de máquinas e

equipamentos, ainda que prejudicada pela subida de custos decorrentes das desvalorizações cambiais...".¹⁰⁴

Essas desvalorizações cambiais, utilizadas a partir de 1905, como sabemos, faziam parte de um conjunto de medidas, seguidamente tomadas pelo Estado, como manifestação de políticas-econômicas de valorização do café, que, na realidade, atendiam aos interesses dos grupos hegemônicos do país - ligados ao capital cafeeiro, que visavam garantir os preços altos do café e incentivar assim as exportações, em momentos de superprodução ou de retração do mercado consumidor externo.

Concentrada principalmente nas cidades do Rio de Janeiro e São Paulo, encontrava-se não só a força de trabalho que diretamente garantia a lucratividade dos projetos industriais - o operariado - mas também, e juntamente, os outros segmentos de trabalhadores urbanos que tinham que dividir os custos sociais, resultantes da redução do valor da moeda nacional, pagando preços inflacionados por produtos de toda a natureza - importados ou não. Assim como dividir também os custos resultantes dos pagamentos das dívidas externas - contraídas principalmente por São Paulo ou mesmo pelo Governo Federal - de empréstimos utilizados para financiar, também, a valorização do café.

*"Os cafeicultores se protegem, mas a população era atingida duramente, através do expediente de "socialização das perdas".*¹⁰⁵

No entanto, mais do que os cafeicultores, ganhavam, no exterior, os grandes atacadistas de café, que especulavam com os preços. E mais do que

todos, ganhavam os grupos financeiros internacionais que acabavam controlando a comercialização do produto.

O capital industrial estava subordinado ao capital cafeeiro, pois dependia da capacidade de importar deste para repor e ampliar sua própria capacidade produtiva. O capital cafeeiro, por sua vez, por ser de caráter eminentemente mercantil, se efetuava "mediante condições de financiamento e inversão real" que dependiam do problema da realização que se efetivava no mercado internacional.

Assim, "a posição subordinada da economia brasileira na economia mundial capitalista está duplamente determinada pelo lado da realização do capital cafeeiro e pelo lado da acumulação do capital industrial. Por outro lado, "a fragilidade do capitalismo brasileiro transformou-nos", como vimos repetidas vezes, "em campo de exportação de capitais dos países capitalistas maduros".¹⁰⁶

Essa situação de subordinação do capital industrial com relação ao capital cafeeiro vai mudar a partir de 1933, pois, "o intenso desenvolvimento do capital cafeeiro gestou as condições de sua negação, ao engendrar os pré-requisitos fundamentais para que a economia brasileira pudesse responder "com criatividade à Crise de 29". Pois

"de um lado, constituem-se uma agricultura mercantil de alimentos e uma indústria de bens de consumo - capazes de, ao se expandirem, reproduzir ampliamente a massa de força de trabalho oferecida no mercado de trabalho, que já possuía dimensões significativas; de outro, forma-se um nicho de

indústrias leves de bens de produção (pequena indústria do aço, cimento, etc.) e, também uma agricultura mercantil de matérias primas que, ao crescerem, ensejariam a reprodução ampliada de fração do capital constante sem apelo às importações."¹⁰⁷

Além disso, a "recuperação promovida objetivamente" pela política-econômica do Governo Provisório, que assumira o poder em 1930, evitara que uma crise da agricultura cafeeira leva-se atrás de si toda a economia do país. Entre 1931 e 1933, as compras maciças e a destruição dos estoques sustentaram o complexo exportador cafeeiro.¹⁰⁸

Por outro lado, afirma Cardoso de Mello, a taxa de lucro esperada da indústria leve de bens de produção foi favorecida pelo forte protecionismo externo gerado pela capacidade para importar, enquanto o investimento nas indústrias de bens de consumo não duráveis foi bloqueado pela proibição de importação de novos equipamentos, vigente de 1931 a 1937.¹⁰⁹

Segundo Cardoso de Mello enquanto o período 1888-1933 marcara o momento do nascimento e consolidação do capital industrial subordinado ao capital cafeeiro, a partir desse período estaríamos diante de "uma expansão econômica fundada em novas bases".¹¹⁰

A partir de meados da década de 1930, a industrialização passa a se assentar na própria expansão industrial, ou seja, existe agora, "um movimento endógeno de acumulação".¹¹¹

No plano político a Política dos Governadores, à qual nos referimos anteriormente, dominou a República "Velha" que se estendeu até 1930. No entanto, ao longo da década de 1920, ela já se encontra visivelmente desgastada. Os grupos urbanos até então ausentes das decisões políticas, agora cada vez mais organizados, protestam e pressionam o núcleo central do poder. Questionam, inclusive, um sistema político baseado em processos eleitorais marcados pela corrupção e cujo eleitorado é reduzido e manipulado.¹¹²

Em 1920, uma crise política na Bahia divide os interesses das forças oligárquicas. "Antes essas divisões eram passageiras, não chegando a constituir uma corrente densa. Agora, a divisão parecia irremediável". Surge uma aliança entre Rio Grande do Sul, Estado do Rio, Bahia e Pernambuco - a chamada "Reação Republicana". A campanha sucessória à Presidência da República, "assume dimensões de um movimento cívico e patriótico em virtude da adesão dos setores que se encontravam à margem dos processos decisórios da República "Velha".¹¹³

A partir de 1930, encerra-se um período da história republicana no Brasil. Dá-se início à efetivação do exercício da cidadania - antes prerrogativas das elites. 1930 abre espaço para a organização de novas formas de dominação nos centros urbanos.¹¹⁴

Mas, ao mesmo tempo, o episódio de 30, com a tomada do poder por Getúlio Vargas, é tão somente um elemento do processo de mudanças que se iniciara a partir dos anos 20 e culminaria com o advento do Estado Novo em 1937. Pois, apesar do seu sentido burguês, 1930 não exclui os grupos

oligárquicos; ao contrário, deles se serve e com eles contrai um acordo que deu lugar ao Estado cartorial.

"Assim, é preferível entender 30 como uma breve descontinuidade de uma longa continuidade cujos agravamentos só se definem com o pacto seletivo das elites ao se instaurar o Estado Novo, em 1937".¹¹⁵

A cidade do Rio de Janeiro retém, no início do período desse novo contexto, tanto a maior concentração populacional quanto a maior concentração industrial do país. O conteúdo social da cidade vai se tornando cada vez mais complexo. Mas, ao mesmo tempo mais nítido, à medida que a indústria vai se consolidando. Cresce a classe trabalhadora. Crescem as camadas médias. Diversificam-se as categorias profissionais. E junto, cresce a insatisfação com o estado de coisas, que acabamos de ver.

Assim sendo, no momento em que a imagem da cidade, em 1906, ficara "pronta" para representar a sociedade modernizada, com ares de credibilidade, as contradições inerentes ao novo contexto se aprofundam e farão da cidade um espaço de conflitos, de lutas socialmente desiguais.

A classe trabalhadora, grande parte dela formada por estrangeiros e analfabetos, não tinha direitos políticos. "Seus órgãos representativos não eram reconhecidos pelas autoridades e, em geral, viam-se condenados à ilegalidade".

Ao proletariado era negada a condição de cidadania - eram vistos apenas como força de trabalho.

Além deles, à margem do mercado de trabalho, encontrava-se na cidade um número significativo de "desempregados, artesãos arruinados, imigrantes subnutridos e prostitutas. Todos que destituídos de mínimas condições de vida não hesitavam em participar de revoltas contra a opressão".

O "zé-povinho" , visão caricata da gente humilde e trabalhadora da época não vai permanecer alheio à sua sorte. E terá sua força de contestação canalizada para a defesa de seus interesses.

Inicialmente, a essa força, juntaram-se: a tradição da luta dos trabalhadores europeus, através dos imigrantes, e o interesse por parte dos intelectuais pelas obras dos grandes ideólogos do socialismo, que serão elementos de impulsão do movimento operário.

Durante as duas primeiras décadas do século XX, as vertentes anarquistas e anarco-sindicalistas vão marcar a luta dos trabalhadores.

E será justamente a cidade do Rio de Janeiro que vai sediar os importantes Congressos Operários Brasileiros (1906,1913,1920), que agregam trabalhadores em geral.

Os trabalhadores vão pouco a pouco se institucionalizando como classe política e pressionando as elites dominantes com suas reivindicações. Exigem redução das horas de trabalho e direito de greve - e as greves se multiplicam.

A primeira Guerra Mundial se apresenta como um bom momento de expor "as doenças da sociedade capitalista e o próprio caráter interimperialista da guerra".

As influências do panorama internacional, do ano de 1917, acentuam os conflitos entre trabalhadores e patrões. E os estrangeiros são perseguidos. O exemplo soviético e a criação da Internacional Comunista em 1919, em Moscou, divide os partidários da filosofia anarquista. Propõe-se a criação de um partido comunista.

Nesse contexto, no ano de 1920, realiza-se o III Congresso Operário Brasileiro. E em 1922 surge o Partido Comunista do Brasil (PCB), embora os comunistas passem a atuar quase todo o tempo na clandestinidade.

"Cultural e ideologicamente, a década de 20 viu nascer novas formulações estético-políticas", cuja expressão maior foi o modernismo saído, em grande medida, da Semana de Arte Moderna de 1922, em São Paulo. E dela participaram alguns boêmios lapeanos.

Ainda ao longo dos anos 20, um conjunto de revoltas marcam a participação da jovem oficialidade no processo político do Brasil. É o tenentismo, com destaque para a Coluna Prestes.

No III Congresso do PCB, em dezembro de 1928, a palavra de ordem é a "Revolução". Mas esta é arrefecida pela atuação do novo Partido Democrático, surgido em São Paulo.

Com a revolução que colocou no poder Getúlio Vargas e o programa da Aliança Liberal (movimento fundado em 1927), tem início uma nova fase do movimento sindical brasileiro.

O Governo Provisório não permite a vinculação de entidades sindicais a organismos internacionais e proíbe a propaganda político-ideológica, por parte, é óbvio, das classes trabalhadoras. Nas ruas ocorrem conflitos entre trabalhadores e polícia. Organiza-se um "serviço de repressão ao comunismo".

O Estado reconhece a existência das lutas de classe, mas o Governo Provisório de Getúlio Vargas compreende cedo que não era suficiente a ação repressiva. Fazia-se necessário influir nos "destinos da massa trabalhadora".

Instituem-se "os tribunais arbitrais com atribuições de resolver os impasses entre trabalhadores e patrões", regulamenta-se o decreto "que previa o princípio da proporcionalidade de 2/3 de brasileiros em relação aos estrangeiros em cada empresa"; e promulga-se o decreto que passa a ser conhecido como *Lei de Sindicalização*. A presença do Estado na vida sindical passa a ser permanente. Assim também como na difusão e construção da ideologia da harmonia entre capital e trabalho.

E mais. Uma sucessão de medidas trabalhistas atrai os operários para o Governo, ao mesmo tempo que os afasta da influência comunista, como por exemplo o horário de 8 horas diárias e 48 horas semanais de trabalho.

Ao mesmo tempo, a burguesia industrial reconhece a existência das demandas de classe e com isso cresce o número de sindicatos patronais.

"Os representantes da Indústria e do Comércio, através de seus órgãos de classe, reforçaram o poder de fogo dos interesses do capital diante do ingresso efetivo dos trabalhadores no cotidiano político da República".

A votação da Constituição de 1934 teve a participação direta dos representantes de classes - tanto os de origem patronal como os do operariado. E inclui na nova legislação a instituição do salário mínimo e a concessão de indenização aos trabalhadores demitidos sem justa causa.

No entanto, a conjuntura mundial revela-se nesse momento extremada. A ascensão dos regimes fascistas e a ação mais agressiva da Internacional Comunista propiciaram uma radicalização da política, em várias partes do mundo e também no Brasil.

Uma das expressões dessa radicalização foi o movimento da Aliança Nacional Libertadora (ANL) - frente política, com influência comunista, de outros segmentos da esquerda, sindicalistas, além de correntes do tenentismo mais extremado. E foi também, no Rio de Janeiro, em março de 1935, no Teatro João

Caetano, que fazem a leitura pública de seu manifesto e indicam Carlos Prestes para Presidente de honra da organização popular. Em 1935, as cidades de Natal, Recife e mais uma vez o Rio de Janeiro, foram palco dos "assaltos do poder". Mas, controlados, põe-se fim à revolução libertadora, favorecendo o endurecimento e a repressão política, que vai atingir seletivamente os comunistas.

Gostaríamos de destacar que, ainda em 1935, havia sido criado o Clube Popular, sob inspiração da Aliança Nacional Libertadora. Tratava-se de uma manifestação da influência do movimento aliancista e comunista nos meios intelectuais - cultura, ciência e literatura. E, ao mesmo tempo, do avanço da participação da sociedade civil nas questões do país. Dessa organização participaram nomes de indescritível prestígio como Genolino Amado, Aníbal Machado, Cândido Portinari, Di Cavalcanti, Jorge Amado, Rubem Braga e outros.

E o destaque que demos à organização do Clube Popular se justifica. Pois alguns dos seus integrantes vão povoar a Boêmia lapeana, como veremos na terceira parte de nosso trabalho.

Toda essa radicalização política no entanto acabou tendo como resposta um retrocesso em relação à questão social. Esta volta a ser encarada como uma questão perigosa, não mais "da polícia", mas de "segurança nacional". E através do golpe de 1937, que cria o Estado Novo

[a] ideologia do Estado protetor e disciplinador das relações entre capital e trabalho alcança sua expressão mais destacada."¹⁶

Os sindicatos são divididos por setores profissionais: indústria, comércio, transporte marítimo, fluvial e aéreo, transportes terrestres, comunicação e atividades públicas, empresas de crédito e educação e cultura. Enquanto os profissionais liberais formam um setor especial, oriundos de diversos ramos de atividade econômica.

Os sindicatos passam a ser meros órgãos de "colaboração" e as greves, não mais toleradas, são vistas como "anti-sociais".

No entanto, sabemos que as lutas políticas travadas (mas controladas) pela classe trabalhadora, independente de terem ou não um projeto revolucionário e de tomada do poder, visam sempre uma melhoria das condições de sua vida cotidiana. No entanto, o quadro político e econômico, aqui apresentado, mostrou-nos que essas condições estavam abaixo do nível desejado, e que só se agravaram com a prática da socialização dos custos das políticas-econômicas postas em prática pelos diferentes governos do país.

Além disso, os melhoramentos urbanos promovidos pela Reforma Passos que beneficiaram precipuamente a área central e as zonas residenciais mais nobres da cidade, haviam cobrado também das camadas mais pobres da população carioca um preço para sua realização. Pois

*"viram atacados não só os bairros centrais em que habitavam, como todo um modo de vida que dava sentido à sua existência e que fora, agora desarticulado, ou até mesmo extinto."*¹⁷

A Reforma aumentara significativamente o deficit de moradias, agravando a já crônica crise da habitação popular na cidade do Rio de Janeiro.

Como na sociedade capitalista o espaço imprescindível para a vida cotidiana se vende e se compra, o valor do solo urbano vai definir os usos possíveis para cada lugar da cidade, assim como definir onde cada grupo social pode morar. Tanto que a Reforma Passos, inaugurando oficialmente o novo espaço capitalista, institucionaliza "os diversos regulamentos, leis regimentos, taxas, posturas e códigos urbanísticos " que "não só acabaram com a liberdade de construção em todo o Distrito Federal, como institucionalizaram um sem número de exigências novas, inviabilizando o acesso à moradia a grande parte da população."¹¹⁸

A partir desse momento, e para todo o período do novo contexto urbano, ficam demarcados, para a classe trabalhadora, certos espaços possíveis de morar. E, com relação a cada um desses espaços, além da marca comum da pobreza, passa a dominar, no imaginário coletivo da cidade, uma identidade espacial que os estigmatiza diferenciadamente. O que muitas vezes agrava e dificulta as soluções dos problemas existentes nesses já deficientes espaços de morar.

Para os menos abonados, na época da reforma, a saída foram os bairros suburbanos, eternamente mal providos de iluminação, calçamento nas ruas, esgoto, condução e água. Subúrbios quentes sem arborização. Subúrbios com casas sem estilo, ou misturando estilos, pintadas com cores variadas. Subúrbios identificados com a imagem do atraso.

Outra opção era adensar as já densamente ocupadas áreas dos bairros populares, próximos do centro remodelado. Ou dos bairros que, também próximos do centro, haviam sido recentemente abandonados por seus antigos moradores - as classes abastadas. Formando uma zona de bairros populares, onde grande parte de seus moradores se apinham - nuns bairros mais, noutros menos - em habitações coletivas. Onde a ausência de gastos com transportes e a proximidade com os locais de trabalho compensavam os aluguéis que pagavam. E esses bairros por sua vez, são identificados com as imagens das casas de cômodos, dos cortiços, da vadiagem, da promiscuidade e da prostituição.

No entanto, essa demarcação dos espaços de morar para os mais pobres não resulta de um processo tão mecânico quanto possa parecer. Pois os grupos populares, embora com menor poder de manipulação no mercado de trocas de valores de uso do solo urbano, podem, como agentes sociais criativos que são, "inventar" também novos espaços para morar. E o fazem com a construção de suas favelas - nas encostas dos morros da cidade e em qualquer lugar "que esteja próximo de importantes fontes de emprego", quer no centro, quer na zona norte, ou mesmo na zona sul. E essas favelas vão pouco a pouco sendo identificadas com a imagem estigmatizada de espaço perigoso, local de desajustados e criminosos.

Na realidade, todos esses espaços de morar - esses bairros - vão, como afirma Maurício de Abreu - para o caso das favelas -, "assumindo suas imagens contraditórias".¹¹⁹

A metamorfose ocorrida na cidade do Rio de Janeiro com a chamada Reforma Passos inaugura, como vimos a espacialização de um novo tempo. Após longo período histórico de transição a cidade colonial transfigura-se em grande cidade capitalista.

No entanto, não foi apenas a forma aparente ou a paisagem carioca que mudou. O novo contexto urbano nasce em função da circulação de mercadorias; do saneamento e da higiene do meio ambiente e se estende aos hábitos e aos costumes dos novos agentes sociais. Isto é, a mudança abrange o próprio modo de vida, as idéias "e como organiza de modo particular todo o sistema de compreensão e comportamento dos agentes que a "¹²⁰ vivenciam.

A metamorfose significou, segundo Nicolau Sevcenko, a transformação do espaço público, do modo de vida e da mentalidade carioca regidos por quatro princípios fundamentais: "a condenação dos hábitos e costumes ligados pela memória, à sociedade tradicional; a negação de todo e qualquer elemento de cultura popular que pudesse macular a imagem civilizada da sociedade dominante; uma política rigorosa de expulsão dos grupos populares da área central da cidade, ... praticamente isolada para o desfrute exclusivo das camadas aburguesadas; e um cosmopolitismo agressivo profundamente marcado pela vida parisiense". ¹²¹

Nesse novo espaço público, central, agora remodelado, embelezado, aburguesado, europeizado, como um verdadeiro cenário, são exigidos novas cenas e novos figurantes. Nesse espaço renovado:

- **não há lugar** para os mestres-de-obras, esses elementos populares sem instrução, com suas práticas responsáveis pelas casas insalubres - sem conforto e higiene - e alheios às mais simples noções de estéticas. Mas cujo estilo, sabemos, transmitido de geração em geração, desde os tempos coloniais, fora responsável pela criação de um tipo de construção autenticamente nacional;
- **não há lugar** para os comportamentos "desviantes" de serenatas com seus "vadios" tocadores de violão;
- **não há lugar** para a boemia pois a própria transformação urbana acabando com as pensões, restaurantes e confeitarias baratas do centro, acabou com a infra-estrutura que a sustinha

"E essa coisa nojenta que os imbecis divinizavam, chamada boemia ... acabou-se".¹²²

- **não há lugar** para os "velhos hábitos coloniais"- para a população humilde; para as barracas e quiosques varejistas; para as carroças, carroções e carrinhos de mão; para os *freges* (restaurantes populares); e cães vadios;
- **não há lugar** para os "mangas-de-camisa" e para os "pés no chão" ;
- **não há lugar** para as festas populares - sagradas ou profanas.

"O carnaval que se deseja é o da versão européia, com arlequins, pierrôs e colombinas de emoções comedidas, daí o vitupério contra os cordões, os batuques, as pastorinhas e as fantasias populares ...". ¹²³

- **não há lugar** par o jogo do bicho - o mais popular e difundido jogo da cidade e tão apreciado pelos imigrantes;
- **não há lugar** para as pensões baratas em que se haviam transformado os velhos casarões do centro agora demolidos pela Reforma;
- **não há lugar** para mendigos, ébrios ou prostitutas;
- **não há lugar** para as tradicionais formas de solidariedade social, representadas pelas relações de grupos familiares ou relações de compadrio. Pois agora

"as relações sociais passam a ser medidas em condições de quase exclusividade pelos padrões econômicos e mercantis, compatíveis com a nova ordem da sociedade",

e que fazem do Rio de Janeiro a capital da democracia do arrivismo - do "cada um por si".¹²⁴ E finalmente

- **não há lugar**

"para o contato entre duas sociedades que ninguém mais admitia ver juntas embora fossem uma e a mesma"

Decretou-se o divórcio entre os grupos tradicionais e a burguesia citadina, cosmopolita e progressista.

Mas há um lugar, onde haverá lugar para muito daquilo para o qual não há mais lugar. Trata-se do bairro da **Lapa**.

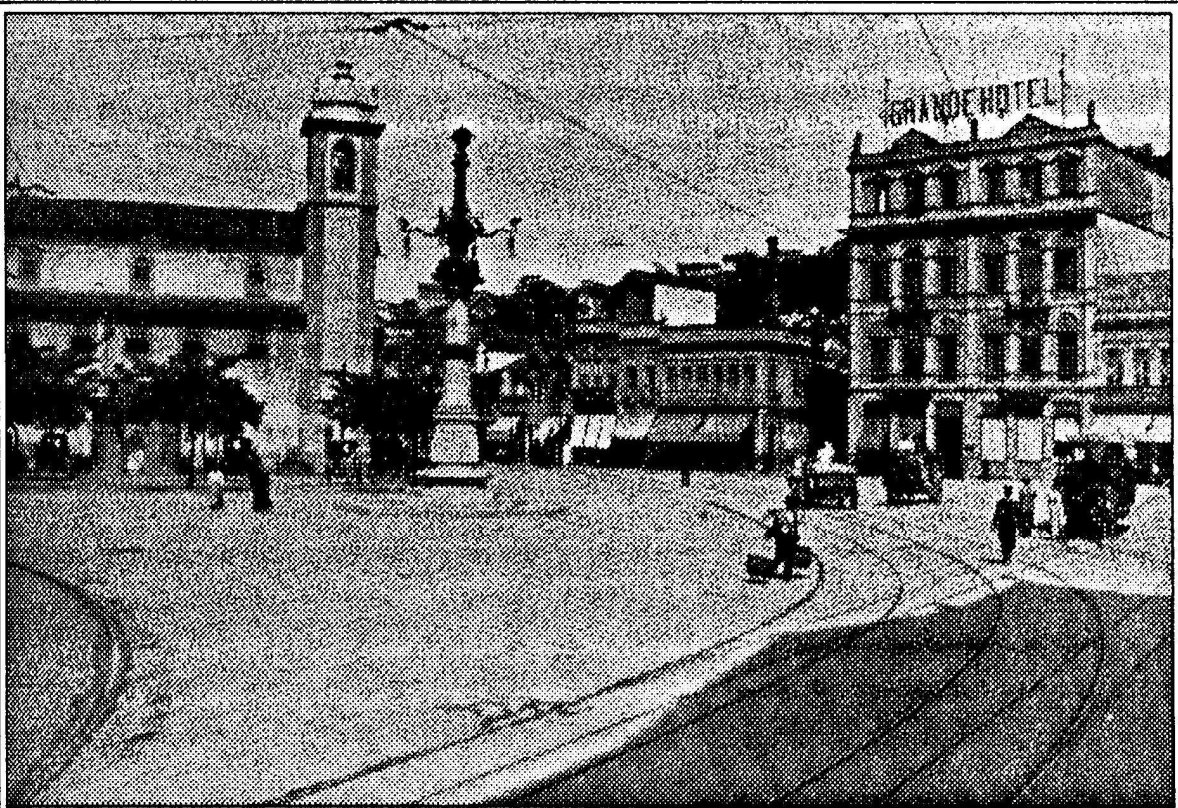
A **Lapa** não se constituirá no único espaço onde as cenas e os figurantes da velha sociedade irão se reproduzir. Mas é sobre esse lugar que nos propomos tratar no espaço desse trabalho.

No entanto, não pretendemos defender a idéia de que a **Lapa** será o espaço da tradição, do velho. Propomos sim, que na **Lapa** haverá lugar para o convívio do novo e do velho. Ou melhor, do velho renovado.

Mas quem realmente nos dirá para que e para quem havia lugar no novo contexto da **Lapa**, serão aqueles agentes sociais que a vivenciaram cotidianamente. Aqueles que construíram suas identidades espaciais como "famílias" e "boêmios" nesse lugar. E o farão através das lembranças que fomos buscar no espaço de suas memórias.



O PASSEIO PÚBLICO E ADJACÊNCIAS, c. 1875.



"LARGO DA LAPA - 1908"

¹GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. *Focos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro*. In ABREU, M. de A. (org.). *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, Biblioteca Carioca, 1992, p. 17.

²Sobre a materialidade social e sua espacialidade ver CORRÊA, Roberto Lobato. *O meio ambiente a metrópole*. In ABREU, M. de A. (org.). *Natureza e Sociedade*. *Op. cit.*, pp.27-36.

³BARDY, Cláudio. *O século XVI (Da fundação até o fim)*. In Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos: Formação e desenvolvimento da cidade. Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1965, pp. 49-65.

⁴BERNARDES, Lysia M. C. . *Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro*. In ABREU, Maurício de A. (org.). *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. *Op. cit.*, p.38.

⁵LAMÊGO, Alberto Ribeiro. *A paisagem carioca e suas origens*. In Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos. *Op. cit.*, p.35

⁶Idem, p. 39.

⁷No início da colonização do Rio de Janeiro, os emigrantes da ilha da Madeira predominavam de modo absoluto entre a população lusa. Vieram para plantar a cana-de-açúcar que aqui tão bem se aclimatou. Os jesuítas, privilegiados nas

primeiras distribuições de sesmarias, foram os maiores proprietários de engenhos do século XVII e os pioneiros na penetração pelo sertão carioca, em direção norte. Ver BARDY, Claudio. *Op. cit.* p.73, 76,77.

⁸MELLO, João Manuel Cardoso. *O Capitalismo Tardio*. São Paulo, Editora Brasileira, 1982, pp. 36-52.

⁹Em 1643, com o objetivo de dar início à drenagem da lagoa de Santo Antônio, é feito o alargamento e aprofundamento do valado (que é uma vala pouco funda, e que se constitui durante algum tempo em obstáculo à expansão da cidade nessa direção) escorando-o com pedra e cal- o que deu origem "à denominação de Vala, em cujas margens foi tomando forma um caminho, que daria origem à Rua da Vala (hoje Uruguaiana). Ver BARDY, Cláudio, *Op. cit.*, p. 67.

¹⁰NETO, Nestor de Oliveira. *A evolução dos transportes*. In Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos. *Op. cit.*, p. 338.

¹¹O Engenho d'El Rei, por ordem da coroa, fora levantado, no século anterior, às margens da "longínqua lagoa (hoje Rodrigo de Freitas) e ocupava, então, toda a parte da Gávea que margeava a lagoa". Ver BARDY, C.. *Op. cit.* pp.75-6.

¹²BERNARDES, Lysia M. C.. *Op. cit.*, p.43.

¹³BARDY, Claudio. *Op. cit.*, p. 99.

¹⁴INTRODUÇÃO. In Rio de Janeiro em seus Quatrocentos anos. *Op. cit.* , p. 13.

¹⁵Sobre as questões do abastecimento d'água da cidade do Rio de Janeiro, em várias épocas, ver ABREU, Maurício de. *A cidade, a montanha e a floresta*. In ABREU, M. de A. (org). *Natureza e Sociedade do Rio de Janeiro. Op. cit.*, pp.54-103.

¹⁶GERSON, Brasil. *A Lapa e a Glória*. In *História das ruas do Rio*. Rio de Janeiro, Livraria Brasiliense Editora, 1965, 4a. ed., p. 313.

¹⁷GERSON, B. *Op. cit.*, p.313. Lapa nesse sentido significa "grande pedra ou laje que forma um abrigo".

¹⁸GERSON, B.. *Op. cit.*, p.314.

¹⁹AZEVEDO, Aroldo. *Vilas e cidades do Brasil colonial*. In *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros* 9(1). pp. 51-2-3.

²⁰ABREU, M. de A. (org) *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro. Op. cit.*, p. 59.

²¹BARDI, Cláudio. *Op. cit.*, p. 100.

²²Sobre os diferentes tipos de transportes utilizados no Rio de Janeiro, do tempo da colônia à metrópole, ver NETO, N. de. *Op. cit.* pp.338-356.

²³CRULS, Gastão. Aparência do Rio de Janeiro (Notícia histórica e descritiva da cidade). Rio de Janeiro, Livraria José Olímpio, 1949, vol. I, pp. 194-5 e 199-200, *apud* AZEVEDO, Aroldo. *Op. cit.* p.53.

²⁴BARDY, Cláudio. *Op. cit.*, pp.99-100.

²⁵BERNARDES, Lysia. *Op. cit.*, p.43.

²⁶BARDY, Cláudio. *Op. cit.*, p. 97.

²⁷Sobre o papel dos mestres-do-risco, precursores do urbanismo do Rio de Janeiro, ver BARDY, C.. *Op. cit.*, p. 121.

²⁸Sobre os detalhes do Passeio Público ver BARATA, Mario. *A Arquitetura até o Século XIX*. In Rio de Janeiro em seus Quatrocentos Anos. . *Op. cit.*, pp. 175-190.

²⁹Hoje, o Passeio Público permanece apenas como um símbolo do passado. Sua freqüência não é mais a mesma do período que vai do Rio de Mestre Valentim até às primeiras décadas do século XX.

³⁰Os carmelitas estavam desde 1808 alojados, provisoriamente, no convento que fora dos barbadinhos na rua dos Barbonos (hoje Evaristo da Veiga) onde se encontra atualmente o quartel do 4º Batalhão da Polícia Militar. Eles haviam

sido desalojados do seminário por eles construído em 1590, diante do Paço, para ceder lugar à mãe de D. João VI, D. Maria I, a Louca.

³¹GERSON, Brasil. *Op. cit.*, p. 314.

³²BERGER, Paulo. Dicionário Histórico das Ruas do Rio de Janeiro: I e II regiões administrativas (centro). Rio de Janeiro, Gráfica Olímpica Editora Ltda., 1974, p.135. E também GERSON, Brasil. *Op. cit.*, pp. 314-5.

Outro "Império" famoso, de pedra e cal, era o do Campo de Santana demolido sob D. João VI para a construção do quartel-general local, onde em 1889 foi proclamada a República. Uma descrição das festas do Divino do Império do Campo de Santana pode ser encontrado in COARACY, Vivaldo. Memórias da Cidade do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Livraria José Olimpio Editora, 1965, vol. 3, pp. 166-7.

³³GERSON, Brasil. *Op. cit.*, p. 314.

³⁴Idem, p. 315.

³⁵BERNARDES, Lysia. *Op. cit.*, p.46.

³⁶Sobre a passagem da economia colonial em economia capitalista, ver MELLO, João Manuel Cardoso. O Capitalismo Tardio. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

³⁷Sobre as contradições do espaço urbano, ver, CORRÊA, R. L. O espaço urbano. São Paulo, Editora Ática, 1989, pp. 7-10.

³⁸ABREU, Mauricio de. A Evolução Urbana do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IPLANRIO/Zahar, 1987, p. 36.

³⁹BERNARDES, Lysia. *Op. cit.*, p.51.

⁴⁰ABREU, Mauricio de. *A Periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930)*. In Espaço & Debates nº. 21, 1987, p. 13.

⁴¹Como nos explica Paulo Berger, a cidade do Rio de Janeiro, no passado, era dividida, sob um aspecto eclesiástico, em diversas freguesias ou paróquias, as quais limitavam os territórios de jurisdição religiosa, em princípio. Entre 1634 e 1873, com a expansão da cidade, foram criadas 11 freguesias. Parte delas urbana, parte rural que pouco a pouco vão se urbanizando. Com a transformação, em 1892, do antigo Município Neutro, criado em 1834, em Distrito Federal, ocorrem diversas modificações. Uma nova divisão do território, agora sob aspectos: administrativos, jurídicos, tributário, policial, fiscal ou eleitoral, separa-o em distritos. Com a mudança do Distrito Federal, em 1960, são criadas as administrações regionais ou regiões administrativas. Com relação à Lapa, baseados na bibliografia percorrida, arriscamos a afirmar que uma parte da atual Lapa (considerada em termos de seus limites administrativos) fazia parte, ficava

sob jurisdição da freguesia de Santo Antônio. E justamente essa área que não era considerada como Lapa pelos seus antigos moradores, pelos boêmios, pela imprensa, pela voz do povo até início do século XX. Outra parte, estava sob jurisdição da freguesia da Glória. Nesse caso, contendo o território do bairro identificado afetivamente, através da vida cotidiana.

⁴²Ver BERNARDES, Lysia . *Op. cit.* , pp. 46-51. Ver também ABREU, M. de A..Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.* , pp. 37-41 .

⁴³Essa expansão é descrita com detalhes in ABREU, M. de A.. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, pp. 37-42. Ver também BERNARDES, Lysia. *Op. cit.*, pp. 46-50.

⁴⁴ENGEL, Magali G. *A cidade, as prostitutas e os médicos*. In Revista do Rio de Janeiro, Niterói, vol. 1, nº. 3, 1986, p. 32.

⁴⁵ABREU, M. de A.. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.* p. 14.

⁴⁶LOBO, Eulalia M.L.. História do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, IBMEC, 1978, p. 231, *apud* ENGEL, M. *Op. cit.*, p. 32. .

⁴⁷Idem, p. 32.

⁴⁸PENA, Lincoln de Abreu. Uma história da República. Rio de Janeiro, Editora Nova Fronteira, 1989, pp. 63-68.

⁴⁹EDMUNDO, Luis. O Rio de Janeiro de meu tempo. Rio de Janeiro, Conquista, vol. II, 2a. ed., 1957, p. 247, *apud* ENGEL, Magali. *Op. cit.*, p. 32.

⁵⁰BERNARDES, Lysia. *Op. cit.*, p. 51.

⁵¹ABREU, M. de A.. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, pp. 44-50.

⁵²Sobre a expansão das diferentes linhas de trens e o papel desse transporte na cidade ver ABREU, M. de A. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, pp. 53-5.

⁵³GERSON, B., *Op. cit.*, p. 315.

⁵⁴Idem.

⁵⁵ABREU, M. de A.. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, p. 37

⁵⁶GERSON, Brasil. *Op. cit.*, p. 316.

⁵⁷Idem.

⁵⁶As casas da cidade até princípios do século, não possuíam numeração. Poucas ruas seguiam alinhamento até o fim, já que se tratava de uma cidade edificada entre morros e lagoas. Ao longo do século XIX, as casas passam a ter números. Ver PASSOS, Alexandre. O Rio no tempo do Onça(século XVI ao XVIII). Rio de Janeiro, Jamilho Ribeiro dos Santos - Editor, 1930.

⁵⁹GERSON, Brasil. *Op. cit.*, p. 316

⁶⁰Idem.

⁶¹Idem.

⁶²Idem.

⁶³BERGER, P.. *Op. cit.* p. 73

⁶⁴Idem.

⁶⁵GERSON, Brasil, *Op. cit.*, p. 317

⁶⁶GERSON, Brasil. *Op. cit.*, p. 317-8.

⁶⁷BERGER, Paulo. *Op. cit.* p. 92.

⁶⁸MELLO, J.M.C.. *Op. cit.*, pp. 58-9.

⁶⁹Segundo Lincoln Penna, a Insurreição Pernambucana (1817); a Revolta Cabana, no Pará (1833-34); a Revolução Farroupilha, no Rio Grande (1839); a Balaiada, no Maranhão (1838-39); a Revolução Praieira, em Pernambuco (1848); a Revolta do Vintém, no Rio de Janeiro (1879-80), são exemplos na luta contra o governo e o regime monárquico. E muitos deles contendo um ideário nitidamente republicano. Ver PENNA, L. A.. *Op. cit.*, pp. 21-49.

⁷⁰Idem, pp. 30-1.

⁷¹Idem, pp. 79-82.

⁷²MELLO, J.M.C.. *Op. cit.*, p. 50.

⁷³PENNA, L. A. . *Op. cit.*, p. 96.

⁷⁴Idem, p. 99.

⁷⁵Idem, pp. 96-99.

⁷⁶Quando Campos Sales assumiu o governo, sua primeira providência foi negociar a dívida brasileira. Os ingleses, os maiores credores, propuseram a seguinte solução: moratória de três anos, período no qual teriam 10 milhões de libras

esterlinas, para formar um *funding-loan*, a ser amortizado em dez anos. Campos Sales ofereceu como garantia dessa dívida - aliás o que mostra claramente o dinamismo interno da cidade do Rio de Janeiro - toda a renda do movimento da alfândega do Rio, o serviço de abastecimento de água da Capital, além das receitas da Estrada de Ferro Central do Brasil. Este acordo incluía, igualmente, a queima de papel-moeda na quantidade equivalente aos títulos da dívida depositados em Londres, para provocar a queda da inflação.

⁷⁷SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo, Editora Brasiliense, 1983, p. 27. Até 1889, o Rio de Janeiro detinha mais da metade do capital industrial do país. No primeiro Censo Industrial, realizado para o ano de 1907, a maior concentração industrial brasileira ainda é no Distrito Federal. Apenas no Censo Industrial de 1919 é que a maior percentagem de valor bruto da produção industrial já é de São Paulo. Ver PENNA, L.A.. *Op. cit.*, pp. 125-132.

⁷⁸ABREU, M. de A. Reconstruindo uma história esquecida: Origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, UFRJ Departamento de Geografia, 1992, p. 3 (texto-xerox).

⁷⁹SEVCENKO, N.. *Op. cit.*, p.27.

⁸⁰O encilhamento foi a política econômica-financeira de Rui Barbosa - Ministro da Fazenda, do Presidente Deodoro da Fonseca, - que através de Decreto datado de

1890, "permitiu a emissão de dinheiro, para atender à necessidade de expansão do meio circulante, permitindo e facilitando o pagamento das remunerações do trabalho. As conseqüências, no entanto, foram desastrosas. A inflação cresceu, a especulação tomou conta da Bolsa, sobretudo através da criação de empresas fictícias, gerando e movimentando títulos falsos, sem lastro ou correspondência monetária". Era, então, o resultado das ações dos especuladores, acusados de argentários e escroques. Ver PENNA, L. A. *Op. cit.*, pp. 55-6 e 73.

⁸¹SEVCENKO, N.. *Op. cit.*, p.28.

⁸²Idem.

⁸³Idem, pp. 28-9.

⁸⁴Idem, p. 30, *apud* BILAC, Olavo: Cronica, Revista Kosmos, n° 1, 1904.

⁸⁵SANTOS, Noronha dos. Meios de Transporte no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, Typografia do Jornal do Comércio, 1934, vol.2, p. 88, *apud* ABREU, M. de. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, p. 63.

⁸⁶Para os detalhes da Reforma Pereira Passos, ver PREFEITURA do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, pp. 15-50. Para uma análise crítica da Reforma Pereira Passos ver ABREU, Mauricio de. Evolução Urbana do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, pp. 59-67. Passaremos a nos referir ao conjunto de obras realizadas nesse período, quer

pelo Governo Federal, quer pela prefeitura do Rio de Janeiro, como Reforma Passos no sentido de tempo.

⁸⁷PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, pp. 21-2.

⁸⁸Sobre a política higienista desenvolvida no Rio de Janeiro desde o tempo do Império, ver ABREU, M. de. *Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro*. *Op. cit.*, pp. 3-8. Ver também ABREU, M. de. *Da habitação ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução*. *Op. cit.*, pp. 47-53.

⁸⁹GERSON, B.. *Op. cit.*, p. 315.

⁹⁰LUIS EDMUNDO, O Rio de Janeiro de meu tempo. Rio de Janeiro, Imprensa Nacional, 1938, vol. 2, p.477.

⁹¹Verificamos, em jornais da segunda metade do século XIX e primeira metade do século XX, a existência de anúncios de aluguéis de quartos tanto nas ruas dos bairros do Centro, Lapa, Glória quanto Botafogo, Jardim Botânico e na nova Copacabana.

⁹²GERSON, B.. *Op. cit.*, p. 315.

⁹³Essa informação nos foi dada pela Sra. Dolores Bittencourt Dottori, filha do "coronel" Totó, de Viçosa, interior de Minas, compadre e articulador político do candidato e futuro presidente Arthur Bernardes (1922-1926) . Seu pai e familiares se hospedavam no Hotel Avenida.

⁹⁴OLIVEIRA NETO, Nestor de. *Op. cit.*, 351.

⁹⁵Idem, p. 355. Os automóveis licenciados em 1905 foram 12; em 1906:66; em 1911:1235; em 1912:2402; em 1917:2313. De 1923 a 1926 foram licenciados 34090 automóveis e carros de carga.

⁹⁶Idem, p. 346.

⁹⁷Idem, p. 351.

⁹⁸Idem, p. 352.

⁹⁹Idem.

¹⁰⁰PREFEITURA da Cidade do Rio de Janeiro. *Op. cit.*, p. 19.

¹⁰¹MELLO, João Manuel Cardoso. O capitalismo tardio: Contribuição à revisão crítica da formação e do desenvolvimento da economia brasileira. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982, p. 98.

¹⁰²CARDOSO, Fernando Henrique. *Condições sociais da industrialização: o caso de São Paulo*. In *Mudanças Sociais na América Latina*, São Paulo, Difusão Européia do Livro, 1969, pp. 188-189, *apud* MELLO, J.M.C. de. *Op. cit.*, p. 99.

¹⁰³MELLO, J.M.C. de. *Op. cit.*, p. 100.

¹⁰⁴Idem, p. 102.

¹⁰⁵PENNA, L. A. . *Op. cit.*, p. 102.

¹⁰⁶MELLO, J. M. C. de. *Op. cit.*, pp. 104-109.

¹⁰⁷Idem, p. 109.

¹⁰⁸Idem.

¹⁰⁹Idem, pp. 109, 171-72.

¹¹⁰Idem, p. 109.

¹¹¹Idem, p. 110.

¹¹²PENNA, L. A. . *Op. cit.*, p. 99.

¹¹³Idem, p. 118.

¹¹⁴Idem, p. 162.

¹¹⁵Idem, pp. 162-63-64.

¹¹⁶A síntese aqui elaborada, com relação aos movimentos das instituições: classe trabalhadora, classe patronal e Estado foi feita com base em PENNA, L. A. *Op. cit.* pp. 132-151

¹¹⁷ABREU, M. de. *A periferia de ontem: o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930)*. In Espaço & Debates n° 21 - 1987, p. 15.

¹¹⁸ABREU, M. de. *A periferia de ontem ...* . *Op. cit.*, p. 15.

¹¹⁹Sobre o surgimento e expansão das favelas, assim como a criação de suas imagens, ver ABREU, M. de. *Reconstruindo uma história esquecida*. *Op. cit.*, pp. 1-22.

¹²⁰SEVCENKO, N.. *Op. cit.*, p. 41.

¹²¹Idem, p. 30.

¹²²JOÃO DO RIO: O momento Literário, H. Garnier, Rio/Paris, s.d., p. 327; citação "O Globo", Revista Kosmos, jun. 1905, *apud* SEVCENKO, N.. *Op. cit.*, p. 32,

¹²³ Bororó "Os Índios", Revista Fon-Fon, 16.1.1909; O Circulez no Rio, Revista Fon-Fon, 22.3.1919, *apud* SEVCENKO, N.. *Op. cit.*, p. 33.

¹²⁴SEVCENKO, N.. *Op. cit.*, p. 39.

Parte III

Em busca do espaço perdido

A memória do espaço

"Concentremo-nos agora, fechemos os olhos, remontemos o curso do tempo tão longe quanto nos seja possível, tanto quanto nosso pensamento possa se fixar em cenas ou pessoas das quais conservamos a lembrança. Jamais saímos do espaço."

Maurice Halbwachs

Embora a memória seja uma categoria psicológica, geralmente ligada à idéia de tempo, podemos afirmar que "o tempo da memória não se concretiza a não ser quando se encontra a resistência de um espaço que se habitou". Para que essa resistência se manifeste, é preciso que emane de um grupo. E o que leva os grupos a se ligarem a um lugar é o fato de estarem próximos no espaço que criou entre seus membros relações sociais:¹ uma família, uma vizinhança, um local de trabalho, um local de prazer...

Ou mesmo da forma como nos confessa Goethe: "...Quando queremos nos recordar do que nos aconteceu nos primeiros tempos de nossa infância,

confundimos seguidamente o que escutamos dos outros com nossas próprias lembranças."²

Pretende-se demonstrar assim, o caráter não só pessoal, mas familiar, grupal, social da memória. Pois se os habitantes de uma cidade, de um bairro, de uma avenida de casas, formam uma pequena sociedade, é porque estão reunidos numa mesma região do espaço. E mesmo que esse fato seja apenas uma condição da existência social desses grupos, é uma condição essencial e muito clara", pois existe uma **aderência** do grupo ao seu lugar, como afirma Maurice Halbwachs³ - um defensor radical da interpretação social da capacidade de lembrar.

Defender radicalmente a interpretação social da capacidade de lembrar é negar a noção de espaço, que foi, durante longo tempo, para a maioria dos filósofos, bem mais que o tempo, o mundo do homogêneo. Como num verso de Mallarmé, "L'espace à soil parçil..." [o espaço, igual a si mesmo]; o espaço sempre idêntico. Geralmente, para esses filósofos, o espaço é o que precede os lugares, o que lá se encontra a priori para recebê-los. Quaisquer que sejam os lugares, qualquer que seja o modo concreto como se manifestam, o espírito supõe atrás deles, e à sua volta, uma realidade nua, abstrata, totalmente desprovida de características, que formaria como que um terreno impessoal onde os lugares se ordenam e se distribuem. Assim, o concreto estaria situado no abstrato, o pessoal no impessoal, o heterogêneo no homogêneo. Haveria primeiro o espaço, depois os lugares, que encontram sua posição no espaço. Em primeiro lugar, haveria o contínuo, que é o espaço; de modo que o descontínuo só poderia ser compreendido como aquela perturbação

subseqüente, acidental, e provavelmente temporária, de uma ordem inegavelmente primitiva, que prometia ser eterna. Necessariamente esse princípio de continuidade espacial tem como corolário um princípio correspondente de continuidade temporal⁴.

Os espaços reinventados na memória são regidos por um outro princípio - o princípio da descontinuidade. Nos espaços da memória, que é essencialmente afetiva, a descontinuidade temporal é precedida e mesmo comandada por uma descontinuidade ainda mais radical, a do espaço⁵. Nos espaços da memória "não existe uma continuidade de lembranças imbricadas umas nas outras, de modo a formar uma cadeia ininterrupta desde a lembrança inicial até o momento presente"⁶.

Seguindo o pensamento de M.Halbwachs, para que possamos lembrar, não nos transportamos em pensamento para fora do espaço, ao contrário "é somente a imagem do espaço que, em razão da sua estabilidade, dá-nos a ilusão de não mudar através do tempo e de encontrar o passado no presente." É assim que podemos definir a memória. E o espaço só é suficientemente estável para poder durar sem envelhecer, nem perder nenhuma das partes."⁷

Em seu trabalho intitulado: **O Espaço Proustiano**, George Poulet nos chama a atenção para a forma pela qual Marcel Proust leva ao extremo a metamorfose do tempo em espaço. Segundo Poulet, embora os próprios termos do título da grande obra proustiana indiquem uma busca do tempo perdido, onde um ser põe-se à procura de seu passado, num esforço para reencontrar sua antiga existência, esta obra desde "o primeiro momento - quase que poderia

dizer: desde o primeiro lugar - da narrativa...se afirma como uma busca não somente do tempo, mas também do espaço perdido":⁸

["Na verdade, quando despertava assim, com o espírito se debatendo em vão para tentar descobrir onde estava, tudo girava à minha volta no escuro, as coisas, os lugares, os anos".]

(um ser proustiano)

Essa sensação vivida pelo personagem proustiano é extremamente angustiante, pois ela resulta da mobilidade dos lugares, no espaço do pensamento. Como então coloca G.Poulet, "não perder a fé na vida, quando se percebe que é ilusória a única fixidez em que se acreditava: a fixidez dos lugares, dos objetos ali situados?"⁹

O ser, privado do lugar, perde suas referências existenciais e sociais. Encontra-se sem universo. Não está "em parte alguma, ou antes, está em qualquer lugar, como destroços flutuando no vazio do espaço."¹⁰

No entanto, quando os lugares familiares retornam e reocupam o lugar primitivo "reencontramos subitamente o tempo perdido, do mesmo modo aparentemente fortuito... aquele ser perdido no espaço descobre-se em casa, e descobre ao mesmo tempo o lugar perdido."

Quando, do fundo da memória, alguma imagem do passado se oferece confusamente à consciência, ainda lhe resta uma tarefa a cumprir: a que

consiste em "apreender de que circunstância particular, de que época do passado se trata". Essa tarefa, destaca G.Poulet, possui um nome: chama-se localization [localização]¹¹. E quando o ser proustiano localiza no espaço um certo período de sua infância, ou de sua mocidade, ele vê "... uma igreja, uma cidade, um conjunto topográfico sólido, não mais errante, que não vacila mais."¹²

No entanto, segue G.Poulet, os verdadeiros lugares proustianos são muito pouco objetivos pois eles estão invariavelmente ligados a certas presenças humanas". Eles não existem em si. Jamais um lugar na obra proustiana "é descrito sem que... se profile este ou aquele rosto." Mas ao mesmo tempo sem os lugares, os seres proustianos seriam apenas abstrações. São os lugares que oferecem precisão às suas imagens, que nos fornecem o esteio necessário, através do qual podemos atribuir-lhes um lugar em nosso espaço mental, "sonhar com eles e deles nos lembrarmos."¹³

George Poulet mostra ainda, em Proust, que uma sensação atual com uma sensação antiga determina uma liberação de lembranças. Os momentos perdidos são reencontrados. Graças à memória, o tempo não está perdido, e se não está perdido, também o espaço não está. Ao lado do tempo reencontrado, diz ele, está o espaço reencontrado. "Ou para ser mais preciso, está um espaço que se encontra e se descobre em razão do movimento desencadeado pela lembrança." Dessa forma, o espaço proustiano é uma realidade positiva e transponível, transformada "numa continuidade universal, ao longo da qual, para todos os lados, o pensamento se desdobra como uma onda que mantém seu impulso inicial, levando sua faixa de espuma cada vez mais longe."¹⁴

E é importante destacar que quando um indivíduo deixa-se levar pelas lembranças das cenas de sua infância ou juventude, dentro da casa de seus pais ou num bairro de uma cidade já transformada pelo urbanismo, ele não trata suas evocações como objetos de reconhecimento. "Muito ao contrário, a reconstituição sistemática dos modos de vida de uma época anterior, através dos objetos, dos espaços e dos tipos de trocas sociais, transforma o campo da memória em teatro de um conhecimento objetivo."¹⁵

E essa função de lembrar "arranca do que passou seu caráter transitório, faz com que o passado entre de modo construtivo no presente. Para Hegel, é o passado concentrado no presente que cria a natureza humana por um processo de contínuo reavivamento e rejuvenescimento.¹⁶ E nesse processo as lembranças trazem do passado, além dos lugares e das pessoas, a vida cotidiana também.

Por tudo isso, buscamos aqui não um espaço vazio, homogêneo ou geometrizado. Buscamos, e encontramos um espaço cheio de rostos, de vozes de "ir e vir", de objetos, de escadas, de ruas, de relações sociais. Encontramos espaços de existências socialmente vividos. Encontramos: uma "Cidade Subjetiva".

O espaço da memória dos velhos

"Se a vida é, errante, sedentária é a memória, e, embora deambulemos sem trégua, nossas lembranças, fixas nos lugares que a deixamos, continuam levando sua vida cotidiana."

Marcel Proust

A memória das sociedades antigas se apoiava na estabilidade espacial e na confiança de que os seres de nossa convivência não se perderiam, não se afastariam. Constituíam-se valores ligados à praxis coletiva como a vizinhança, a família larga, extensa, apego a certas coisas, a certos objetos biográficos¹⁷. No entanto, "destruindo os suportes materiais da memória, a sociedade capitalista bloqueou os caminhos da lembrança, arrancou seus marcos e apagou seus rastros¹⁸. As sociedades contemporâneas dessacralizaram a morada do homem¹⁹.

Seria possível inverter esse processo através dos espaços da memória?

Segundo Felix Guattari, é impossível ao homem restabelecer relações com suas terras natais, pois estas estão definitivamente perdidas. Mas é

possível, segundo ele, "restaurar uma Cidade Subjetiva", que engaja tanto os níveis singulares da pessoa quanto os níveis mais coletivos. É possível reconstituir uma relação com "o cosmo e com a vida"²⁰. Tentemos, então.

Na perspectiva das sociedades arcaicas, um território não se faz "nosso" senão "criando-o" de novo, quer dizer consagrando-o. Segundo as tradições de uma tribo Arunta - os Achilpa - o Ser divino Numbakula "cosmizou", nos tempos míticos, o futuro território da tribo, criou-lhe o Antepassado e fundou-lhes as instituições. Do tronco de uma árvore da goma, Numbakula afeçou o poste sagrado (Kauwa-auwa) e, depois de o ter ungido com sangue, trepou por ele e desapareceu no Céu. Este poste representa um eixo cósmico, porque foi à volta dele que o território se tornou habitável, portanto se transformou num "mundo". Por esta razão, o papel ritual do poste sagrado é considerável: durante as suas peregrinações, os Achilpa transportam-no sempre consigo e escolhem a direção que devem seguir segundo a inclinação do poste. Isto permite que os Achilpa, embora se desloquem continuamente, estejam sempre no "seu mundo" e, ao mesmo tempo, em comunicação com o Céu, onde Numbakula desapareceu... Se o poste se quebra, é a catástrofe; é de certa maneira o "fim do mundo"... Tendo-se quebrado uma vez o poste sagrado, toda a tribo foi tomada de angústia; os seus membros vagabundearam durante algum tempo e finalmente sentaram-se no chão e deixaram-se morrer."²¹

Assim, propomos que, como entre os Achilpa, as lembranças dos velhos sejam seus pilares sagrados, que lhes mostrarão as direções, os lugares do passado que devem fincar no presente - no espaço de sua memória. Ou seja, recriar no presente o espaço de existência social perdido no passado. Deixar

de consagrar esse espaço vivido seria sua morte! Ao mesmo tempo , concedemos aos velhos - que deixaram de ser um propulsor de vida presente do seu grupo - a função própria - desse momento de **velhice social** : a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

Busquemos então esses relatos preciosos sobre os lugares que estariam fadados ao esquecimento, mas que sobrevivem nesse inesgotável reservatório de experiências vividas. Essas narrativas que são ao mesmo tempo "estados de sonhos, de devaneios, de melancolia, de desprendimento". Pois, se tempo e espaço são invenções sociais, que constroem e ao mesmo tempo são construídas pela sociedade dos homens, vejamos como os espaços da memória reinventam estas categorias fundamentais; observemos de que modo são feitas e legitimadas as demarcações, as separações, as oposições...²² Examinemos como as lembranças dos velhos situam-se nessa dimensão social que é o espaço. Deixe-mo-las, enfim, "embeber-se" - ou embebedar-se - socialmente, na restauração de sua "Cidade Subjetiva", no reencontro de seu território de crianças e jovens.

A Lapa das famílias

As Demarcações Sociais ...

Pouco a pouco vão surgindo no espaço da memória dos velhos as demarcações do novo conteúdo social que passam a compôr o bairro da Lapa, a partir da primeira década do século XX. Principalmente no momento inicial, o do esforço de identificação, onde aparecem claramente a composição étnica, as formas de ocupação profissional e a situação de classe, desses que foram, no passado, os novos moradores da Lapa.²³

D. MARGARIDA DE OLIVEIRA

Nasci no dia 6 de maio de 1911, na Lapa. Meu pai era português, mas se naturalizou brasileiro. Acho que para fugir do serviço militar. Aliás como muitos jovens fizeram na época. E talvez, também, para poder voltar a Portugal sem problema ... Ele ia assumir a presidência do Sindicato dos Choferes, em 1916, quando morreu queimado antes de tomar posse. Alguns dizem que a explosão do tanque de gasolina, que causou a morte dele, foi provocada pelos seus inimigos políticos, outros dizem que ele mesmo se descuidou e jogou um cigarro no tanque; outros ainda que foi feitiço de uma mulata! Antigamente não havia posto de gasolina. Ela era armazenada em tanques no interior de galpões ou garagens. Meu pai estava consertando o

carro justamente ao lado do tanque que explodiu ... Todos comentavam que seu enterro foi uma beleza, que havia uma fileira de carros que ia da praia até a porta da nossa casa na rua Joaquim Silva. O sindicato foi em peso ...

D. ELZA HENLEY DE MELLO

Eu estou com 82 anos agora. Sou, então, de 1911. Nasci na rua Silva Manoel 84, hoje rua André Cavalcanti. Numa belíssima casa pertencente aos meus avós ingleses, pais de minha mãe. Mamãe era brasileira e se casou com um rapaz português ... Com dois anos de idade fui morar no Largo dos Governadores ... E em 1917 nos mudamos de novo. Fomos para a Lapa, para o sobrado da padaria do papai, na rua Mem de Sá 70. Só saímos de lá em 1932. Lembro bem da data, porque festejamos os meus 21 anos assim que chegamos na nova casa de dois andares que ficava na rua Silvio Romero quase esquina da Riachuelo, bem pertinho da Lapa. Hoje chamam tudo aquilo de Lapa, não? ...

D. MARIA BRANDÃO LOUREIRO

Meu pai, o Sr. Brandão, era português do Pôrto. Veio para o Brasil com seus pais com 12 anos de idade. Foi empregado de um açougue de um outro português, na rua da Lapa 10. Depois entrou de sócio. Até que virou único dono. Foi aí que fomos morar no sobrado do açougue.

Antes do sobrado, moramos durante alguns anos na rua Moraes e Valle, onde nasceram meus dois irmãos mais novos - o Waldemar e o Avelino.

Eu nasci em 1913. Fui para a Lapa em 1915 e só saí de lá quando casei em 1940. Meu noivo era estudante de Medicina. Eu tive que esperar ele se formar para poder casar.

D. ROSA MONTEIRO COSTA

Nasci no Rio de Janeiro, em 1914, no bairro da Lapa, onde morei até o ano de 1940, quando me mudei, já casada, para a rua André Cavalcanti, no Centro.

Minha mãe veio de Portugal em 1910 com três dias de casada. Direto para morar num quarto, na rua Joaquim Silva ... o lugar onde nasci. Meu pai também era português. Morava desde rapazola no Brasil. Ao viajar para Portugal, em visita a seus pais, conheceu minha mãe, e se apaixonou por ela. Ele prometeu que a levaria para morar numa casa com muitas árvores no quintal ... Da janela do quarto onde foram morar, ele apontava para a rua e dizia: "Aí estão as tuas árvores, Maria Rosa!" ... Meu pai era chofer. Minha mãe não tinha profissão, tanto que, quando ficou viúva, foi obrigada a lavar roupa para os vizinhos, e, dessa forma, conseguir algum dinheiro para nos sustentar. Era muito orgulhosa e não queria pedir ajuda aos parentes portugueses. Sua família em Portugal tinha posses. Meu avô era dono de uma padaria enorme. Contavam que ele entrava a cavalo dentro da padaria.

Sr. DIONÍSIO DA SILVA

Eu nasci na Lapa em agosto de 1918. E só saí de lá com 22 anos. Minha mãe ficou conhecida na rua onde morávamos como a "Maria do Gramofone", pois ela havia comprado um gramofone para que minhas irmãs aprendessem a dançar. Meu pai era de Amarantes e minha mãe, de Penafiel. Hoje, a casa onde nasci já não existe mais. A avenida toda foi demolida. Hoje é um hotel.

A Lapa era um bairro residencial. A avenida onde morávamos era ocupada basicamente por imigrantes portugueses. Aliás, na rua da Lapa e na rua Joaquim Silva havia uma maior concentração de portugueses. No Beco dos Carmelitas e na rua Moraes e Valle predominavam os italianos. Grande parte dos imigrantes eram pequenos comerciantes. Suas mulheres não trabalhavam fora. Algumas, poucas, eram costureiras ou lavavam roupa para fora. Já as moças filhas dos imigrantes, muitas delas iam trabalhar fora.

Sr. EDGARD COSTA

Nasci no Rio de Janeiro, em 1905. No entanto, com um ano e meio de idade fui com minha família para Portugal, pois meu pai, que era português, casado com uma brasileira, filha de portugueses, ficara doente dos pulmões. O médico aconselhara: "Costa, vai para tua terra que lá tu melhoras". Naquela época a tuberculose era um horror ... Minha mãe teve três filhos . O primeiro, o Eduardo, morreu aqui no

Brasil vitimado pela varíola. O mais novo nasceu em Portugal em 1909.

No Rio meu pai trabalhava no comércio, numa casa de secos e molhados, e não pagava nada pela casa onde morávamos. Era no subúrbio de Inhaúma. Tanto que simplesmente abandonamos a casa antes de pegarmos o navio.

Quando chegamos em Portugal, o estado de meu pai era tão deplorável, sua aparência era tão ruim, que minha mãe contava, que o barbeiro se negara a barbeá-lo.

Ao terminar a Escola Náutica em Lisboa, não pude realizar meu grande sonho, o de embarcar num navio e sair pelo mundo afora.

Foi então que decidi voltar para o Brasil, em 1927, com 22 anos. Não paguei passagem pois vim pelo Consulado Brasileiro ... No início, minha vida piorou muito ... Primeiro fui para Niterói, para um quarto de aluguel, morar com um rapaz com quem fiz amizade no navio. Dormi nas primeiras noites no chão forrado com jornal. Felizmente foi um período curto. Fiz contato com um amigo português - o Mário - do tempo dos esportes e das farras em Lisboa ... somos amigos até hoje ... -, que me levou para morar na casa de um alemão seu amigo - o Herbert - que era casado com uma portuguesa. A casa deles ficava no Andaraí.

O Herbert tinha um irmão chamado Hansen que morava numa casa de cômodos na rua da Lapa. Como eu havia conseguido um emprego no Arsenal de Marinha, na Praça

Mauá, o Hansen propôs que eu passasse a dividir o quarto com ele. Assim do Largo da Lapa ao Arsenal era um pulo e eu só pagava um tostão pelo bonde.

Casei em 1934 com a Rosa e fomos morar com minha sogra. Saímos da Lapa apenas em 1940.

D. DORA HENLEY DE MELLO

Nasci em 1913, no Largo dos Governadores, no cruzamento da rua Gomes Freire com Mem de Sá. Quando eu tinha sete anos fomos morar na rua Mem de Sá 70, até 1932.

Meus avós por parte de mãe eram muito ricos. Eram ingleses. Por isso somos todos, meus irmãos e eu, louros de olhos azuis. Daí também meu sobrenome Henley.

Meu avô era um homem muito bonito. Usava barba. Estava sempre vestido com uma sobrecasaca e chapéu-coco. As camisas impecáveis de punho duro ... Morreu em 1922. Vovô Henley tinha vários negócios aqui no Brasil. Eu não sei exatamente quais eram. Mas sei que ele era dono de uma padaria. Tanto que, quando meu pai, o Sr. Mello, veio de Portugal, foi trabalhar como vendedor no Moinho Inglês e mais tarde, já casado, foi tomar conta da padaria do sogro, o meu avô.



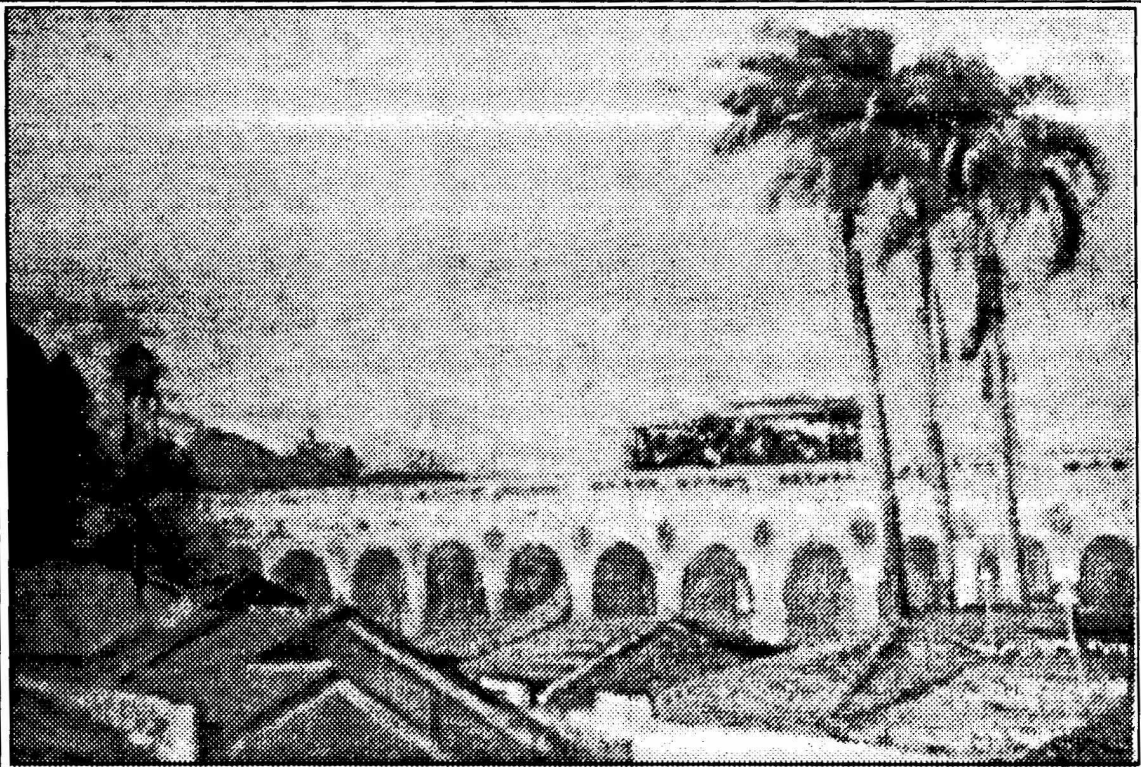
**D. MARIA ROSA E SR. JOAQUIM
IMIGRANTES PORTUGUESES,
CHEGAM NA LAPA NA DÉCADA DE 1900.**



**MARGARIDA, DIONÍSIO E ROSA,
FILHOS DE IMIGRANTES, NASCEM E CRESCEM NA LAPA**



EM 1934 ROSA E EDGARD SE CASAM.
EM 1940 DEIXAM A LAPA.



**ARCOS DA LAPA
VISCONTI**

As demarcações espaciais ...

Os velhos, após se apresentarem, vão pouco a pouco reconstruindo suas identidades espaciais. No espaço de sua memória, os limites do bairro vão se tornando cada vez mais visíveis.

A Lapa ia da Glória até os Arcos, alí pelo início das ruas Riachuelo e Mem de Sá. As ruas Taylor, Conde Lages, Joaquim Silva, todas aquelas que desembocavam ou atravessavam a rua da Lapa, e o próprio Largo da Lapa ... que já não existe mais ... formavam o bairro (D. Rosa).

Aquele início da Avenida Mem de Sá também fazia parte do bairro da Lapa ... (D. Dora).

Nós costumávamos ir ao cinema Guarani na Mem de Sá com Frei Caneca, ... lá já não era mais o bairro da Lapa (D. Margarida)

Os Arcos marcavam, mais ou menos, daquele lado, onde começava o bairro da Lapa ... Início da Mem de Sá, da rua dos Arcos e da rua Riachuelo. Do outro lado a Lapa começava no encontro da rua da Lapa com a Glória, onde ficava o Hotel Guanabara. O Passeio Público? ... era o nosso jardim ! (Sr. Dionísio).

O final da avenida, onde morávamos, na rua Joaquim Silva,

ficava bem no alto do morro. Quase todos os dias, minha irmã e eu íamos duas ou três vezes molhar a roupa que minha mãe colocava para coarar. De lá víamos os navios entrando e saindo pela barra ... Era uma beleza ! (D. Rosa)

Despontam assim alguns signos do espaço perdido.

Os **Arcos**, que tomam o significado de um marco, uma muralha protetora que separa a Lapa dos outros bairros.

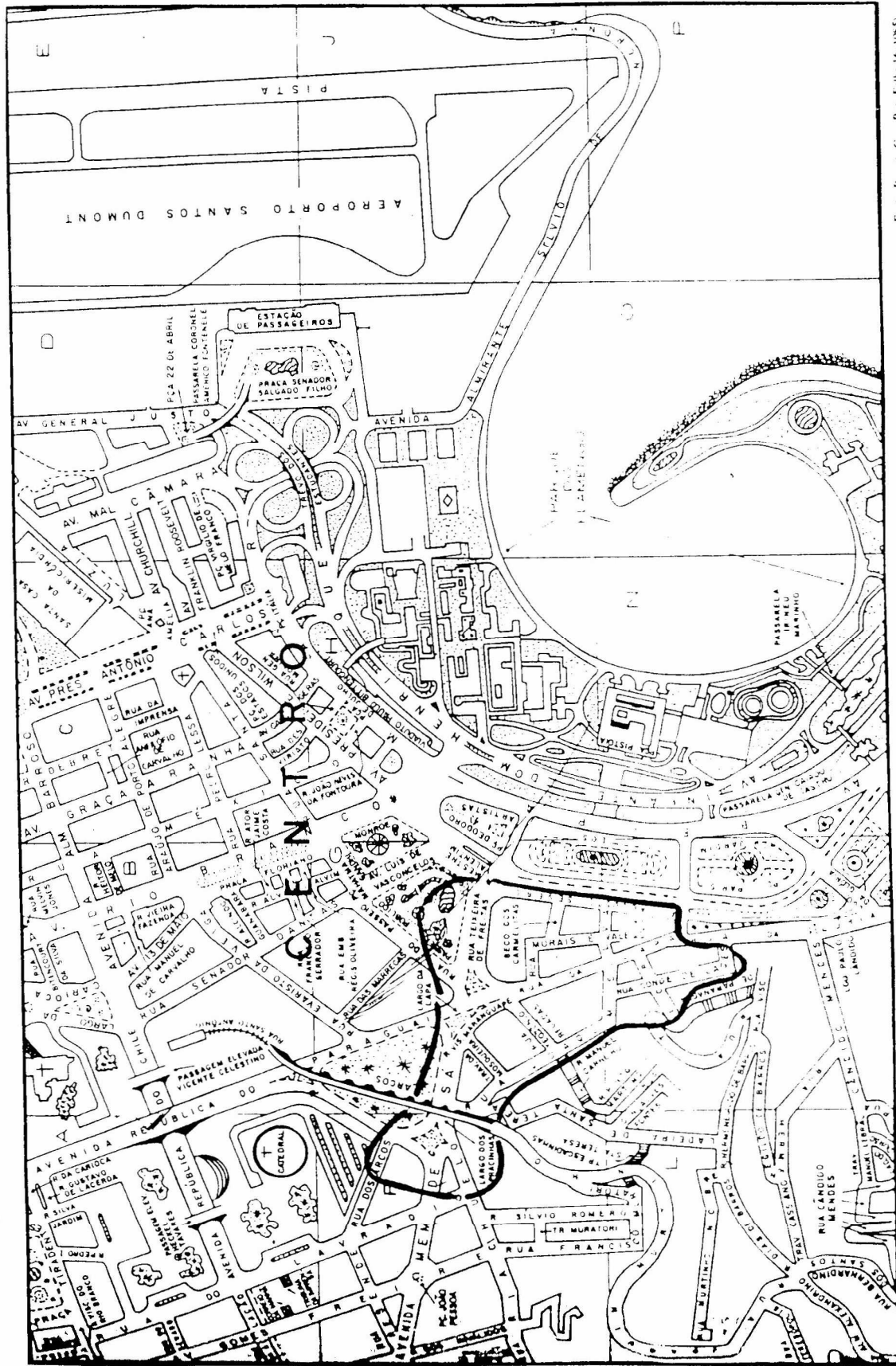
O **Passeio Público**, o "nosso jardim", que é um signo de infância e de juventude. E embora ele seja freqüentado por toda a cidade, ele une e separa, ao mesmo tempo, a Lapa dos outros lugares, pois ele é "nosso".

O **Hotel Guanabara**, que sempre pertenceu ao bairro, sinaliza na esquina, onde começam e onde acabam a Glória e a Lapa.

Mas os horizontes do bairro podem avançar em direção ao mar, onde o limite é a "**entrada da barra**".²⁴.

No entanto as demarcações sociais e espaciais não são suficientes para a (re)construção da identidade espacial das "famílias". Juntamente com elas emerge a experiência cotidiana do lugar, vivida socialmente, em suas casas, nas ruas, nos percursos, nos locais mais frequentados ...

Demarcação espacial da Lapa



— Limites da Lapa

As casas ... as ruas ... os percursos ...

Todos são apresentados de forma detalhada, pois assim oferecem precisão às imagens de um lugar que hoje já não existe mais. Ao mesmo tempo eles se constituem em fontes reveladoras das condições sociais do grupo.

Nossa casa em cima do açougue, na rua da Lapa 10, tinha dois quartos e uma sala com sacada, de frente. Os quartos eram muito abafados. E nós dormíamos, minhas irmãs e eu, duas em cada cama ... Como os prédios eram geminados, os quartos não tinham janela para fora, para a rua. A janela dava para a escada interna. Havia uma clarabóia em cima da escada. As partes laterais da clarabóia eram de venezianas de madeira. E era por ali que havia alguma ventilação ... Na parte dos fundos da casa ficavam a cozinha e o banheiro. Este era apenas uma privada, uma tina de madeira com uma bica onde tomávamos banho e onde a mamãe lavava roupa. A água do banho era aquecida no fogão à lenha ... A roupa grande mamãe mandava para a D. Alzira lavar. Os filhos dela, o Naninho e o Carlinhos levavam e traziam a roupa. Mamãe não guardava uma peça de roupa sem antes verificar se faltava algum botão ou se havia alguma roupa descosida ou rasgada. Ela sentava à cabeceira da mesa e ficava costurando enquanto ouvia o rádio que ficava em cima da cristaleira. Eu ajudava ... e era a que melhor fazia remendos.

Meu dia a dia era arrumar a casa e botar a mesa. Como eu

era a mais nova, sempre sobrava o mais leve para mim.

A entrada da casa era pelo açougue. Nos fundos, atrás do açougue, havia um quartinho onde dormia um empregado do papai. Havia também um banheirinho. Debaixo da escada ficava um cofre ...

O aluguel da casa era pago para duas pessoas. Uma eu nunca conheci. A outra era o Sr. Ernesto que ia pessoalmente buscar a parte dele. As vezes pedia ao papai: "Sr. Brandão o senhor pode me adiantar três meses?" E o papai adiantava ...

*Lembro de cada móvel da casa ... A mamãe tinha no seu quarto um toalete ... onde guardava, numa das gavetas, uma caixa vermelha forrada de cetim vermelho. Dentro ela guardava os perfumes que papai lhe dava de presente ... Aquela caixa nunca me saiu da cabeça... **(D. Maria)***

*A rua Joaquim Silva era de casas residenciais e com algumas casas de negócios. Açougue, armazém, quitanda, carvoaria, botequim ... Eu adorava sentar no botequim para tomar café. Eu roubava tomates e bananas do quitandeiro, só para ficar com o dinheiro das compras e aí sentar no botequim para tomar café. Quando a minha mãe descobriu quase me matou de pancada. **(D.Rosa)**.*

Na rua Joaquim Silva n° 122, morávamos todos num mesmo quarto, meu pai, minha mãe e meus dois irmãos. O tanque

era do lado de fora. Todos os inquilinos usavam o mesmo tanque. Poucos quartos, como o nosso, tinham banheiro privativo ... Hoje no local é um estacionamento.

(D. Margarida)

Eu era bem pequenina ainda quando nos mudamos para o n° 53 da rua Joaquim Silva. Desta vez fomos morar numa avenida com dez casas. Cinco casas de cada lado. Em cada casa morava uma família ... Nossa casa tinha três quartos! Para chegar à nossa casa tínhamos que subir 72 degraus ... Lembro-me de cada degrau como se fosse hoje ... Também ... eu subia e descia aquela escada cem vezes por dia ... Feito um foguete!

Todas as casas pertenciam a um mesmo dono. Lembro bem quando ele ia cobrar o aluguel ao final de cada mes. Ele morava na Lapa também ...

Eu adorava sair descalça para a rua ... mas minha mãe não deixava. Então eu saía calçada e escondia os sapatos num buraco que havia no canto de um dos degraus da escada.

Na volta eu tornava a calçar os sapatos. (D. Rosa)

As casas, as ruas e os percursos vão se apresentando como aqueles pontos e traçados fixos que se constituem em suportes materiais de uma identidade compartilhada.

Nós pulávamos pela janela da cozinha para pular de telhado em telhado ... Ou subíamos e descíamos a escadaria da

avenida montados um na corcunda do outro. Brincávamos muito, também, de amarelinha ... As brincadeiras eram na escada, nos quintais da frente das casas, ou lá no alto do morro onde havia uma quantidade enorme de mangueiras, jaqueiras e tamarineiras ...

Mas a nossa vida não era só brincadeiras. Desde os 10 anos, mais ou menos, já ajudávamos a mamãe no serviço da casa. Lavávamos a louça, passávamos a ferro- as roupas mais simples - e lavávamos o chão da casa, que era todo de madeira ... com água e sabão ...

Nas noites de luar, todos se sentavam em seus quintais, e ficávamos cantando, cantando pela noite a dentro. Nestas noites víamos duas luas: uma no céu, outra no mar ...

Quando eu voltava do Sacre Coeur costumava pegar a rua Conde de Lage. Gostávamos de ficar jogando bola, em frente ao prédio da delegacia ... Acho que também não existe mais ... Os policiais sempre nos mandavam ir para casa, mas nós respondíamos: "Só mais um pouquinho! Só mais um pouquinho! E íamos ficando ... Anos depois descobrimos que aquela era uma rua de "mulheres". (D. Rosa)

Mas os lugares não existem por si mesmos. Por isso, como vimos, os espaços da vida cotidiana, além de suportes materiais, são suportes afetivos, expressam um sentido de familiaridade configurado nas relações de vizinhança,

uma das bases mais importantes da construção de uma identidade espacial intersubjetiva.

"Parece que estou vendo o pai da Carmem Miranda descendo as escadas da avenida ... sempre de terno e sempre com um cravo vermelho na lapela.

A nossa casa era a de número 3 ; a Carmem Miranda morava na casa 4. O Armando ... na casa 5. O Guilherme, o Vaninho e a Gogoia, nossos melhores amigos, na casa 7. O pai deles era dono de uma vidraçaria na rua da Lapa ... O negócio dele faliu ... e eles passaram muitas dificuldades ...

*A Carmem Miranda tinha cinco irmãos: Olinda, Mário, Tatá, Aurora e Cecília. A irmã mais velha, a Olinda era artista. Trabalhava no Teatro Lírico, na Senador Dantas, onde levavam importantes peças e óperas. Muitas delas de companhias estrangeiras ... Nós não tínhamos condições de ir ao Lírico ... **(D. Margarida)***

*Havia uma outra avenida, mais embaixo, que era de italianos. Nós nos dávamos com alguns deles ... Eram muito festeiros. Cantavam muito nas festas dos dias santos. Eles sempre estavam na Igreja . **(D. Rosa)***

Nas casas em frente à padaria do papai [na Av. Mem de Sá] moravam vários judeus. Numa delas morava um senhor que



OLINDA MIRANDA, TRABALHAVA NO TEATRO LÍRICO...

era vendedor de jóias. Noutra morava a nossa amiga Júlia. O pai dela fazia contrabando de fazendas. E o irmão dele tinha uma loja de tecidos na Av. Gomes Freire. Havia também uma outra casa de uns judeus que nós detestávamos... Eles matavam todos os gatos da vizinhança...

Quase em frente à nossa casa ficava uma fábrica, um laboratório, que fazia um produto famoso da época a Lugolina ... era para os cabelos ... um produto milagroso...

Ao lado da padaria do papai havia um armazém de uns portugueses, depois uma quitanda também de um português, depois uma tinturaria, uma pensão e depois a Fundação do Sr. Corrêa.

Nossas famílias eram muito amigas ... O filho dele o Antônio ... morreu tuberculoso ... coitado ... **(D. Dora)**.

[Na rua da Lapa] ...n° 8 ficava o armazém do Sr. Moura. Ele, sua mulher e seus filhos também moravam em cima do armazém. Eles tinham três filhos... A Ilda Moura, a mais velha, foi professora de piano no Conservatório ...

O armazém do Sr. Moura foi comprado para ser uma boate... Isso já na década de 30. Meu pai ficava furioso com o barulho que vinha de lá.

No n° 12 ficava a Fábrica Patrone - de balas e bombons. Lembro até hoje do apito da fábrica tocando para chamar os operários. Os operários eram moradores de outros bairros.

O dono da fábrica era o Sr. Narciso. E seus pais moravam

no sobrado. Ele não ... pois ainda rapaz foi a Portugal e voltou casado com uma portuguesa muito "fina" que não quis morar no bairro da Lapa.

No n° 14 ficava a Panificação do Sr. Rufino. Ele e a família moravam no sobrado. Aliás quase todos os negociantes viviam com suas famílias nos sobrados de suas lojas ... Nós tínhamos muitos amigos na vizinhança.

No n° 16 ficava o botequim do Sr. Manduca . D. Angélica, a mulher dele era muito alegre e animada. Era festeira demais. Nos dias de festas chamava todos os rapazes e moças da vizinhança. Fazíamos várias brincadeiras e jogos. E também o "cotton" ...

O bairro da Lapa era muito familiar. Tinha um bom comércio também. A freguesia era formada pelos próprios moradores do bairro. O comércio era ligado às famílias ... Praticamente todos os comerciantes moravam na Lapa com suas famílias ...

Aliás a colônia [de portugueses] tinha a mania de casar seus filhos uns com os outros ... As vezes era cada português bronco ...

No n° 2 havia um bar do marido da D. Aurora. Ela era meio birutinha ... Uma vez, lembro bem, correu uma história pelo bairro ... Que D. Aurora tinha sido vista, de madrugada, atrás de uma árvore, na rua Gomes Freire em frente ao Teatro República. Todos diziam que ela estava esperando seu amante ... No entanto, tempos depois, descobriram que ela

estava espionando o filho que havia se metido com uma corista. Coitada ... para salvar o filho ela faria qualquer coisa...

No n° 19 ficava o Bar Alemão, de uns alemães. No sobrado morava a família do Dr. Sobral cujo consultório ficava atrás da farmácia do Barcellos, no n° 18. O Barcelos casou-se com a Nininha e tiveram muitos filhos. Um deles é o Procurador Geral da Justiça, o Aristides Junqueira, aquele que enfrentou o Presidente Collor.

No n° 20 ficava a sapataria Fitipaldi ... Quando vinham as Companhias portuguesas de teatro apresentar peças no Teatro República ... o papai comprava uma assinatura. Chamava, então, a costureira para fazer dois vestidos para a mamãe ... E pedia, na sapataria, que mandassem alguns sapatos para a mamãe escolher. O Fitipaldi mandava um empregado da sapataria com uma pilha de caixas de sapatos..A mamãe escolhia ... um ou dois pares ...

Em frente à nossa casa ficavam a Igreja, a Capela e a rua Moraes e Valle ... depois uma padaria, o Bar Alemão e uma carvoaria ...

E assim localizando as casas, as ruas, os percursos, os velhos vão elaborando um mapa afetivo da Lapa, com seus signos, no espaço de sua memória.

Mas a aderência dos velhos ao lugar Lapa no espaço de sua memória, não se dá apenas através das casas, das ruas, dos percursos, da vizinhança.

A identificação espacial construída no passado desponta com muita força no momento em que encontram as suas festas ...

As festas sagradas e profanas ...

Antes do carnaval nós costumávamos ir às Batalhas de Confete. Nesses dias fechavam a rua da Lapa. Os músicos tocavam no alto, num coreto armado entre a Igreja e a rua Teotônio Regadas. E os moradores do bairro dançavam na rua, em torno dele ... (D. Rosa). [No mesmo local onde no passado faziam a coroação do "Imperador" do Divino]

Todo ano era feita a festa do Divino Espírito Santo na Capela que ficava ao lado da Igreja ... Ela continua lá até hoje ... Nessa festa distribuíam pão e carne para os pobres. Nos dias anteriores à festa, os pobres recebiam um cartão. No dia da festa eles faziam uma fila gigantesca e com a apresentação do cartão recebiam duas bisnagas e um ou dois quilos de carne ... O largo da Lapa ficava interditado! Eram os donos dos três açougues da Lapa que distribuíam a carne: o Sr. Raul, o Sr. Viriato e o papai, o Sr. Brandão. Aliás o papai ficava realizado. Nunca entendi exatamente porque. Se pela ajuda que dava aos pobres ou se pela vaidade de se mostrar como um negociante importante ... Talvez pelos dois, pois era muito religioso e muito ligado à

Igreja. Ele era realmente muito respeitado pelas famílias do bairro.

Quando meu pai morreu, em 1939, já não faziam, havia alguns anos, a festa do Divino.

*À noite, no dia da festa, a Capela ficava lotada ... Uma beleza! Era o "Te Deum". Os provedores vinham vestidos com longas capas vermelhas até os joelhos e por cima pelerines da mesma cor. Entravam em desfile pelo centro da Capela ... Uma emoção! **(D. Maria)**.*

*Desde criança eu era doida por carnaval. Quando passava um bloco na rua eu largava tudo, descia as escadas da avenida de dois em dois degraus e ia sambar na ala das baianas até o largo da Lapa. Uma vez, era a hora do almoço ... , quando voltei levei uns bons cascudos da mamãe ... Mas não quero saber ... sambei! **(D.Rosa)***

*Toda a meninada do bairro assistia ao catecismo na Igreja da Lapa. Era a preparação para a primeira comunhão. **(D. Maria)**.*

*Eu fiz minha primeira comunhão em 1922 ... **(D. Dora)**.*

A minha ... foi em 1920, na Igreja N.S. do Carmo do largo da Lapa ... [agora não mais do Desterro]

Após a primeira comunhão assistíamos às aulas de continuação da comunhão ... Quem freqüentasse as aulas recebia uma fita vermelha com uma faixa branca no meio, e passava a fazer parte da Legião de Honra ...

A Lapa era muito familiar ... (D. Maria).

Todas as famílias freqüentavam a Igreja. Nós vivíamos num ambiente muito religioso. Todo sábado íamos confessar e aos domingos assistíamos à missa e comungávamos ... Nunca soube porque, mas a Igreja não fazia nem batismo e nem casamento. (D. Rosa).

Na Lapa todas as famílias se conheciam porque todos freqüentavam a Igreja ... A Igreja era um dos nossos locais de encontro ... Todo mundo ia também às procissões ... descíamos a rua da Lapa, pegávamos a rua do Passeio, Marrecas e voltávamos pela Av. Mem de Sá. Os negociantes locais, que eram Irmãos da Igreja, iam sempre com seus capotes marrons ... (D.Margarida)

O Sr. Corrêa, o dono da Fundição que ficava perto da padaria do papai, gostava muito de nós. Durante o carnaval ele alugava um carro na garagem São João Batista ... Comprava um saco de confete e de serpentina ... Nós vestíamos nossas fantasias e íamos com a família dele fazer o curso até o final da praia do Flamengo. Às 8:00 horas

voltávamos para casa, jantávamos, e íamos para o Clube Ginástico Português ... Isso já com uns 18 anos, lá pelos anos 28 ... (D. Elza)

Todo ano a mamãe nos levava para assistir, na Avenida, ao desfile das Sociedades. Era tão importante quanto as Escolas de Samba nos dias de hoje ... (D. Margarida).

As associações carnavalescas eram os Democráticos, o Club do Fenianos, os Tenentes do Diabo e o Pierrot da Caverna ... Escola de samba? ... Isso era local de vagabundo! ... (Sr. Dionísio)

Eu era Feniana ... sempre fazia uma fantasia vermelha e branca. (D. Margarida)

Além das festas, comuns a todos, e do papel da Igreja que congregava as famílias no espaço da Lapa, outros locais freqüentados aparecem como pontos de identificação ...

Os locais freqüentados ...

Aos domingos à tarde íamos ao Passeio Público

Ficávamos junto ao bar onde cantava o "Baiano" e algumas cantoras já decadentes mas com vozes ainda razoáveis ...

(D. Margarida)

Não nos sentávamos nas mesas porque não tínhamos dinheiro para isso ... Mas, pelo menos, sempre bebíamos alguma coisa ... (D. Rosa).

Nós tomávamos soda e o papai, cerveja . (D. Margarida).

Encontrávamos os vizinhos e ficávamos conversando ... (D. Maria)

A mamãe nos arrumava bem bonitos, engomados ... e nos levava ao Passeio Público. Ficávamos tempos esquecidos admirando o Aquário. Era lindo! ... Quase sempre assistíamos ao teatrinho para crianças ... sentados em cadeiras em torno do palco improvisado ... (D. Dora).

Aos domingos quando já éramos mocinhas, meu irmão mais velho, o Francisco, levava os seus amigos, o Manduca, o Ribeiro Martins ... vários deles moradores do bairro, para fazermos campeonato de pingue-pongue lá em casa. Mais tarde mamãe tocava piano enquanto nós dançávamos ... Lá

pelas seis horas havia a "jantarada"...Carne assada, arroz, farofa, pão e presunto ... Estou sentindo o gosto da comida na boca! (D. Elza).

O domingo era, também, o dia de ir ao cinema ... quando o papai nos dava, escondido da mamãe, algum dinheirinho ... Era o tempo do Rodolfo Valentino no cinema da Lapa onde é hoje o Asa Branca ... (D. Margarida)

Tínhamos o hábito de ir bem cedinho à praia das Virtudes. Lá pelas cinco horas da manhã. Mais tarde só iam as mulheres livres. Quando voltávamos íamos para o trabalho... (D. Rosa)

As moças solteiras iam com maiôs que mostravam os joelhos ... As senhoras casadas tinham que esconder tudo até os tornozelos ... Mas os estudantes gazeteiros ... estes iam até de cuecas à praia... (Sr. Dionísio).

Meu pai [o Sr. Brandão do açougue] era muito durão. Não deixava a gente freqüentar a praia das Virtudes, que ficava junto ao Calabouço. Só podíamos ir à praia do Flamengo ... Íamos às 6:00 horas e as 8:00 horas já estávamos de volta ... A roupa? ... Que diferença de hoje ... Pegávamos uma fazenda de algodão alvejado e fazíamos um vestido tubinho, uma espécie de túnica reta. Por baixo ... uma calça do tipo

bombachas com elástico na cintura e nos tornozelos. Pegávamos uma lata e tingíamos o algodão da cor que quizéssemos ... Ficávamos umas gracinhas! ... De verdade!

(D. Maria)

Primeiro estudei no Colégio Santa Teresa, na rua da Lapa, quase em frente à Capela do Divino. O mesmo colégio onde estudou a Carmem Miranda.. Fui expulsa do colégio porque quebrei um banco das freiras. Passei a estudar então no Sacre Coeur de Jesus, em frente ao relógio da Glória ... As meninas mais pobres, como eu, ficavam separadas das mais ricas. Salas, recreio, refeitório ... era tudo separado.

(D.Rosa).

As freiras davam um desconto à mamãe pois éramos duas irmãs estudando no mesmo colégio, o Santa Teresa ... Eu costumava ficar, depois do horário da saída, ajudando as freiras a descascar batatas. No final da tarde aparecia um Frei para fazer uma visitinha às freiras ... Ele subia umas escadas que nunca descobri para onde davam ...

(D.Margarida).

O Dionísio estudou no Santo Alberto. Chegou a ser um economista importante. Trabalhava com o Juscelino Kubistchek na época da construção de Brasília.

(D.Margarida).

O Colégio Santo Alberto foi desativado e depois demolido na década de 50. **(D. Rosa)**.

Mas o espaço reinventado na memória dos velhos chega de forma descontínua e involuntária, sem contudo, jamais sair do lugar.

Os transportes ... o comércio ... os serviços ...

*Primeiro o papai dirigia umas charretes. Eram fechadas atrás, na parte dos passageiros, e abertas na frente ... O charreteiro pegava sol e chuva ... Depois ele passou a dirigir os automóveis ... Que maravilha na época! Depois chegaram os Ford! **(D. Margarida)***

*O ponto do táxi ficava em frente ao Lampadário junto da Igreja ... **(D. Rosa)***

*[Onde] havia um tanque e dois mictórios utilizados pelos choferes ... Tudo isso desapareceu ... Mas ficaram os Arcos, a Igreja, o Passeio Público ... **(D. Dora)**.*

*Os hóspedes do Grande Hotel do largo da Lapa eram clientes do papai. **(D. Margarida)***

Havia três hotéis na Lapa, O Grande Hotel, o Hotel Guanabara e o Hotel Primavera. Este existe até hoje. Fica

na Travessa do Mosqueiro. Pertencia a um irmão de minha mãe.

Os hotéis eram freqüentados por políticos e homens de negócio que vinham resolver suas questões na capital.

O local do Grande Hotel virou uma casa de jogos chamado Rondão, depois um cinema e finalmente a Sala Cecília Meirelles. **(Sr. Dionísio)**

Quando acabaram com o Grande Hotel as famílias do bairro compraram várias peças do seu mobiliário. Nossa família ainda conserva uma delas ... as outras, que pena, tão bonitas, ficaram para trás ... **(D. Rosa)**.

Os bondes também faziam ponto final ali no largo da Lapa, em frente ao Capela ... iam até a Praça XV, Praça da Bandeira, Avenida Rodrigues Alves ...

O Capela era um bar muito distinto , de freqüência selecionada. O seu chopp era famoso ... Já não existe mais. Dizem que tem um Capela na Av. Mem de Sá ... mas não deve ser a mesma coisa.

Muitos cantores freqüentavam o Capela... Por falar em cantor, o Francisco Alves morava na Lapa ... Era um rapaz pobre e trabalhava como auxiliar de motorista ... Era virador de manícula. **(D. Margarida)**

Papai fornecia carne para o Grande Hotel e para o Hotel Guanabara ... Os donos eram dois sócios espanhóis ...

(D.Maria)

Havia uma sapataria chamada O Gato Preto perto do largo da Lapa ... era muito boa. Ela já não existe mais ... O largo também está todo mudado ... Mas dizem que está muito bonito ... Eu gostaria de ver ... (D. Margarida).

O meu marido, o Waldyr ... que já morreu ... morava numa pensão só para rapazes solteiros, estudantes, na rua Joaquim Silva nº 2. Estudava Medicina. Todos os dias passava na frente da minha casa para pegar o bonde no largo, para ir para a Faculdade de Medicina e Cirurgia na Rua Frei Caneca ou ir para o Hospital Escola São Francisco de Assis.

Em frente ao ponto do bonde ficavam da esquerda para a direita: a Papelaria Bruno, uma outra loja que eu não lembro o que era, o Capela e um Café de esquina, acho que o nome era Baiano. Nesse café, na parte virada para a Av. Mem de Sá havia uma bombonière, do próprio café. Waldyr sempre que ia me namorar comprava, nessa bombonière, umas balinhas muito gostosas, pequeninas, de cor violeta, com gosto de uva ...

Na outra esquina, ao lado do conservatório ficava o famoso Café Indígena. O sobrado chegou a ser sede dos Tenentes do Diabo. (D. Maria).

O Hansen, o rapaz alemão com quem eu dividia o quarto na casa de cômodos da rua da Lapa, era copeiro do Heime, na rua Sete de Setembro. Era uma loja parecida com a Colombo. Vendia frutas e frios também.

Durante a semana eu comia na Ilha das Cobras, aos sábados e domingos eu fazia as refeições na pensão da D. Maria, que ficava num sobrado na Travessa do Mosqueiro. Sempre devia um dinheirão à dona Maria .. Lembro de outros homens da vizinhança na pensão ... O Sr. Antônio, dono da loja de móveis da rua Maranguape. Um outro senhor ... não me lembro seu nome ... que era mestre de obras ... mulheres não havia ... Aos domingos era jantarada ... O almoço era lá pelas três horas da tarde ... D. Maria servia "sarrabulho", salada de feijão fradinho ... E tomávamos uma cervejinha também ... (Sr. Edgard).

Como chovia muito dentro da casa da avenida, mudamos para a rua da Lapa nº 56. Era um sobrado ... Embaixo ficava o açougue ... Alí também a mamãe alugava um quarto da casa para ajudar nas despesas da casa.

Trabalhei dos quatorze anos até casar, na oficina da Madame Braconot. Aliás eram poucas as moças da Lapa que trabalhavam fora ...

A oficina de costura ficava na rua Senador Dantas ... depois foi para a rua Corrêa Dutra, no Catete.

Casei no ano de 1934. A cerimônia foi em casa ... um costume da época. Fui morar na Travessa Onze de Março, no Estácio, mas dois anos depois voltei para o sobrado da rua da Lapa nº 36, nosso último endereço na Lapa ... Ficava justamente onde é hoje a Associação Cristã de Moços ... A Lapa continuava a mesma ... Os mesmos vizinhos ... As mesmas casas de negócios ... Hoje ... ela não é mais a mesma ... (D. Rosa.)

No entanto a metamorfose do tempo em espaço, na memória dos velhos, se completa quando se revela a presença da boemia na Lapa.

Outras demarcações ...

Enquanto eu vivi na Lapa não lembro de ouvir falar em malandragem e prostituição ... Somente muito mais tarde, já casada, foi que comecei a ouvir essas histórias de Lapa da boemia.

É verdade que o papai e a mamãe não faziam nenhum comentário dentro de casa. Mas é verdade também que quando meus dois irmãos mais novos, o Avelino e o Waldemar ficaram rapazes, foram para o internato do

Colégio São José na Tijuca. Talvez, eu penso hoje, tenha sido a forma que meu pai encontrou para afastá-los da boemia. Muitos anos depois eu soube também que meu irmão mais velho, o Fortunato, freqüentava os bares da Lapa. (D. Maria).

A Lapa era um bairro residencial, mas tinha também, uma vida noturna intensa ... Eu não freqüentava porque não tinha dinheiro para isso. (Sr. Edgard).

Eu acho que meu irmão Francisco fazia a vida boêmia e se metia com mulheres da vida. Pois meu pai chegou até a colocar um alarme na escada para saber a que horas ele chegava em casa. Mas a minha irmã Lia, que hoje é freira, desligava toda a energia da casa para que o Francisco não fosse apanhado. Soubemos mais tarde que até os Tenentes do Diabo ele freqüentou! (D. Dora).

A gente via uma ou outra mulher da vida na rua. Mas parecia uma coisa natural, na época ... (D. Elza)

Não sei nada sobre a boemia ... Só o que ouvi falar depois . Sei , sim, que a Lapa era um lugar sossegado, muito bom de morar. Ninguém mexia com ninguém. Acho que era um bairro de classe média baixa. (D.Margarida)

A minha mãe lavava roupa para duas mulheres da vida, que moravam no final da rua Joaquim Silva, quase em frente ao 122, lá para os lados dos Arcos. Eram a Madame Branche e a Madame Margot, ambas francesas. Quem trazia e levava as roupas, num tabuleiro grande de ágata vermelho todo pintado de flores, era um crioulo. Lembro bem do jeito dele chegando na porta... Altinho, muito educado. A Madame Branche pintava os cabelos de um louro avermelhado. Era gordinha e baixinha. Já, a Madame Margot era loura natural e era muito bonita e elegante. Se vestia muito bem. Não deve existir nem mais o pó dos seus ossos! A Madame Margot costumava visitar a mamãe para acertar as contas, e conversar também. Algumas vezes, quando ela tinha urgência de alguma roupa, eu mesma a levava até sua casa. Não lembro direito como era o interior.

Creio que não tinha noção, naquela época, do que se tratava a prostituição. Eram pouquíssimas as casas de mulheres na rua Joaquim Silva. Elas ficavam mais na rua Taylor e Conde Lage. Além disso elas eram muito reservadas. (D. Rosa).

Quando fiquei rapazola percebi que o bairro era misto. Mas sem dúvida que predominavam as famílias. A Lapa da boemia era constituída pelos frequentadores das "pensões das mulheres"; dos cabarés, e dos "cassinos".

As "pensões das mulheres" eram ao mesmo tempo o seu local de trabalho e local de residência. A rua Conde Lage era toda de pensões. Havia uma muito famosa no nº 22. Na rua Joaquim Silva havia apenas umas cinco pensões dessas - lá pr'o lado da Travessa do Mosqueiro.

As pensões eram fechadas - não podiam abrir as janelas estando no interior de um bairro residencial. A prostituição da Lapa era uma prostituição fechada, enquanto a prostituição do Mangue era aberta - invadia as ruas. As duas "zonas" eram bem diferentes: na qualidade das mulheres e no preço que cobravam. Na Lapa as mulheres cobravam 20 mil réis enquanto no Mangue cobravam 5 mil réis. A freqüência era fatalmente, também, muito diferenciada.

As "mulheres da Lapa" eram fiscalizadas pela Delegacia de Costumes e pela Saúde Pública. Havia uma Carteira de Meretriz e com ela as mulheres faziam exames periódicos no Graffrée-Guinle.

Na porta das pensões sempre havia um porteiro "macho" - de boné. Entrava-se num salão com mesas onde era servida cerveja. Havia uma radiola, e as mulheres se apresentavam em trajes soirée. As donas das pensões eram francesas, polacas e algumas brasileiras. Todas tinham mais de 50 anos de idade. Cada mulher tinha o seu próprio quarto - sua própria roupa de cama. Comiam na pensão e pagavam uma diária pelas refeições. As pensões eram muito limpas.

Em torno da meia noite, muitas destas pensões fechavam e todos iam para os cabarés. Muitas mulheres também trabalhavam nos cabarés.

Os freqüentadores das pensões de mulheres eram negociantes bem sucedidos; executivos; políticos; rapazes de boas famílias; profissionais liberais; e os próprios comerciantes locais. (Sr. Dionísio)

Uma ocasião me lembro bem, - eu tinha nove anos mais ou menos - parei na porta de uma casa da rua Joaquim Silva. Lá de dentro uma mulher de camisola gritou : "Sai daí menina! Aqui não é lugar de criança! " (D. Rosa).

Mesmo que houvesse algumas diferenças internas nas condições de vida das diversas famílias do bairro da Lapa, essas diferenças não chegavam a perturbar a identificação com o lugar. Pois julgamos e propomos que as famílias formavam, antes de tudo, uma comunidade de destino cuja base era a solidariedade étnica e a composição social. Eram famílias de imigrantes que com os seus filhos, num determinado momento histórico, encontraram na Lapa um dos espaços possíveis para morar. E que, como vidraceiros, mestres de obras, encadernadores, barbeiros, choferes e mesmo pequenos negociantes, ali protegeram-se de qualquer fobia que contra eles pudesse ressurgir na cidade, e da segregação que passara a caracterizar a espacialidade urbana da cidade - agora capitalista. E por tudo isso sentiam-se entre seus iguais, nas formas de

valorizar, crer e conceber as coisas do mundo; ou seja, criaram sua forma subjetivamente coletiva de representar um mundo já "posto por criação".

E nesse sentido, também o fizeram os boêmios.

O espaço da memória dos boêmios

*"Boêmia, limitada ao Norte pela esperança,
o trabalho e a alegria, ao Sul pela
necessidade e a coragem; a Oeste e a
Leste pela difamação e o hospital."*

Henry Murger

Para Honoré de Balzac "a Boêmia era simplesmente o país da juventude". Onde viviam "todos os jovens mais talentosos e promissores ... aqueles que estavam na casa dos vinte anos e ainda não haviam feito seus nomes, mas que estavam eventualmente destinados a liderar suas nações como 'diplomatas ... escritores, administradores, soldados, jornalistas, artistas! De fato, todos os tipos de habilidade, de talento, estão ali representados. É um microcosmo ...' ".²⁵

Para Henry Murger a Boêmia "era o reino dos artistas jovens que lutavam para superar as barreiras da pobreza erigidas contra suas vocações". E viviam nela "porque não podiam - ou ainda não podiam - estabelecer sua cidadania em nenhum outro lugar. Ambiciosos, dedicados, mas sem meios e não reconhecidos, tinham que transformar sua própria vida em uma arte. 'Sua existência cotidiana é uma obra de gênio'. ".²⁶

Para alguns, os boêmios podiam ser ainda "gênios não reconhecidos ou vigaristas", situados "em uma zona de penumbra entre a ingenuidade e a criminalidade".²⁷ Aquela classe de indivíduos cuja existência é um problema, a condição social um mito, o destino um enigma ...". Para outros a Boêmia poderia ser reconhecida por sinais: "a arte, a juventude, o submundo, o estilo de vida cigano".²⁸

Segundo Jerrold Seigel, "foi, nas décadas de 1830 e 1840, começando na França, que os termos "Boêmia", "*la Bohème*" e "boêmio" aparecem pela primeira vez com esse sentido", a partir da "palavra francesa comum para cigano - *bohémien* - que erroneamente identificava a província da Boêmia",²⁹ hoje parte da atual República Tcheca, como o local de origem dos ciganos.

Embora contenha "elementos universais e eternos", historicamente

*[a boemia] pertence à era moderna: o mundo moldado pela Revolução Francesa e pelo crescimento da indústria moderna.*³⁰

E, desde o início "tomou forma em contraste à imagem com que era comumente comparada a vida burguesa".³¹ No entanto tanto uma quanto a outra estavam sendo estabelecidas ao mesmo tempo, naquilo que viria a se chamar de "sociedade burguesa".

Os jovens que viveram na França a Revolução de 1830 e a crise de 1848, formavam a primeira geração européia a experimentar a revolução e sua derrota, e a enfrentar o fracasso da sociedade burguesa em transformar-se

numa ordem social diferente. E o espaço de lutas político e cultural, que a partir de 1848 desafia o poder burguês, nos movimentos da classe operária, marchando sob a bandeira do socialismo, foi freqüentemente ocupado pela Boêmia.³² Nesse contexto os boêmios se reúnem basicamente na *Rive Gauche*, destacadamente na área dos estudantes - o *Quartier Latin*.

No entanto a experiência historicamente mais ampla e expressiva vivida num lugar, pela boemia parisiense, entre o século XIX e a Primeira Guerra Mundial, foi a do bairro de Montmartre e suas imediações ou, como explicam alguns, as "duas Montmarts". Aquela "dos quartos baratos, onde viviam os artistas" no topo da pequena colina que há muito havia tornado a região famosa por seu ar puro e seus moinhos de vento ...". E a do bairro de fácil acesso desenvolvido logo abaixo "onde os parisienses, há muito tempo vinham buscar diversão e vinho barato". Onde no Boulevard Rochechouart, Boulevard de Clichy e (pouco mais tarde) Place Pigalle podiam-se encontrar bares, *café-concerts* e estabelecimentos de danças populares que atraíam uma população socialmente mista nos fins de semana e feriados".³³ Muitas atrações e perigos também podiam ser encontrados "nas ruas laterais que se estendiam para cima da colina a partir dessas praças e *boulevards* - prostitutas, bordéis, marginais de rua, proxenetas, gatunos, vigaristas e ladrões armados ". Era aquela Montmartre que sempre recebia seus visitantes do *Quartier Latin*.

No final do século XIX, Montmartre foi a Boêmia parisiense de Delacroix, Césanne e Renoir ... E na década anterior à eclosão da Primeira Guerra Mundial, quando a "Paris boêmia e a *avant-garde* modernista ocuparam um território comum que foram as ruas e praças de Montmartre, o nome desse

bairro surge como sinônimo da época heróica da arte do século XX, pois dela faz parte, embora não seja a única razão, a figura de Picasso! E também Braque, Gris, Apollinaire e Modigliani entre outros.³⁴

Mas a "Boêmia não permaneceu historicamente confinada ao país que lhe deu origem ... ressurgiu em Londres, Milão, Munique, Greenwich Village, antes mesmo do final do século XIX. Onde

as "novas Boêmias assumiram as características de seus locais..."³⁵

Porém, segundo Jerrold Seigel, os espaços livres - tanto reais quanto metafóricos - um dia ocupados pela Boêmia se tornaram cada vez mais estritos e difíceis de serem encontrados". Para ele, em nossos dias, "o próprio sucesso da campanha contra os padrões sociais e morais rígidos tornou menos relevantes alguns desafios tradicionais aos limites burgueses". E mais,

"As atividades e as práticas, um dia comumente ligados à Boêmia, romperam agora os espaços marginais que outrora as confinavam".

Acreditamos então que a Boêmia perdeu também historicamente seus territórios de existência. E é por isso que propomos trazer através do espaço da memória dos boêmios as lembranças da Boêmia lapaana. Lembranças que eles mesmos foram buscar, e trouxeram, cantando ou escrevendo em prosa e verso, a partir da década de 1940, quando constataram que a Lapa da boêmia estava

morrendo. E aquilo que nela permanecia eram apenas rastros, vestígios, alguns sinais de um tempo e de um espaço perdidos.

Examinemos, então, assim como fizemos com os velhos, como as lembranças dos boêmios reconstroem sua identidade espacial boêmia, como restauram sua Boêmia Iapeana, na cidade do Rio de Janeiro, em torno de 1910 e 1940.

A Lapa boêmia

"Para compreender a Lapa, é preciso viver algum tempo nela e não será qualquer que a compreenda"

Manuel Bandeira

... dos jovens mais talentosos e promissores

A Lapa, no espaço da memória dos boêmios, se apresenta, nos primeiros anos na década de 10, com ares de Montmartre.

Por volta de 1912-13, ... já eram "habituês" da Lapa ... os intelectuais, os artistas e os amadores de "ateliers" dos melhores e mais conhecidos artistas...

Gastão Formenti pintava já suas paisagens cariocas, mas tornava-se cada vez mais procurado para interpretar as canções de novos compositores... (Seu atelier era na Joaquim Silva)...

Humberto Cozzo tinha seu atelier abaixo da Rua da Lapa, perto do Hotel Guanabara - vinha também da Sociedade Brasileira de Belas Artes fazer uma "fezinha" no Café Indígena,

bater uns papos ou ouvir as últimas novidades em rodinhas de colegas e amigos.

- Isso aqui está tomando ares de Pigalle, não achas? Peçanha!

Honório Peçanha retrucava:

- Que Pigalle? Se você quer achar alguma coisa de Paris, então poderá lembrar a parte mais pífia de Montmartre ...

À noite, a Lapa enfeitava-se acendendo suas luzes, ocultando suas mazelas e enchendo as mesinhas das casas de chôpe onde as orquestras iniciavam seus desconcertantes conlúios. Depois de fechadas as redações ali reuniam-se os repórteres, redatores, fotógrafos e demais colaboradores da imprensa...³⁶

(Hernani Irajá - escritor e freqüentador da Lapa boêmia).

No entanto, um dos jovens mais talentosos e promissores que, entre as décadas de 10 e 20, conheceu de perto a Lapa e nela construiu sua identidade boêmia, foi Di cavalcanti. Anos mais tarde, já como consagrado pintor, ao escrever suas primeiras memórias,

Incluiu lembranças de sua experiência vivida naquele lugar ...

A LAPA DOS MEUS VINTE ANOS

Nosso tempo! Nosso tempo!

As meninas eram tristes

As meninas e os Yapezes

Pertencíamos à boémia artística

E não compreendíamos os maléficcos que nos cercavam

Eram anjos das madrugadas

Quando dizíamos docemente

À beira das rôtuas,

Beijos secretos de amor às prostitutas

Oh, bela mocidade perversida!

Éramos personagens de romances

Que nunca foram escritos,

porque há grande falta de romancistas³⁷

.

(Di Cavalcanti - consagrado pintor brasileiro. Em sua
mocidade morou e fez vida das mais intensas na Boémia
lapeana)

Segundo Gasparino Damata, faziam parte do grupo de Di Cavalcanti, Jayme Ovalle e Heitor Villa-Lobos. Esse último "compunha e martelava suas primeiras composições nos velhos e fanhosos pianos das pensões das francesas". Os três amigos, continua G. Damata, "amanheciam a gritar pelas ruas" da Lapa e foram os primeiros de uma espécie de boemia sempre renovada, acrescida de outros nomes ilustres, que se prolongaria por vários anos.³⁸

Mas as marcas montmartrianas da Lapa ressurgem também com muita força quando Jorge de Castro lembra dos seus tempos de freqüentador do atelir de Candido Portinari,³⁹ que ficava numa casa assobradada na rua Teotônio Regadas. Nessa época, entre as décadas de 10 e 20, Portinari era ainda modesto pintor e aceitava alunos.

- Fui um deles ... Desisti das aulas mas continuei freqüentando o atelier do Candinho. Era divertido e reunia muita gente interessante.

(Jorge de Castro - freqüentador do atelier de Portinari, na Lapa boêmia)

Jorge de Castro lembra que conheceu, no atelier de Portinari, o poeta Manoel Bandeira, que seria, mais tarde seu vizinho no Beco das Carmelitas. Conheceu, ainda, o escultor Celso Antônio, os romancistas Jorge Amado, Mário de Andrade, Murilo Mendes e Marques Rebêlo ... E também, outros freqüentadores do atelier como o jornalista e cronista Henrique Pongetti e os

irmãos Autuori: Aída, Sílvia e Leônidas, esse último que se tornou músico renomado.

Lembra, ainda, Jorge de Castro, que havia reuniões diárias no atelier, onde discutiam problemas de arte e assuntos dos mais diversos. E recorda que quando o dinheiro era pouco, almoçavam ou jantavam "grandes macarronadas preparadas por Henrique Pongetti e os Autuori ...".

Foi uma época realmente deliciosa!

(Jorge de Castro)

Mas entre as figuras mais expressivas que residiram na Lapa encontra-se Manoel Bandeira. O poeta, no período entre 1933 e 1944, morou num edifício de apartamentos na Rua Morais e Vale 57, ao lado do afamado Beco dos Carmelitas. Nessa época seu nome já se fazia importante.

Em 1940, escreve uma de suas mais belas e tocantes obras "Última Canção do Beco", e o faz como se fora uma despedida. Julgamos que, a partir desse momento, o poema do Beco passa a se constituir também num forte elemento para a consagração da Lapa da boemia.

ÚLTIMA CANÇÃO DO BECO

Beco que cantei num distico
Cheio de elipses mentais,
Beco das minhas tristezas,
Das minhas perplexidades
(Mas também dos meus amores,
Dos meus beijos, dos meus sonhos),
Adeus para nunca mais!

Vão demolir esta casa.
Mas meu quarto vai ficar,
Não como forma imperfeita
Neste mundo de aparências:
Vai ficar na eternidade,
Com seus livros, com seus quadros.
Intacto, suspenso no ar!

Beco de Sarças de fogo,
De paixões sem amanhã.
Quanta luz mediterrânea
No esplendor da adolescência
Não recolheu nestas pedras
O orvalho das madrugadas,
A pureza das manhãs!

Beco das minhas tristezas,
Não me envergonhei de ti!
Foste rua de mulheres?

Todas são filhas de Deus!
Dantes foram carmelitas ...
E eras só de pobres quando,
Pobre, vim morar aqui.

Lapa - Lapa do Desterro -,
Lapa que tanto pecais!
(Mas quando bate seis horas,
Na primeira voz dos sinos,
Como na voz que anunciava
A conceição de Maria,
Que graças angelicais!)

Nossa Senhora do Carmo,
De lá de cima do altar,
Pede esmolas para os pobres,
- Para mulheres tão negras,
Que vêm nas portas do templo
De noite se agasalhar.

Beco que nasceste à sombra
De paredes conventurais,
És como a vida, que é santa
Pesar de todas as quedas.
Por isso te amei constante,
E canto para dizer-te
Adeus para nunca mais! ⁴⁰

Lira dos Cinquenta'Anos. 1940

(Manoel Bandeira - consagrado poeta . Em 1933 muda-se da rua Curvelo em Santa Teresa para a rua Morais Vale, na Lapa, onde mora até 1944).

Vinicius de Moraes foi outro jovem promissor que teve também sua experiência de vida na Lapa. Ele, Bandeira (e talvez "um homem discreto chamado Carlos Drummond de Andrade") atravessam as noites caminhando pela Lapa, entre alcoólatras, prostitutas, velhacos e desesperados, catando a poesia no chão. A Lapa teria sido o cenário ideal para as lições de poesia dadas a Vinicius pelo "poeta máximo" Manoel Bandeira.⁴¹

Ao escrever, a partir de 1940 um "Roteiro Lírico" da cidade do Rio de Janeiro, Vinicius de Moraes, encontra, em forma de poema, o apartamento de Manoel Bandeira com quem partilhava seus afetos de poeta.

LAPA DE BANDEIRA

(Quinta-rima)

Existia, e ainda existe
Um certo beco na Lapa
Onde assistia, não assiste
Um poeta no fundo triste
No alto de um apartamento
Como no alto de uma escarpa.

Em dias de minha vida
Em que me levava o vento
Como uma nave ferida
No cimo da escarpa erguida
Eu via uma luz discreta
Acender serenamente.

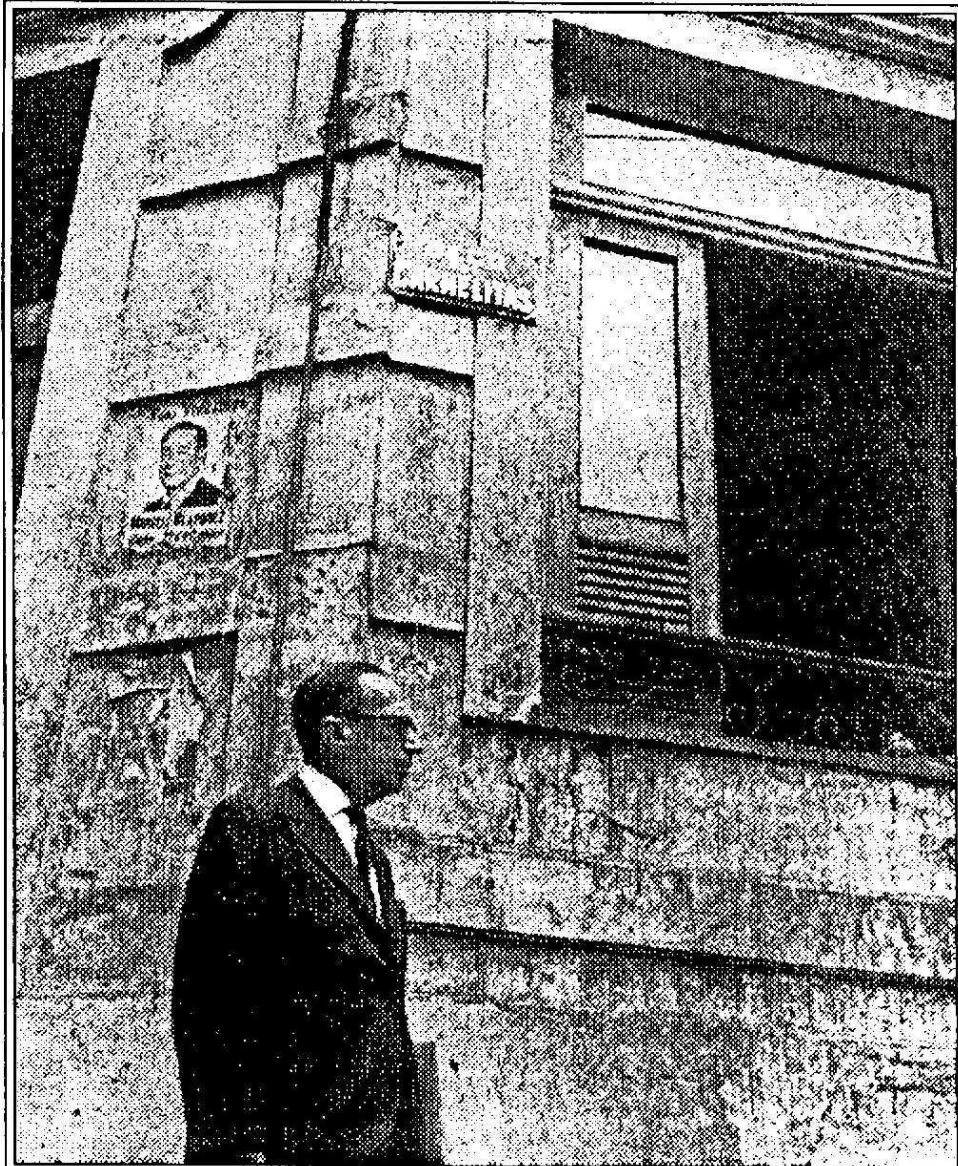
Era a ilha da amizade
Era o espírito do poeta
A buscar pela cidade
Minha louca mocidade.
Como uma nave ferida
Perambulando patética.

E eu ia e ascencionava
A grande espiral erguida
Onde o poeta me aguardava
E onde tudo me guardava
Contra a angústia do vazio
Que em baixo me consumia.

Um simples apartamento
Num pobre beco sombrio
Na Lapa, junto ao convento ...
Porém, no meu pensamento
Era o farol da poesia
Brilhando serenamente.

(Vinicius de Moraes - diplomata cassado pelo golpe de

64. Ficou na história de nossa sociedade como poeta)



MANOEL BANDEIRA

... das mulheres

As mulheres da Lapa boêmia nas lembranças de Alberto Deodato

[Eram] as mulheres mais bem comportadas do mundo. Parecia que, atrás daqueles resposteiros, moravam famílias conventuais. Se alguém se via, às vezes, à janela, eram cachorrinhos "lulus" de estimação, lavados e cheirosos ...

.

- Não quer ver a minha casa?

Fui. Quando abri a cortina, pisei tapetes caros. Espelhos por todos os recantos ... Uma vitrola, com discos da Casa Edson, rua do Ouvidor, Rio de Janeiro .⁴²

(Alberto Deodato morou, ainda como estudante e redator de jornais, durante alguns anos entre as décadas de 10 e 20, na rua da Lapa)

Mas "elas" ressurgem na Lapa, também, no espaço da memória de um outro importante boêmio que foi Lúcio Rangel.

A Lapa que conheci, ainda na década de 20, em muitos pontos lembra Storyville de New Orleans, guardadas as devidas

proporções ... [era] a Lapa da prostituição requintada, em contraste com o mangue, plebeu e vulgar... [As] casas eram bastante razoáveis e cômodas, como a pensão Imperial, construída palacete residencial de um grande da política e, depois, dando abrigo a mulheres que se chamavam Anita, Marina, que tinham secretária particular, Guiomar, especialista em certos requintes que a faziam muito procurada... Também, não faltavam nos bordéis da Lapa, os velhos pederastas, garçons e porteiros... [Lá] se tomava bom uísque a cinco cruzeiros a dose e as velhas francesas, em geral as exploradoras do negócio, eram leitoras de Colette e assinantes da "Nouvelle Revue Française".⁴³

(Lucio Rangel - uma das maiores autoridades da música popular brasileira; foi grande freqüentador da Boêmia lapaana juntamente com Henrique Pongetti e Luis Martins)

As mulheres - esse importante elemento da Boêmia - aparecem também nas recordações de Hernani Irajá.

Eram elas quase que na totalidade francesas, de Marselha, do Havre, de Lyon, a maioria era, ou dizia-se, de Paris ... Mas as italianas, as húngaras, as austríacas eram ótimas ...

[Nessas] casas de belas mulheres ... se podiam encontrar oficiais de alta patente, reformados ou não, desembargadores,

ministros, banqueiros, magnatas de fora, fazendeiros de Minas e São Paulo, estancieiros gaúchos ou platinos ...

Suzanne Casterat rodeava-se de lindíssimas fêmeas de todas as nacionalidades: russas, polonesas (não admitia que as chamassem de polacas, essas seriam do Beco dos Carmelitas) austríacas, espanholas, portuguesas e nacionais.

[A dona da pensão] industriava-as para reforçarem as consumações. Educava-as para se fazerem logo gamadas pelos coronéis, a fim de os tornarem assinantes de frequência obrigatória. Mas exigia das mulheres e dos homens o máximo de higiene e "bom comportamento". Seu palácio-toca localizava-se em sítio estratégico, na Rua da Lapa nº 83-A, junto ao falecido Hotel Guanabara, de saudosa memória.

Lúcia dando às falas sotaques com arremedos de filha de Salamanca ou de catalunha - "Hijito, viene, viene com la españolita Lúcia a hacer amorzito!". Contraste vivo com a pernambucana Anita, bela, atraente e apressada, que se mostrava de incrível grosseria com qualquer que a procurava - "Que é que você quer? Estou ocupada" ⁴⁴

(Hernani de Irajá)

... dos que lutaram politicamente

Nas lembranças de Olavo de Barros

Paris faz do seu "Quartier Latin" uma atração turística; Londres, idem de "Hampstead"; Lisboa e Buenos Aires, idem idem da Alfama e do "La Bocca"... Mas aqui, onde não há e nunca houve o culto da tradição ...

A Lapa ... do meu tempo foi mais tarde a Lapa de Alberto Deodato, Eduardo Silveira, de Menotti del Picchia ... boêmios inteligentes, educados, que se tornaram grandes figuras das letras, das artes e da diplomacia, e que em 1918, fundaram no 95 da rua da Lapa uma espécie de república socialista, que teve alguns anos de vida ...⁴⁵

(**Olavo de Barros** - ensaiador e diretor de teatro; fez parte da Comissão do Teatro Nacional, criada e extinta respectivamente, nos anos de 1936 e 1937, pelo Ministério de Educação e Saúde Pública, juntamente com Osvaldo Viana e Benjamim Lima; freqüentador por anos e anos seguidos da Boêmia lapeana)

E nas lembranças do próprio Alberto Deodato, ao qual se refere Olavo de Barros, encontramos também a "república" da rua da Lapa. Ficava na pensão de D. Isabel e de sua filha Maria, onde aos domingos serviam pastéis.

Quando da Lapa 95 fui despejado, eu e o Ciro saímos pela rua afora, espiando os sobrados de cujas janelas pendesse tampa de caixa de sapato. Era o sinal de quarto vago. E nos enfiamos no 56, de dona Antônia ...⁴⁶

(Alberto Deodato, Foi redator de vários jornais e escreveu teatro ligeiro. Morou em pensões na rua da Lapa com Ribeiro Couto. Sempre envolvido politicamente foi vereador, deputado estadual e federal por Minas Gerais)

E foi da Lapa também que saíram para a Semana de Arte Moderna - uma expressão cultural de forte cunho político, como vimos anteriormente - alguns nomes da nossa *avant-garde* como Menotti del Picchia e Di Cavalcanti.

Saí da Lapa, para a aventura da Semana de Arte Moderna em São Paulo, com o coração transbordando de aventuras amorosas, com a boca amarga de álcool mau e as mãos cansadas de desenhar o que via num mundo de Fantoques da Meia-Noite.⁴⁷

(Di Cavalcanti)

E localizamos ainda, nas lembranças de alguns boêmios da Lapa, outro ponto que ficou famoso por ser local preferido, na década de 20, para reuniões de integralistas e comunistas. Era o Café e Bar Indígena

Lá estavam sempre Agildo Barata, Simões Lopes, San Tiago Dantas, Plínio Salgado, Carlos Lacerda, Jorge Amado, Cândido Portinari e muitos outros. ⁴⁸

(Boêmios entrevistados)

...dos cafés e cabarés

No espaço da memória de alguns boêmios lapeanos os pontos mais freqüentados eram: O Siri - rua da Lapa 49, de propriedade de Albano, e onde se tomava o chope mais gostoso, acompanhado de siri escaldado ... ; o Café Bahia, esquina de Mem de Sá, dando vistas para os Arcos, ponto de reunião (de bolsos lisos) dos compositores Noel Rosa, Germano Augusto, Kide Pepe e Assis Valente.

Ainda hoje [1965] existe o café, esquina da Rua da Lapa com a da Glória, onde era visto o famoso Sinhô, todas as noites, com seu violão, tocando e compondo grandes sambas.

[Os] cabarés mais freqüentados : o "Apollo", o "Rex", o "Casa Nova", o "Royal Pigalle", ... e o "Brasil", cujo proprietário, Bueno Machado dançarino de fama, já falecido, "divulgou nosso original "maxixe" a dança coqueluche daquela época, nos mais famosos cassinos da Europa, notadamente em Madri e Paris".⁴⁹

[No] Café "Clube" [havia] o melhor macarrão com salada fria, por mil e duzentos réis; Bar do "Leitão", para quem queria comer a meia porção de bife à bordalesa, por 800 réis; ... o Bar Capela do criterioso bife com fritas e dos sanitários de louça inglesa de quase meio século; e para aqueles cujos companheiros tinham menor poder aquisitivo, o jeito era apelar para o bar do "Bahia" onde o freguês pedia um "Bife de Chaleira" e o garçom sabia que tinha que servir a "média com pão e manteiga" que custava 400 réis. E como última opção havia a baiana Maria que vendia bolo de milho que pesava 300 gramas por 200 réis, o chamado levanta cadáver.

Quem era mulher de malandro, no entanto, ia jantar na Leitaria Bol, no Chave de Ouro ou no Danúbio Azul, oportunidade em que faziam a prestação de contas aos "valientes"⁵⁰

(Boêmios entrevistados).

... da malandragem

Nas lembranças de uma das figuras mais destacadas das noites lapeanas - o Boi,

O malandro daquela época, não era um vagabundo qualquer como esses que andam por aí; tinha suas habilidades e sabia fazer fins aos faturamento. Entre as principais "fontes de renda" figuravam, em primeiro a mulher, isto é, a "mina" que lhe entregava, religiosamente, todos os dias, uma boa parte de sua receita arduamente adquirida. Naquele tempo, uma mulher de alto gabarito, como eram aliás, quase todas que freqüentavam a Lapa, cobrava 20 mil réis por "amor" e o malandro de verdade sempre tinha mais de uma "mina", de forma que arrecadava uma média de 50 mil réis por dia! Isso quando um bife com fritas, o melhor da cidade, servido no Capela, custava mil e duzentos réis.

O carteado era também um bom "bico"... Também as casas de jogo, os clubes, os cabarés, os cassinos e as pensões de mulheres colaboravam com o que se podia chamar de "seguro mútuo"... pelo bem comum, pois o malandro as protegia contra os desordeiros e maus pagadores. Não é de se estranhar, pois, a "elegância" com que se vestiam e a vida de nababo que levavam.⁵¹

("Boi" dono da porta e da ordem do cabaré Novo México; "leão de chácara alto e muito forte, ficou conhecido por usar apenas bons modos para manter a ordem)

O malandro daquele tempo era muito diferente do de agora, esses malandros sem personalidade.

Malandro de antigamente ... autêntico, verdadeiro, era homem, até certo ponto honesto, cheio de dignidade, consciente de sua profissão. Vivia sempre limpo, usava camisa de seda-palha com botões de brilhante, gravatas de "tousot" branca, sapato tipo "carrapeta"(salto mexicano). Na cabeça, chapéu do Chile, de conto de réis. Os dedos, cheio de anéis.⁵²

(Anônima - antiga garçonete de um café da Lapa boêmia, em 1965 casada, com filho no Colégio Militar)

... e suas (de)marcações espaciais

As lembranças dos boêmios, assim como as dos "velhos" não saem do lugar. E nele também se perfilam este ou aquele rosto, em suas vidas cotidianas.

Sempre fui um craque no estudo de Geografia. Primeiro no Colégio Pedro II, em países, capitais, montanhas, rios e lagos da Europa. Sabia, também, o resto do mundo. E se perdia o

primeiro lugar na América... é porque empacava em Washington. Teimava em chamar "Vasingtôn" ...

Mas, de todos os mapas que estudei, o que mais se me gravou na memória foi o da rua da Lapa. Não é mapa de Geografia Física, mas sentimental. O estudo foi feito em oito anos, de residência efetiva no n° 95, que ainda existe [1965].

Conheci a Lapa da gripe "espanhola" [1918] para cá ...

Há poucos dias passei por lá. E reconstituí sem esforço, prédio por prédio, morador por morador, episódio , a rua toda do Largo ao Hotel Guanabara.

Comecei assim: Grande Hotel da Lapa ...

Ao começar a rua, a Igreja. Foi templo católico, onde se ajoelhavam ... as pecadoras mais piedosas do mundo. A primeira missa do domingo era quase toda delas. De olhos tresnoitados pela boêmia da noite de sábado, iam lavar nos pés do seu santo as manchas do pecado ...

Do outro lado o Machado. Todas as gerações de estudantes da Lapa, Arcos e Riachuelo cortavam cabelo no Machado. Baiano moreno queimado ... O convívio universitário lhe deu tinturas de todas as cadeiras de todas as Faculdades ...

*Era o nosso cabeleireiro, barbeiro, vendedor de livros e casa
bancária. Guardava embrulhos e dava recados ...⁵³*

(Alberto Deodato)

E além das referências espaciais surgem também os signos lapeanos

.....

Neste mundo de Deus que nos guarde
Nós, heróis da Lapa,
Os heróis da Lapa, da madrugada!
Rua Conde de Lage,
Rua Joaquim Silva
Travessa do Mosqueiro,
Rua Maranguape,
Beco das Carmelitas,
A Igreja azul da praça,
A rua Taylor,
As escadas e ladeiras
Que subiam para Curvelo em Santa Teresa.
Onde morava o poeta Manoel Bandeira.
Os grandes elegantes que são os Arcos
E sobre os Arcos os amores mortos,
Barcos perdidos nos vendavais⁵⁴

(Di Cavalcanti)

... do "noturno da Lapa"

"A Lapa
Está voltando a ser a Lapa
A Lapa
Confirmando a tradição
A Lapa é o ponto maior do mapa
do Distrito Federal
Salve a Lapa " 55

.

(Letra de um samba de 1951 - Composição de Benedito Lacerda e Herivelto Martins . Gravação de **Francisco Alves**, morador, trabalhador e boêmio da Lapa)

Segundo Gasparino Damata o Carnaval de 1951 passou e a promessa da letra do samba não se concretizou, - a "Lapa continuou agonizante". No entanto, julgamos que essa música foi um marco da consagração póstuma da Lapa da boemia.

A decadência do bairro boêmio, afirma G. Damata, começou em 1940. A partir dessa data, a Lapa, que ficara famosa na história da cidade pela sua vida noturna dissoluta, com os seus cabarés sempre cheios, seus cafés abertos até de madrugada, suas ruas das mulheres, seus antros de jogatina e malandros, "é apenas uma recordação ("ou um esforço de imaginação").

Mas são as lembranças dos próprios boêmios que nos falam desse "Noturno da Lapa".

Com a Segunda Guerra Mundial a Lapa assiste a sua decadência ... O General Etchegoyen, Chefe de Polícia, moveu uma violenta campanha contra a prostituição fechando o Manguê e a Conde Lage. Ao mesmo tempo era invadida pelos marinheiros que lá derramavam dólares, transformando a Lapa [apenas] no estuário das mundanas.

(Dona Maria, chapeleira do cabaré Novo México, da Lapa boêmia)

[1940-41] foram ... os dois últimos anos da Lapa. Vieram logo depois o fechamento dos prostíbulos e a decretação da ilegalidade do jogo. Os malandros iriam ficar por ali, esperando o quê? Dispersaram-se, empobreceram, arribaram nos subúrbios em casas de parentes humildes que os esperavam, cheios de fé, com uma cama por forrar e um prato a pôr na mesa.⁵⁶

(Antonio Maria, importante figura de nossa imprensa escrita, freqüentou a "última Lapa" boêmia, e afirmava sempre que a cosmopolita Copacabana não o atraía).

- Irmão, me faz um favor grande ... conta pro mundo que a Lapa não há. Diz que a Lapa hoje é um vulto. Um desenho que

*a saudade pinta ... do lugar ... onde as francesas esparramavam perfume, onde o poeta sentava. Mas diz também que há um fantasma da Lapa morta que não me deixa, não larga um porção de gente. Fantasma que eu só derrubo na cachaça. É isso irmão. Diz que a Lapa hoje não passa de uma cachaça.*⁵⁷

(Geraldo Mônico, um *coadjuvante* [como diria José de Souza Martins]⁵⁸ da história da Lapa, às vésperas do grande golpe material que sofreria o bairro na década de 70)

Essa era então a Boêmia lapeana, com seu conteúdo social e tipo de vida historicamente reconhecidos, mas com suas próprias características, com suas singularidades, nos quadros de um determinado contexto da cidade do Rio de Janeiro.

A boemia da Lapa continha os elementos da Boêmia: a juventude talentosa e promissora, pobre, envolvida politicamente, que se opunha ao (ou encarnava o) espírito burguês. Continha também o submundo das prostitutas, dos vigaristas e da diversão.

Mas foi apenas o rebatimento material e social desses elementos no espaço que permitiu a boêmia emergir como uma experiência real, concreta.

Com a desvalorização do bairro da Lapa, por um lado, e a vantagem de sua proximidade com o centro, por outro, um espaço significativo de suas casas passa a ser ocupado, sob forma de aluguel de quartos em pensões, casas de

cômodos ou mesmo em casas de famílias, por um grande número de rapazes solteiros. Com isso junto com as famílias de imigrantes surgem como moradores também, um contingente formado (embora não só) de jovens estudantes, jornalistas, escritores, artistas - uns pobres outros não - que vinham tentar a vida no grande centro urbano constituído pela cidade do Rio de Janeiro.

Esses jovens, juntamente com os filhos jovens dos imigrantes, vão se constituir num dos importantes elementos da Lapa boêmia.

O contingente de jovens somado aos negociantes, fazendeiros e políticos que se hospedavam nos hotéis do bairro e somado ainda ao grande número de homens que todos os dias se dirigiam ao núcleo central - comercial e político-administrativo - vizinho, criavam um mercado bastante favorável para aquelas mulheres e homens, que tinham como opção de ofício, ou meio de exploração, a prostituição. Acrescentava-se assim mais um elemento para a formação da boemia na Lapa.

Esses elementos criavam outras oportunidades de mercado que se concretizavam com a abertura de um número cada vez maior de casas de comércio em geral, de cafés, de cabarés e toda a sorte de casas de diversão.

Esse conjunto de elementos , e outros não mencionados, reunidos num mesmo espaço, passam a atrair freqüentadores, "fregueses" e toda a sorte de pessoas que passam a constituir também a Boêmia lapeana.

Por mais intensas que fossem as experiências individuais e coletivas vividas por esses agentes sociais, a construção de sua identidade boêmia só seria possível se realizada num espaço determinado.

E foi o bairro da Lapa o espaço "marginal" possível, dentro da zona periférica do núcleo central da cidade Rio de Janeiro, para a realização dessa construção.

E foi também por essa razão que as lembranças dos boêmios em nenhum momento saíram do lugar. Não saíram das ruas, das casas, dos cafés, dos hotéis, dos bordéis, da Igreja, dos Arcos, do Largo ... do bairro da Lapa.

E foi ainda essa identidade espacial, construída no passado, que, como saudosas lembranças, emergiram, a partir de 1940, no espaço de sua memória, quando perceberam que sua Boêmia lapaena estava morrendo. Ou melhor que morria uma determinada forma, subjetivamente coletiva, de experiência do lugar, de apropriação de um mundo realizado. A Lapa só existia agora como um fantasma, como um esforço de imaginação, de criação póstuma.

* * *

Assim tentamos através dos espaços da memória dos velhos e dos boêmios, reconstruir as duas identidades espaciais da Lapa - familiar e boêmia - para o período em torno de 1910 - 1940. Eles nos revelaram: primeiro, que numa coexistência territorial diferentes experiências vividas produziram sentidos diferenciados sobre o mesmo lugar, a não ser quando as duas experiências se

fundiam numa só; segundo, que naquele contexto do Rio de Janeiro o contexto da Lapa se constituiu no local onde havia lugar: para os mestres-de-obras; para os comportamentos desviantes; para a boemia; para os "pés-no-chão"; para as festas populares; para as pensões baratas; para a solidariedade étnica e familiar; para a juventude promissora; para o pensar uma outra sociedade ... enfim para o casamento entre o velho e o novo.

A Lapa era assim um interregno , uma trégua, um compasso de espera, e ao mesmo tempo de avanço, do movimento de expansão dessa cidade que se fazia um espaço da modernidade.

Mas falta-nos ainda aclarar nossa questão inicial: por que uma identidade espacial - a boêmia - domina a outra - a familiar - no imaginário coletivo da cidade - do Rio de Janeiro ?

Tentaremos fazê-lo em forma de conclusão.

NOTAS :

¹HALBWACHS, Maurice. A memória coletiva. São Paulo: Vértice, 1990, p. 158.

²Apud BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos. São Paulo: T.A. Queiroz. Ed. USP, 1987, p. 356.

³HALBWACHS, M.. *Op. cit.*, pp. 158-159.

⁴POULET, George. O espaço Proustiano. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992, p. 43.

⁵Idem, p.41.

⁶Idem, p. 50.

⁷HALBWACHS, M.. *Op. cit.*, p. 160.

⁸POULET, G.. *Op. cit.*, p. 13.

⁹Idem, p. 18.

¹⁰Idem. p. 19.

¹¹Idem, p. 23.

¹²Idem, p. 20.

¹³Idem, p. 31.

¹⁴Idem, p. 31-54-55-57-58.

¹⁵HALBWACHS, M.. Adaptado por BOSI, E.. *Op. cit.*, p. 23.

¹⁶Apud BOSI, E.. *Op. cit.*, p. 22.

¹⁷CHAUÍ, Marilena. *Os trabalhos da memória*. In BOSI, E.. *Op. cit.*, p. XIX.

¹⁸Idem.

¹⁹ELIADE, Mircea. *O espaço sagrado e a sacralização do mundo*. In *O sagrado e o profano*. (texto-xerox) pp. 35-6-7-8.

²⁰GUATTARI, F. (1992). *Op. cit.*, p. 169-70.

²¹ELIADE, M. *Op. cit.*, pp. 46-7.

²²DA MATA, Roberto. *Espaço: casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil*. In *a casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986, pp. 35-6.

²³De todas as entrevistas realizadas, transcrevemos um trecho onde cada um dos sete "velhos" recordadores apresenta sua origem étnico-social. Com relação aos outros elementos de identificação espacial selecionamos, para transcrever, apenas alguns "pedaços" das entrevistas.

²⁴Embora hoje muitos considerem que toda a área que fica ao longo e entre as ruas Riachuelo e Mem de Sá até a rua Frei Caneca constituam outra parte do

bairro da Lapa, existe uma forte resistência em considerá-la como tal. Para muitos a razão dessa resistência estaria na negação dos moradores dessa área de serem incluídos num bairro de má fama. Julgamos que a razão é histórica. A tradição, a voz do povo, desde o século XIX demarca a Lapa da mesma forma que os "velhos" o fizeram.

²⁵Apud SEIGEL, Jerrold, Paris Boêmia: Cultura, política e os limites da vida burguesa: 1830 - 1930. Porto Alegre: L&PM, 1992, p. 12.

²⁶Idem, p. 12.

²⁷Idem, pp. 13-14.

²⁸Idem, p. 13.

²⁹Idem, p. 13.

³⁰Idem.

³¹Idem.

Não pretendemos discutir no espaço desse trabalho o fenômeno da Boêmia e se ela seria verdadeiramente uma oposição à burguesia, ou se, sob a pele de cada boêmio, existiria um burguês. Existe uma imensa bibliografia sobre o tema. Ver SEIGEL, J.. Op. cit., pp. 104-107.

³²Idem, pp. 67-8-9.

³³Idem, p. 340.

³⁴SIEGEL, J.. Op. cit., pp. 339-40.

³⁵Idem, p. 397.

³⁶IRAJÁ, Hernani de. Adeus! Lapa. Rio de Janeiro: Gráfica Record Editora S.A., 1967, pp. 17-8-9.

³⁷DI CAVALCANTI. *A vida dos meus vinte anos*. Apud DAMATA, G. Op. cit., pp. 45-6.

³⁸DAMATA, Gasparino. Antologia da Lapa: Vida boêmia no Rio de Ontem. Rio de Janeiro: Ed. Leitura, 1965, pp. 23-4-5.

³⁹Todas as lembranças de Jorge de Castro foram extraídas de DAMATA, G. . Op. cit., pp. 27-8-9.

⁴⁰ANDRADE, Carlos Drumond. *Bandeira, a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Edições Alumbamento. Livroarte Editora, 1986, pp. 106-7.

⁴¹MORAES, Vinicus de. Roteiro lírico e sentimental da cidade do Rio de Janeiro (escrito entre 1940 e 1970). São Paulo: Companhia das Letras, 1992 pp. 100-1.

⁴²DEODATO, Alberto. Roteiro da Lapa. In DAMATA, G.. *Op. cit.*, pp. 37-8.

⁴³RANGEL, Lucio. *A Lapa e a música popular*. In DAMATA, G. *Op. cit.*, pp. 75-6.

⁴⁴IRAJÁ, H. de. *Op. cit.*, pp. 23-41.

⁴⁵BARROS, Olavo de. *A Lapa de meu tempo: 1909-14*. Rio de Janeiro: Ed. Pongetti, 1968, p. 34.

⁴⁶DEODATO, A.. *Op. cit.*, p. 7.

⁴⁷DI CAVALVANTI. *Op. cit.*, pp. 45-6.

⁴⁸GUANABARA EM REVISTA. *Op. Cit.*, pp. 5-14.

⁴⁹DAMATA, G.. *Op. cit.*, p. 25.

⁵⁰GUANABARA EM REVISTA. *Op. Cit.*, pp. 5-14

⁵¹Entrevista publicada in GUANABARA EM REVISTA. *Op. Cit.*, pp. 5-14

⁵²Idem.

⁵³DEODATO, A.. *Op. cit.*, pp. 35-6.

⁵⁴DI CAVALCANTI. *Op. cit.*, p. 45.

⁵⁵GUANABARA EM REVISTA. Editada pelo Museu da Imagem e do Som nº 2 - 1966, p. 13.

⁵⁶ANTONIO MARIA. *A Última Lapa*. *Apud* DAMATA, G., *Op. cit.*, p. 73.

⁵⁷JORNAL DO BRASIL, 5.10.72, Caderno Cidade, entrevista, p. 24.

⁵⁸MARTINS, José de Souza. *Por uma compreensão do esquecimento e do silêncio*. In Subúrbio. São Paulo: Editora Hucitec/Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992, pp. 7--25.

Em busca da conclusão

A representação como reprodutora de identidades espaciais

"A geografia não se contenta em fornecer uma matéria e lugares variáveis para a forma histórica. Ela não é somente física e humana, mas mental, como a paisagem."

Gilles Deleuze

Felix Guatari

"... cada coisa se encontra, por assim dizer, em um espaço de coisas possíveis."

L. Wittgenstein

Segundo Yves Lacoste, tudo que está no espaço diz respeito à geografia, inclusive o drama. E no conhecimento do espaço descobrimos o que está em jogo nas diversas representações¹.

Possuir ou construir o mapa de um território, não significa apenas colocarmos cada coisa em seu lugar - dominar a espacialidade das coisas - no sentido material. Para a compreensão de certos aspectos do espaço é necessário buscar o sentido da espacialidade, isto é, o caráter afetivo do mapa.

O mapa afetivo não é menos rigoroso que os demais, pois além de colocar cada coisa em seu lugar, dá, também, a cada uma delas um significado, um sentido, um valor.

O mapa afetivo contém uma outra "lógica" de representação. Nele são os signos que marcam os pontos e traçam os limites do território. Nele "não há logos, só há hieróglifos"². É o mapa afetivo que expressa a forma pela qual os homens se identificam com o seu lugar.

No entanto, como nos chama a atenção Wanderley Guilherme dos Santos, as representações são de confusa origem³. Tanto que, ao contrapor no espaço deste trabalho, os espaços da memória dos "velhos" e dos "boêmios", nos deparamos, em princípio, com dois mapas afetivos - com duas representações sobre o mesmo território. Nos deparamos com duas identidades espaciais.

Mas, se "somos todos, em primeiro lugar, fragmentos ambulantes e complementares de nossa sociedade - as partes do total"⁴. Se é através da vida cotidiana que os homens, em determinados espaços, se apropriam do "mundo realizado"⁵ ou da "sociedade instituída"⁶. Se, ao mesmo tempo, é na cotidianidade que os homens - o genérico-humano - se consubstanciam como indivíduos⁷ em função de seus grupos. E, ainda, coletivamente são livres para criar estilos e formas de vida próprios, a Lapa foi o lugar, o fragmento urbano da cidade do Rio de Janeiro - historicamente possível, para que alguns homens entrassem em contato com a sociedade como um todo, durante o período estudado. E mais. Através de suas "diferentes práticas espacializadas"⁸, estes homens, em grupos, produziram subjetividades coletivas distintas como "familiares" e/ou como "boêmios". Pois,

"a subjetividade humana é infinita, inesgotável e permanentemente irrequieta... é absolutamente livre, em princípio...".⁹

Assim, estamos diante de duas formas de apropriação do mesmo território. Dois arbítrios. Duas identidades espaciais para o mesmo fragmento urbano. Em outras palavras:

"A subjetividade é um conjunto de condições que torna possível que instâncias individuais e/ou coletivas estejam em posição de emergir como território existencial auto-referencial...".¹⁰

Mas nossa questão não se resolve ainda, aqui. É preciso ir além, caso queiramos responder, porque uma identidade espacial sufocou outra.

Vejamos, então.

Durante o período estudado, os moradores dos outros bairros da cidade do Rio de Janeiro, identificavam a Lapa como um bairro misto, onde coexistiam famílias, pensões, casas noturnas e prostituição. Muitos falaram em uma Lapa diurna e uma Lapa noturna, para ressaltar os diferentes usos.

No entanto, julgamos que a fama, a consagração do bairro como Lapa da boemia resulta de uma criação póstuma. Quando o bairro passou a ser cantado e escrito em prosa e verso - nos rádios, nos jornais, nas revistas, nos livros - pelo saudosismo daqueles que antes eram "jovens talentosos e promissores

"mas que agora já se constituíam em importantes figuras de nossa arte, música, diplomacia, política e jornalismo. Assim que as "famílias" e os "boêmios" deixaram a Lapa, passaram a (re)apresentá-la - para si e para os outros - com base nas identidades espaciais que haviam construído naquele lugar (agora) no passado.

A (re)apresentação da Lapa familiar foi feita a boca pequena. Enquanto a da Lapa boêmia - devido às próprias características e mesmo importância dos elementos que a constituíam - foi feita publicamente.

Mas o mais importante é observarmos a forma de representação de cada uma das identidades.

Aquilo que, em nosso trabalho, reconstruímos como identidades espaciais - familiar e boêmia - foram justamente os espaços de representação da Lapa no espaço da memória dos "velhos" e dos "boêmios", o que nos permite através dele ver com mais clareza porque uma identidade, agora pensada como representação, dominou a outra.

Ao identificarem a Lapa como bairro da boemia, uns, e como bairro familiar, outros, os dois grupos o fizeram através do espaço da memória.¹¹ Trouxeram para esse espaço, através dos signos proustianos, suas verdades ou suas "interpretações" do mundo vivido. Fixando em suas memórias aquilo que para cada um dos grupos ou para cada uma de suas subjetividades coletivas continha mais significado. Ou nos termos de F.Guattari, fixaram seus universos de referência.

O espaço da memória se transformou, então, através dos signos, numa representação do espaço. Mas, como,

"na origem da representação [ocorre] o conflito entre a sensação do acontecer e a química interessada apaixonada que elabora o acontecer da sensação",¹²

não pretendemos afirmar que o acontecer da sensação no espaço da memória dos "velhos" tenha sido menos apaixonado do que no espaço da memória dos "boêmios".

Mas pretendemos afirmar, sim, que a forma, também apaixonada, pela qual os boêmios apresentaram a sensação do acontecer, foi feita com tal força de representação, que se transformou numa imagem muito forte. E essa imagem passou a constituir a identidade da Lapa, pelo acordo das gentes, isto é, passou a dominar o imaginário social da cidade do Rio de Janeiro.

Os "boêmios" - artistas, poetas, prosadores, sambistas, jornalistas, cronistas - utilizaram todos os recursos da linguagem publicada, veiculada, para expressar o cotidiano da "sua" Lapa. Lapa cenário. Lapa, como diria Henri Lefebvre, "com amplitude teatral"¹³. Carregada de figuras estereotipadas. De trajes. De máscaras. Quase épica, em alguns momentos.

Enquanto a representação, a imagem da cotidianidade da Lapa das famílias reveste-se de uma profunda trivialidade, de uma angustiante banalidade. Nela não há o heteróclito, isto é, o extravagante, o extraordinário

que compõem o imaginário social dominante. A Lapa familiar-residencial é menos sedutora. A não ser quando rompe com as fronteiras que separam os dois territórios.

Portanto, as representações não expressam "brutas realidades objetivas", pois estão impregnadas de significado. Os sujeitos coletivos representam a realidade como ela precisa ser para servir como premissa material, prática, a partir da qual esses sujeitos validam sua existência.¹⁴

Com isso, não queremos afirmar que a imagem da representação seja uma ilusão, uma falsidade. Não. Pois, acreditamos que a imagem seja também um real singular¹⁵. Que imprime mais realidade ao próprio real.

A imagem assim é mito também, no sentido proposto por Cornelius Castoriadis, pois, segundo suas próprias palavras, não há sociedade sem mito,... um meio para a sociedade investir de significado o mundo e sua própria vida dentro do mundo - um mundo e uma vida que, de outra forma, são obviamente absurdos¹⁶.

Assim concluímos que todos os mapas geográficos - afetivos ou não - são representações, são imagens, são mitos, pois,

"A subjetividade humana é infinita, inesgotável e permanentemente irrequieta. A subjetividade humana, sua capacidade de imaginar, de representar, não tem qualquer

fronteira natural. Enquanto viva ela não está sujeita nem ao tempo nem ao espaço, apenas à morte."

NOTAS:

¹LACOSTE, Yves. *Yves Lacoste*. In *Idéias Contemporâneas: Entrevistas do Le Monde*. São Paulo: Editora Ática, 1989, p. 123.

²DELEUZE, G. *Op. cit.*, p. 100.

³SANTOS, W. G. dos. *Op. cit.*, pp. 14-5-6.

⁴CASTORIADIS, Cornelius. *O Domínio Social - Histórico*. In *Os Destinos do totalitarismo e outros escritos*. Porto Alegre: L & PM Ed., 1985, p. 27

⁵LEFEBVRE, H. *Introducción a la psicología de la vida cotidiana..* In *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ed. Península, 2a. ed., s/d, p. 85-6-7-8-9.

⁶CASTORIADIS, C.. *Op. cit.*, p. 23.

⁷HELLER, A.. *Op. cit.*, pp. 17-8-9.

⁸CORRÊA, Roberto Lobato. *Territorialidade, Desterritorialidade: Os limites do Poder Nacional e do Poder Local: Globalização e Fragmentação*. Trabalho

apresentado à Mesa Redonda realizada pela ANPUR, em São Paulo, abril de 1993.

⁹SANTOS, W.C. dos. *Op. cit.*, p. 16.

¹⁰GUATTARI, F. (1992) *Op. cit.*, p. 19.

¹¹É importante lembrar que a Lapa residencial resgatada aqui, pela memória dos velhos, é a mesma Lapa a qual eles se referiam também em adultos nas décadas de 40 e 50, e da qual então ouvíamos falar enquanto crianças. Nesse sentido, as duas identidades espaciais, construídas entre 1910 e 1940 para o mesmo território, eram resgatadas ao mesmo tempo.

¹²SANTOS, W. G. dos. *Op. cit.*, p. 10.

¹³LEFEBVRE, Henri. *La vida cotidiana en el mundo moderno*. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1968, p. 9.

Não é a toa que a favela é identificada como o espaço da bandidagem. Embora, a maior parte de seus moradores seja constituída de trabalhadores. Ou, ainda, o caso de Copacabana - hoje plebéia - ainda identificada, para uso externo, como "Princesinha do Mar".

¹⁴SANTOS, W. G., *Op. cit.*, p. 15.

¹⁵ROCHA, Sílvia D. Velloso. A Imagem Inocente: Investigação sobre o conceito de imagem como objeto singular. Rio de Janeiro, UFRJ/Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Dissertação de Mestrado, 1991.

¹⁶CASTORIADIS, C.. *Op. cit.*, p. 33.

Fontes e Bibliografia

1. Fontes básicas

1.1 Periódicos

Revista da Semana - 27.9.1941 : "A Lapa de Hoje".

Revista da Semana - 25.5.1946 : "O bairro da Lapa".

Guanabara em Revista nº 2 (Museu da Imagem e do Som) 1966 : "A malandragem decente".

Correio da Manhã - 30.12.1969 : "Lapa : documento e saudade".

Diário de Notícias - 18.7.1973 : "Para onde vai o resto da Lapa".

Jornal do Brasil - 5.10.1972 : "Um bairro na recordação dos boêmios".

5.6.1983 : "A Lapa está voltando a ser a Lapa 50 anos depois",

21.7.1990 : "A cara da Lapa vai mudar".

16.8.1990 : "Bairro cresceu à sombra da Capela".

29.3.1992 : "O bom malandro".

O Globo - 27.05.68 : "Lapa tem Boi na História e uma resistência heróica".

O Paiz - 3.1.1920 : "A greve dos 'chauffeurs'".

1.2 . Obras literárias

ANDRADE, Carlos Drumond de. *Bandeira, a Vida Inteira*. Rio de Janeiro: Edições Alumbramento/Livroarte Editora, 1986.

DOSTOIEVSKI, Fiodor M.. *Notas do Subterrâneo*. Rio de Janeiro, Ed. Bertrand Brasil S.A., 1989.

MORAES, Vinicius de. *Roteiro Sentimental da Cidade do Rio de Janeiro e outros lugares por onde passou e se encantou o poeta*. São Paulo : Companhia das Letras, 1992.

PROUST, Marcel. *No Caminho de Swan*. São Paulo: Editora Globo, 1991.

_____. *O Tempo Redescoberto*. São Paulo: Editora Globo, 1990.

1.3 . Crônicas e Memórias

BARROS, Olavo de. *A Lapa do meu tempo: 1909-1914*. Rio de Janeiro, Editora Pongetti, 1968.

BERGER, Paulo. *Dicionário Histórico das Ruas do Rio de Janeiro: I e II regiões administrativas (centro)*. Rio de Janeiro : Gráfica Olímpica Editora Ltda., 1974.

COARACY, Vivaldo. *Memórias da Cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1965.

DAMATA, Gasparino. *Antologia da Lapa : Vida boêmia no Rio de Ontem*. Rio de Janeiro : Ed. Leitura, 1965.

FERREZ, Gilberto. O Rio Antigo do fotógrafo Marc Ferrez! Paisagens e tipos humanos do Rio de Janeiro, 1865-1918. São Paulo: João Fortes Engenharia / Editora Ex Libris, 1984.

GERSON, Brasil. *A Lapa e a Glória*. In História das ruas do Rio. Rio de Janeiro : Livraria Brasiliense Editora, 1965.

IRAJÁ, Hernani de. Adeus! Lapa. Rio de Janeiro : Gráfica Record Editora S.A., 1967.

MARTINS, Luis. Noturno da Lapa. Rio de Janeiro : Ed. Civilização Brasileira S.A., 1964.

LUIS EDMUNDO. O Rio de Janeiro de meu tempo. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, vol. 2, 1938.

PASSOS, Alexandre. O Rio no tempo do onça (século XVI ao XVIII). Rio de Janeiro: Jamilho Ribeiro dos Santos Editor, 1930.

2. Bibliografia

ABREU, Maurício de Almeida. *A cidade, a montanha e a floresta*. In ABREU, M. de A. (org.). *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

_____. A Periferia de Ontem : o processo de construção do espaço suburbano do Rio de Janeiro (1870-1930). In Espaço & Debates nº 21, 1987.

_____. Da habitação popular ao habitat: a questão da habitação popular no Rio de Janeiro e sua evolução. In Revista do Rio de Janeiro, Niterói, vol. 1, nº 2, 1986.

_____. *Evolução Urbana do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro : IPLANRIO / Zahar, 1987.

_____. *O Estudo geográfico da cidade no Brasil: Evolução e Avaliação (Contribuição à História do Pensamento Geográfico Brasileiro)*. UFRJ, Departamento de Geografia, 1991 (texto-xerox).

_____. *Reconstruindo uma história esquecida: origem e expansão inicial das favelas do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: UFRJ, Departamento de Geografia, 1992 (texto-xerox).

AZEVEDO, Aroldo. *A Cidade de São Paulo - Estudos de Geografia Urbana*, volume III. São Paulo: Associação dos Geógrafos Brasileiros - AGB, 1958.

_____. *Vilas e cidades do Brasil*. In *Anais da Associação dos Geógrafos Brasileiros* 9 (1), 5.d. (texto-xerox).

BARDY, Cláudio. *O século XVI (Da fundação até o fim)*. In *Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos: Formação e desenvolvimento da cidade*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1965.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

BERNARDES, Lysia M.C.. *Evolução da paisagem urbana do Rio de Janeiro*. In ABREU, Maurício de A. (org.) *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

BOSI, Ecléa. *Memória e Sociedade: Lembrança de Velhos*. São Paulo: T.A. Queiroz: Ed. USP, 1987.

CASTORIADIS, Cornelius. *O Domínio Social - Histórico*. In *Os Destinos do totalitarismo e outros escritos*. Porto Alegre: L & PM Ed., 1985.

CORRÊA, Roberto Lobato. O Espaço Urbano. São Paulo: Editora Ática, 1989.

_____. *O meio ambiente e a metrópole*. In ABREU, M. de A. (org.). *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.

_____. *Territorialidade, Desterritorialidade: Os limites do Poder Nacional e do Poder Local: Globalização e Fragmentação*. São Paulo: ANPUR, Mesa Redonda, abril de 1993.

DA MATTA, Roberto. *Espaço, casa, rua e outro mundo: o caso do Brasil*. In *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1986.

DELEUZE, Gilles. *Conversações: 1972-1990*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

_____. *Proust e os signos*. Rio de Janeiro: Ed. Forense - Universitária, 1987.

DELEUZE, Gilles. GUATTARI, Felix. *O que é a filosofia*. Rio de Janeiro: Ed.34, 1992.

DESCHAMPS, Christian. *As idéias filosóficas contemporâneas na França (1960-1985)*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

DUARTE, Haidine da Silva Barros (1974). *"A cidade do Rio de Janeiro: descentralização das atividades terciárias. Os centros funcionais"*. In *Revista Brasileira de Geografia* 36 (1).

DUBY, Georges. LARDREAU, Guy. *A memória e o que ela esquece*. In *Diálogos sobre a nova história*. Lisboa: Publicação D.Quixote, 1989.

ECO, Humberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Ed. Perspectiva S.A., 1992.

ELIADE, Mircea. *O espaço sagrado e a sacralização do mundo*. In *O sagrado e o profano*. (texto-xerox).

- ENGEL, Magali G. *A cidade, as prostitutas e os médicos*. In Revista do Rio de Janeiro, Niterói, vol. 1, nº 3, 1986.
- ENGELS, Friedrich. *As Grandes cidades*. In A situação da classe trabalhadora na Inglaterra. São Paulo: Global Editora, 1986.
- ENTRIKIN, J. Nicholas. *The Betwenness of Place: towards a geography of modernity (critical human geography)*. London, Macmillan Education Ltd., 1991.
- GALVÃO, Maria do Carmo Corrêa. *Focos sobre a questão ambiental no Rio de Janeiro*. In ABREU, M. de A. (org.). *Natureza e Sociedade no Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro: Biblioteca Carioca, 1992.
- GUATTARI, Felix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.
- HELLER, Agnes. *O Cotidiano e a História*. Rio de Janeiro: Ed. Paz e Terra, 1989.
- HOLZER, Werther. *A Geografia Humanista - sua trajetória de 1950 a 1990*. Rio de Janeiro, UFRJ/IGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dissertação de Mestrado, 1992.
- LACOSTE, Yves. *Yves Lacoste*. In *Idéias Contemporâneas. Entrevistas do Le Monde*. São Paulo: Editora Ática, 1989.
- LAMÊGO, Alberto Ribeiro. *A paisagem carioca e suas origens*. In *Rio de Janeiro em Quatrocentos Anos: Formação e desenvolvimento da cidade*. Rio de Janeiro: Distribuidora Record, 1965.
- LEFEBVRE, Henri. *Barrio y vida de barrio*. In *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ed. Península, 1973.
- _____. *Henri Lefebvre*. In *Idéias Contemporâneas: Entrevistas do Le Monde*. São Paulo: Editora Ática S.A., 1989.
- _____. *Introduccion a la psicologia de la vida cotidiana*. In *De lo rural a lo urbano*. Barcelona: Ed. Península, 1973.

_____. La vida cotidiana en el mundo moderno. Madrid: Alianza Editorial S.A., 1968.

_____. O pensamento marxista e a cidade. Póvoa do Varzim: Ed. Ulisseia, 1972.

LOGAN, John R.. MOLOTCH, Harvey L.. Urban Fortunes: The Political Economy of Place. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, Ltd., 1987.

MAIA, João Luís de Araujo. La-para-além da Imaginação. Rio de Janeiro: UFRJ, Curso de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Dissertação de Mestrado, 1990.

MARTINS, José de Souza. Introdução: *Por uma compreensão do esquecimento e do silêncio*. In Subúrbio: Vida cotidiana e história no subúrbio da cidade de São Paulo: São Caetano, do fim do Império ao fim da República velha. São Paulo: Editora Hucitec / Prefeitura de São Caetano do Sul, 1992.

MELLO, João Manuel Cardoso. O Capitalismo Tardio. São Paulo, Editora Brasiliense, 1982.

MONBEIG, Pierre. *O estudo geográfico das cidades*. In Boletim Geográfico 1 (7), 1943.

MORAES, Antonio Carlos Robert. Historicidade, consciência e construção do Espaço. In SOUZA, M.A. e SANTOS, M.. São Paulo: Nobel, 1986.

MUNFORD, Lewis. A cidade na história: suas origens, desenvolvimento e perspectivas. São Paulo: Martins Fontes, 1982.

NESTOR NETO, de Oliveira. *A evolução dos transportes*. In Rio de Janeiro em seus quatrocentos anos. Formação e desenvolvimento da cidade. Rio de Janeiro, Distribuidora Record, 1965.

PENA, Lincoln de Abreu. Uma história da República. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1989.

PETRONE, Pasquale. Pinheiros - Estudo Geográfico de um bairro paulistano. São Paulo: EDUSP, 1963.

- POULET, Georges. O Espaço Proustiano. Rio de Janeiro: Imago Ed., 1992.
- PREFEITURA do Rio de Janeiro. O Rio de Janeiro e seus prefeitos: evolução urbanística da cidade. Impresso por Editora Lidador Ltda. RJ, 1977.
- RABHA, Nina Maria de Carvalho. Cristalização e Resistência no Centro do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ, IGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dissertação de Mestrado, 1984.
- RIBEIRO, Ana Clara Torres. Rio-Metrópole: A produção social da imagem urbana. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, Departamento de Ciências Sociais, Área de Sociologia, Tese de Doutorado, 1992.
- ROCHA, Silvia Pimenta Velloso. A Imagem Inocente: Investigação sobre o conceito de imagem como objeto singular. Rio de Janeiro: UFRJ, Curso de Pós-Graduação da Escola de Comunicação, Dissertação de Mestrado, 1991.
- SANTOS, Milton. Por uma Geografia nova: da crítica da geografia a uma geografia crítica. São Paulo: HUCITEC/EDUSP, 1978.
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. Discurso sobre o objeto: uma poética do social. São Paulo: Companhia das Letras: Secretaria de Estado da Cultura, 1990.
- SCARLATTO, Francisco Capuano. O real e o imaginário no Bexiga: autofagia e renovação urbana no bairro. São Paulo, USP/FFLCH/Departamento de Geografia, Tese de Doutorado, 1989.
- SEGADAS SOARES, Maria Therezinha. *O Conceito geográfico de bairro e sua exemplificação na cidade do Rio de Janeiro*. In Boletim Carioca de Geografia 11 (3/4), 1958.
- SEIGEL, Jerrold. Paris Boêmia: Cultura, política e os limites da vida burguesa - 1830 - 1930. Porto Alegre: L & PM, 1992.
- SEVCENKO, Nicolau. Literatura como missão: tensões sociais e criação cultural na Primeira República. São Paulo: Editora Brasiliense, 1983.

SOUZA, Marcelo José Lopes de. O que pode o ativismo de bairro? Reflexão sobre as limitações e potencialidades do ativismo de bairro à luz de um pensamento autonomista. Rio de Janeiro, UFRJ/IGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia. Dissertação de Mestrado, 1988.

STROHAECKER, Tania Marques. O Bairro de São Cristóvão: de arrabalde aristocrático a periferia do centro. Rio de Janeiro, UFRJ/IGEO/Programa de Pós-Graduação em Geografia, Dissertação de Mestrado, 1989.